

**Universidade Estadual de Maringá  
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPI  
Curso de Mestrado em Psicologia  
Área de Concentração: Psicanálise e Civilização**

**Homossexualidade feminina e suas correlações com a  
feminilidade na teoria freudiana**

**CAROLINE PHILIPP PASTANA**

**Maringá**

**2020**

**Universidade Estadual de Maringá**  
**Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes**  
**Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPI**  
**Curso de Mestrado em Psicologia**  
**Área de Concentração: Psicanálise e Civilização**

**Homossexualidade feminina e suas correlações com a  
feminilidade na teoria freudiana**

Dissertação apresentada por Caroline Philipp Pastana ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade, da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Leandro Klipan

**Maringá**

**2020**

**CAROLINE PHILIPP PASTANA**

**HOMOSSEXUALIDADE FEMININA E SUAS CORRELAÇÕES COM A  
FEMINILIDADE NA TEORIA FREUDIANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade, da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título e Mestre em Psicologia.

**COMISSÃO JULGADORA**

---

**Prof. Dr. Marcos Leandro Klipan**  
**Universidade Estadual de Maringá – UEM**  
**Professor Orientador – Presidente da Banca Examinadora**

---

**Profª Drª. Eliane Domingues**  
**Universidade Estadual de Maringá – UEM**

---

**Prof. Dr. Marcos Mariani Casadore**  
**Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos (UniFIO)**

**Maringá, 28 de agosto de 2020**

**Para *Gabriel e Clara***

## **Agradecimentos**

À Universidade Estadual de Maringá, por proporcionar o acesso ao Mestrado em Psicologia.

Aos docentes e funcionários do PPI, por viabilizar os instrumentos necessários para a realização deste Mestrado.

Ao meu orientador Prof. Dr. Marcos Leandro Klipan, por sua dedicação, orientação e apoio, tão necessários para a construção desta dissertação.

Aos meus pais e sogros, pelo apoio logístico e carinhoso, necessários para sustentar meus estudos e minha frequência nas disciplinas.

Ao meu marido e meus filhos, por me apoiarem e incentivarem durante esses anos de intenso trabalho, manifestando seu amor e carinho.

Às minhas amigas, por compartilharem este trajeto comigo.

“A história de uma menina e sua mãe aparece como a história de uma separação sempre adiada”

Serge André, 1987

“No psiquismo não há nada pelo que o sujeito se pudesse situar como ser macho ou fêmea (...) o que se deve fazer como homem ou como mulher, o ser humano tem sempre que aprender, peça por peça do Outro”

Jacques Lacan, 1964/1998

PASTANA, C. P. (2020). *Homossexualidade feminina e suas correlações com a feminilidade na teoria freudiana*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Prof. Dr. Marcos Leandro Klipan.

## RESUMO

Esta pesquisa histórico-epistemológica se propõe a compreender as transformações teóricas acerca do tema homossexualidade feminina na obra freudiana, a fim de apreender a racionalidade de sua elaboração e as modificações teóricas sobre a importância do pai e da mãe no processo de constituição da sexualidade, especialmente no que diz respeito à homossexualidade feminina e em correlação com a feminilidade. Para isso, num primeiro momento fizemos um percurso histórico fundamentando o clima histórico-científico no qual Freud inicia sua produção teórica. Em seguida definimos alguns conceitos-chave dentro do campo psicanalítico como pulsão, desejo e identificação e ainda, apresentamos os temas escolha objetal e amor, todos fundamentais para nortear nosso estudo. Foi então que passamos a nos dedicar a constituição sexual da menina desde o período pré-edipiano, de intensa relação com a mãe, apresentando e trabalhando os momentos cruciais na constituição da menina como a descoberta da diferença anatômica entre os sexos, o complexo de castração e sua consequência, a inveja do pênis, até as três saídas possíveis, para a menina, diante da problemática edípica. Tendo feito este percurso, ficamos mais capacitados para examinar os principais textos em que Freud trabalha a homossexualidade feminina, correlacionando-a com o que ele pensava sobre a saída pela via feminina, apontando suas principais características, assim como as dificuldades e impasses teóricos enfrentados pelo autor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Homossexualidade feminina, psicanálise, sexualidade, feminilidade, fase pré-edipiana, complexo de Édipo.

PASTANA, C. P. (2020). Female homosexuality and its correlations with femininity in Freudian theory. Dissertation (Master in Psychology). Maringá State University. Advisor: Prof. Dr. Marcos Leandro Klipan.

## ABSTRACT

This epistemological history research aims to understand the theoretical transformations about the theme female homosexuality in Freudian work, in order to grasp the rationality of its elaboration and the theoretical modifications about the importance of father and mother in the process of constitution of sexuality, especially as regards respect to female homosexuality and in correlation with femininity. For this, in a first moment we made a historical course grounding the historical-scientific climate in which Freud begins his theoretical production. Then we define some key concepts within the psychoanalytic field as instinct, desire, identification and object choice, and we present the theme of love, all fundamental to guide our study. It was then that we began to dedicate ourselves to the sexual constitution of the girl since the pre-Oedipal period, of intense relationship with the mother, presenting and working the crucial moments in the constitution of the girl as the discovery of the anatomical difference between the sexes, the castration complex and its consequence, the jealousy of the penis, until the three possible exits, for the girl, in the face of the oedipal problem. Having made this journey, we are better able to examine the main texts in which Freud works female homosexuality, correlating it with what he thought about the female exit, pointing out its main characteristics, as well as the difficulties and theoretical impasses faced by author.

**KEYWORDS:** Female homosexuality, psychoanalysis, sexuality, femininity, pre-oedipal phase, Oedipus complex.

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1 A mulher, a sexualidade e a homossexualidade: contextualização histórica .....</b>	<b>26</b>
<b>1.1 A sexualidade feminina nos séculos XVIII e XIX.....</b>	<b>26</b>
<b>1.2 As homossexualidades .....</b>	<b>34</b>
<b>2 Bases conceituais e temas cruciais para o estudo da sexualidade na teoria freudiana .</b>	<b>40</b>
<b>2.1 A pulsão .....</b>	<b>40</b>
<b>2.2 O desejo .....</b>	<b>44</b>
<b>2.3 Identificação e escolha objetal .....</b>	<b>46</b>
<b>2.4 O amor .....</b>	<b>49</b>
<b>3 A Constituição Sexual na Menina .....</b>	<b>55</b>
<b>3.1 A sexualidade infantil.....</b>	<b>55</b>
<b>3.2 A bissexualidade constitutiva .....</b>	<b>59</b>
<b>3.3 A fase pré-edípiana: a mãe como objeto primordial .....</b>	<b>64</b>
<b>3.4 A fase fálica .....</b>	<b>66</b>
<b>3.4.1 A constatação da diferença anatômica entre os sexos .....</b>	<b>68</b>
<b>3.4.2 A inveja do pênis e o complexo de masculinidade .....</b>	<b>69</b>
<b>3.5 O complexo de castração e o Édipo na menina.....</b>	<b>71</b>
<b>3.6 Modificações necessárias para a assunção de uma posição feminina .....</b>	<b>75</b>
<b>3.6.1 Mudança de zona erógena .....</b>	<b>75</b>
<b>3.6.2 Mudança no objeto amoroso.....</b>	<b>76</b>
<b>3.6.3 Mudança na modalidade de satisfação pulsional .....</b>	<b>77</b>
<b>4 Homossexualidade Feminina .....</b>	<b>79</b>
<b>4.1 Primeiras formulações freudianas acerca das homossexualidades.....</b>	<b>79</b>
<b>4.2 O Caso Dora – o componente homossexual na histeria .....</b>	<b>83</b>
<b>4.3 O caso da jovem homossexual .....</b>	<b>91</b>
<b>4.4 Últimas publicações freudianas.....</b>	<b>102</b>
<b>5 Considerações finais .....</b>	<b>110</b>
<b>Referências .....</b>	<b>131</b>

## INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho surgiu de um interesse acerca da temática da sexualidade feminina, mais especificamente, a homossexualidade feminina. Esta pesquisa se inscreve dentro do *Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicanálise e Gêneros* – lotado no Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, que tem como objetivo discutir a problemática do gênero dentro do campo psicanalítico, a partir do posicionamento teórico de diferentes autores.

O interesse pelo tema se deveu a uma constatação clínica. Exercer a clínica psicanalítica, quer seja no âmbito institucional ou no consultório particular, permite perceber o quanto, para qualquer sujeito, o encontro com o desejo sexual pode causar intenso sofrimento.

Quando se trata de sujeitos homossexuais, estes, além de terem que lidar com o mal-estar próprio deste encontro com o sexual em si, ainda experimentam outros sofrimentos, cuja fonte são conflitos com os outros a sua volta.

De maneira geral, já há alguns anos, é possível notar, tanto no consultório particular quanto na instituição de saúde na qual exerço a clínica psicanalítica, um aumento significativo na demanda por atendimento por parte de sujeitos cujo sofrimento está intimamente relacionado com sua posição sexuada homossexual. Como mencionamos acima, não apenas estes sujeitos sofrem de suas angústias, inibições e sintomas, mas também experimentam intenso sofrimento devido a dificuldades nas suas relações familiares e sociais.

No que tange a escolha pelo estudo da homossexualidade, especificamente feminina, esta se deveu a um interesse particular acerca da constituição da sexualidade feminina, questão tão fundamental no campo psicanalítico. Apesar da literatura, tanto psicanalítica quanto de outras áreas de saber, apresentar uma infinidade de textos e livros dedicados às mulheres e à feminilidade, quando se trata da homossexualidade feminina não há tantas ofertas. Há sim, muitas referências à homossexualidade em geral ou à homossexualidade masculina, mas não específicos acerca da homossexualidade feminina.

Em outubro de 2019, realizamos uma busca na plataforma Scopus. Quando propusemos o cruzamento entre os temas *psychoanalysis AND feminine homosexuality*, não houve resultados. Já quando a busca foi refeita propondo exclusivamente os temas *psychoanalysis AND homosexuality*, o resultado foi pouco mais do que 900 artigos científicos. Quando refizemos a busca, inserindo os temas *psychoanalysis, homosexuality AND feminine*, os dois

últimos propostos separadamente, houve uma diminuição significativa no número de artigos encontrados, que foi de 347.

Se, apesar de não ser perceptível, ao menos a partir do meu exercício clínico, qualquer diferença significativa no número de sujeitos homossexuais do sexo feminino e masculino, esta constatação torna-se intrigante e produz questionamentos do tipo: será a homossexualidade feminina, realmente, menos falada, menos estudada ou, até mesmo, menos noticiada? Se sim, por quê? Que relação seria possível tecer entre a menor evidência da homossexualidade feminina no social e a condição da mulher desde a modernidade até a atualidade?

Apesar da escuta psicanalítica se dirigir à singularidade de cada caso, é impossível exercê-la sem estar atento ao que se mostra no discurso social. Da mesma forma, é impossível operar na clínica psicanalítica sem se debruçar sobre a teoria, pois ela é um dos seus pilares de sustentação, juntamente com os outros dois: análise pessoal e supervisão clínica.

Assim, partindo do princípio de que todas as possíveis leituras psicanalíticas tomam a proposta freudiana como base, quer seja no sentido da anuência ou da discordância com ela, esta pesquisa, entendendo o texto freudiano como fundamental para qualquer estudo no campo psicanalítico, pretende, a partir de uma leitura criteriosa de alguns dos textos em que Freud se dedica ao tema da sexualidade, compreender a homossexualidade feminina a luz da teoria freudiana. Longe de intencionar abarcar na totalidade esta temática ou toda a amplitude da obra freudiana, esperamos articular os conceitos-chave relativos à sexualidade feminina na constituição da homossexualidade feminina.

Para fazer esta leitura de Freud nos baseamos em uma ótica. Tomamos com referência a lente lacaniana. Desta forma, advertidos por Prates (2001), pretendemos tomar o cuidado de evitar fazer uma leitura “ingênua” (p. 27) da obra freudiana e, também, tentaremos não cometer o equívoco de escamotear impasses e contradições presentes em seu texto. Isso porque, a presença destes não desmerece o valor de sua obra e pelo contrário, demonstra que a psicanálise não é uma teoria fechada, estando sempre aberta novas leituras e reformulações.

Para nos introduzir nesta temática, apresentaremos um importante acontecimento histórico que teve consequências não somente no âmbito social como também produziu modificações no entendimento científico sobre as homossexualidades.

Em 29 de junho de 1969, os frequentadores do bar nova-iorquino *Stonewall Inn*, em sua maioria homossexuais, foram violentamente agredidos pela polícia. Este acontecimento gerou uma atitude de rebelião e fez com que um movimento se organizasse e, alguns meses depois, ativistas *gays* se reunissem e invadissem o congresso da APA (Associação Americana de Psiquiatria), exigindo que a homossexualidade fosse retirada das categorias diagnósticas da

Psiquiatria. Eles argumentavam que sua patologização servia como base de sustentação destas e outras atitudes violentas e estigmatizantes contra os homossexuais (Paoliello, 2013; Drescher, 2013; Jorge, 2013b).

Segundo Jorge (2013b) este dia é considerado como um marco na luta pelo direito dos homossexuais e contra a homofobia<sup>1</sup> e a nomeação *orgulho gay* surgiu deste ato conjunto para fazer um contraponto à vida social destes sujeitos, cercada de humilhações e vergonha.

Jorge (2013b) chama atenção para outro termo, comumente utilizado para designar estes sujeitos – minoria homossexual – indicando que em tal nomeação está implícita a ideia de uma normalidade estatística, sendo a homossexualidade um desvio da norma. Ceccarelli (2008) afirma que os critérios que determinam as normas para a expressão da sexualidade são arranjos simbólicos e que, na sociedade ocidental de tradição judaico-cristã, a sexualidade deve ser circunscrita à reprodução, sendo as outras condutas, mais francamente relacionadas ao prazer, entendidas como depravação.

O episódio de *Stonewall* aconteceu há 50 anos e apesar da relativa abertura do social e certa acolhida às diferentes expressões de sexualidade (visível através das grandes paradas gay, das novelas, da mídia em geral), verificamos que o lugar ocupado pelos homossexuais na atualidade ainda é muito difícil e, muitas vezes, fonte de inúmeros sofrimentos.

Ainda hoje, enfrenta-se na cultura um repúdio – por vezes velado, outras explícito – à homossexualidade. Nas palavras de Quinet e Jorge (2013):

encontramos, por um lado, transformações nos costumes e nas leis que apontam para uma maior liberdade de expressão da homossexualidade e, por outro lado, uma grande repressão manifestada por atos que vão da descriminalização das agressões até assassinatos contra homossexuais (p.9).

Este repúdio à homossexualidade é verificado não apenas no discurso social, mas também dentro do próprio discurso científico. A medicina, ao longo da história, muitas vezes contribuiu para corroborar posições de estigma e preconceito contra os homossexuais. Dentro do campo psiquiátrico, foi apenas em 1974 que a homossexualidade deixou de ser uma categoria diagnóstica dentro da APA, quando foi retirada do DSM- II (fruto da pressão exercida pelos ativistas após *Stonewall*), e apenas em 1990 que a Organização Mundial da Saúde

---

<sup>1</sup> Termo considerado equivocado pelo autor, visto que muito mais do que alvo e fobias, os homossexuais são alvo de ações violentas.

concordou em retirá-la das categorias nosológicas<sup>2</sup>. No Brasil, poucos anos antes, em 1985, a homossexualidade foi retirada da condição de doença (Paoliello, 2013).

Se essa era a condição da homossexualidade até poucas décadas atrás, podemos pensar em como era na época em que o jovem e recém-formado médico, Sigmund Freud, iniciou sua prática clínica. Naquele contexto científico, a homossexualidade era entendida como uma degenerescência, perversão, ou seja, algo inscrito no campo da anormalidade. Já no início do século XX Freud dava provas de que não compactuava com essa visão patologizante, não apenas da homossexualidade, mas de qualquer forma de expressão da sexualidade.

Visitando livros e artigos (Ceccarelli, 2008; Roudinesco, 2008, 2013; Quinet, 2013; Drescher, 2013) que versam sobre os aspectos históricos da psicanálise, encontramos muitos registros de que apesar da posição aberta de Freud, tanto analistas contemporâneos a ele, quanto analistas pós-freudianos, muitas vezes, não adotaram posições semelhantes com relação à homossexualidade. Dentro da IPA (*International Psychoanalytical Association*), por exemplo, desde sua fundação, a aceitação de homossexuais enquanto candidatos a analistas não era um consenso.

Paoliello (2013), citando a obra de Lewis, K., *The Psychoanalytic theory of man homosexuality*, traz um recorte da resposta de Freud e Otto Rank, à carta enviada, em 1921, por Ernest Jones, presidente em exercício da IPA, em que ele se manifesta contrário à admissão de candidatos a analistas homossexuais:

Sua pergunta, estimado Ernest, sobre a possibilidade de filiação dos homossexuais à Sociedade, foi avaliada por nós e não concordamos com você. Com efeito, não podemos excluir estas pessoas sem outras razões suficientes (...) em tais casos, a decisão dependerá de outras qualidades do candidato (Freud & Rank, 1921 citado por Paoliello, 2013, p. 37).

Assim, houve uma divergência entre as Sociedades Psicanalíticas de Viena, apoiada nas ideias de Freud, e de Berlim, sob o comando de Abraham, em consonância com a posição de Jones. Estes últimos desconsideravam a capacidade de homossexuais atuarem como analistas, visto que a análise jamais seria capaz de curá-los de sua inversão – termo empregado no período.

Essa autora também nos informa que: “A própria Anna Freud, filha e herdeira intelectual da obra de Freud, mostrou-se contrária à prática da psicanálise por homossexuais que,

---

<sup>2</sup> A primeira classificação psiquiátrica da homossexualidade enquanto doença ocorre no século V, a. C. nos trabalhos de Caelius Aurelianus, que a traduzem como uma aflição mental que atingiria tanto homens quanto mulheres (Paoliello, 2013).

considerava, deveriam ser tratados. Ponto de vista semelhante foi defendido pela escola kleiniana” (Paoliello, 2013, p. 38).

Com relação à Anna Freud, alguns autores afirmam que, mesmo tendo vivido relacionamentos homossexuais ao longo de sua vida, acabou por manter um posicionamento conservador e militou a favor de Jones – o que foi interpretado como uma tentativa de defender-se de sua condição (Allouch, 2005; Azevedo, 2013; Roudinesco, 2013).

Ceccarelli (2008) relata que a corrente ligada à Melanie Klein entendia tanto a homossexualidade masculina quanto a feminina como patológicas, o que impedia sujeitos homossexuais de serem analistas.

Alguns anos mais tarde, na França, ao contrário, Jacques Lacan, assume posição em consonância às ideias freudianas e não apenas recebia como analisantes sujeitos homossexuais, sem a intenção de reeducá-los, como também os aceitava enquanto membros de sua *École Freudienne de Paris* (Ceccarelli, 2008). A posição de Lacan, contudo, não impediu pós-lacanianos de deturparem seu ensino e produzirem teses impregnadas de concepções de desvio da normalidade (Quinet, 2013).

Como aponta Roudinesco (2013), desde a condenação velada de Jones, por mais de 50 anos, dentro da IPA, os homossexuais foram tratados como potencialmente danosos à psicanálise, justamente porque eram tidos como perversos sexuais.

Em seu livro *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*, Roudinesco (2008) afirma que os herdeiros de Freud temiam que a psicanálise pudesse ser destruída por condutas inapropriadas como, por exemplo, através de casos de abuso sexual dentro do *setting* analítico e, por se apoiarem, equivocadamente em sua opinião, em conceitos como renegação<sup>3</sup> ou clivagem, impediram que homossexuais tivessem acesso à comunidade psicanalítica.

Nos Estados Unidos, mesmo em 1973, ainda eram publicados textos versando sobre a homossexualidade enquanto uma patologia. Apenas a partir deste período que Robert Stoller e outros analistas americanos começaram a fazer frente a essas posições, iniciando a retirada da homossexualidade do campo da psicopatologia (Drescher, 2013).

Na década de 1980, a maioria dos institutos ainda não aceitava candidatos *gays* e *lésbicas*. Havia exceções, como no caso do *White*

---

<sup>3</sup> Renegação – mecanismo de estruturação da perversão, através do qual o perverso renega a castração materna – a criança recusa a realidade da ausência do pênis na mãe e se fixa num estágio de evolução sexual infantil. Esse processo defensivo, diferente do recalçamento, constitui uma estrutura perversa e promove um certo tipo de clivagem psíquica do sujeito, em que se mantém um ou vários traços da perversão polimorfa da criança, mas que não libera totalmente o eu do perverso da realidade exterior. Desta forma, por mais que o perverso saiba da castração, mesmo assim, a denega. (Dor, 1991). No entendimento de Roudinesco (2008) é um equívoco pensar a homossexualidade como pertencente ao campo das perversões, trata-se, em termos estruturais, de uma neurose. E, portanto, não haveria impedimento para que estes exerçam a psicanálise.

*Institute* (que aceitava candidatos *gays* desde a década de 1950, mas não quis que isso se tornasse público) ou na *American*, como no caso de Sidney H. Phillips que era abertamente *gay* e foi aceito para treinamento no *Western New England Psychoanalytic Institute*, em 1980 (Drescher, 2013, p. 54).

Apoiado nos trabalhos de Stoller e Freud, Ralph Roughton, analista membro da Sociedade Psicanalítica de Cleveland, fez uma comunicação no Congresso Internacional de Barcelona, em 1997, na qual se assumiu analista didata e homossexual e defendeu abertamente a existência de “homossexuais sadios e equilibrados” (Ceccarelli, 2008, p. 80).

Drescher (2013) afirma que os diferentes posicionamentos em relação à homossexualidade dizem respeito às diferentes teorias acerca de sua etiologia. Para ele, essas podem ser: a natureza congênita da homossexualidade, a teoria de que a homossexualidade adulta é uma doença, um desvio da heterossexualidade dita normal e a teoria de que a homossexualidade é uma fase passageira, uma fase infantil que deve ser superada.

Quinet (2013) parece concordar com ele quando afirma que:

A obra de Freud foi tanto a fonte do pensamento de Lacan, que valorizou a diversidade sexual, quanto a de outras correntes, que enaltecera a relação heterossexual genital como se ela fosse a relação normal, rumo a qual toda análise deveria levar o sujeito, que atingiria, dessa forma, sua suposta maturidade sexual (p. 89).

Ainda Quinet (2013) nos faz notar que Freud se deparava em sua clínica com práticas homossexuais tanto nas neuroses, quanto nas psicoses e perversões, o que o levou à conclusão direta de que a homossexualidade não poderia ser nem “um sintoma neurótico, não é uma perversão e nem indício de loucura” (p. 91). Na teoria freudiana, o que há são as diferenças entre a homossexualidade enquanto componente libidinal e escolha objetual. Por isso, afirma:

Deduz-se facilmente, das observações anteriores, o quanto é lamentável que os psicanalistas reajam à homossexualidade de forma tão preconceituosa quanto o resto da sociedade muitas vezes o faz. A homossexualidade é, por si só, uma subversão: ela não é nem uma inversão – ideia que supõe uma versão correta da sexualidade –, nem uma perversão – noção que inclui a homossexualidade no rol dos associativos, fora da lei, marginais, senão psicopatas. Ela é subversiva, pois manifesta, em ato, a existência no ser falante de uma liberdade absoluta em relação ao natural (Quinet, 2013, p. 24).

Sabe-se, desde Freud, que a pulsão sexual não é educável, também não é passível de ser moldada conforme os ideais da sociedade e segue caminhos que são sempre singulares. Se encontramos, dentro do campo psicanalítico, diferenças tão grandes com relação ao

entendimento da homossexualidade é porque eles partem de diferentes compreensões no que diz respeito ao próprio sexual e à constituição do psiquismo.

Conseqüentemente, questões teóricas e problemas clínicos se impõem e parece não ser sem razão que encontremos toda uma série de críticas à psicanálise no que diz respeito à homossexualidade. Como mencionamos anteriormente, parece contraditório que não se faça objeções a analisantes homossexuais ditos “comuns”, mas faça aos candidatos a analistas (ou mesmo aos didatas). Observamos, assim, que a homossexualidade é aceitável desde que se mantenha fora das seletas sociedades psicanalíticas.

De qualquer forma, a psicanálise não é uma só. Os diferentes posicionamentos que encontramos acerca da mesma temática indicam que muitos caminhos foram tomados desde que Freud a fundou enquanto teoria e clínica. E, se o objeto psicanalítico fundamental é o desejo inconsciente, tanto as homo quanto as hetero, quer seja as transexualidades, não são fruto de escolhas volitivas e nem são opções sexuais. São sim determinações inconscientes, constituídas desde o início da vida dos sujeitos.

Desde seus primeiros escritos até o final de sua obra, a homossexualidade nunca foi tomada por Freud, e nem mesmo o foi por seus seguidores, como um conceito ou uma noção propriamente psicanalítica. Da mesma forma, nunca foi tomada por ele como algo a ser tratado por meio da psicanálise. Como afirmam Quinet e Jorge (2013):

A homossexualidade não é uma patologia e, logo, não pode ser objeto de um tratamento que vise eliminá-la. Isso porque a compreensão psicanalítica da sexualidade humana, desenvolvida por Sigmund Freud desde o início de sua obra e aperfeiçoada por várias gerações de psicanalistas até hoje, permitiu que se entendesse, com bastante clareza, que o ser humano tem uma constituição bissexual e que existem, em todos os indivíduos, coexistindo lado a lado, em proporções diversas, componentes heterossexuais e homossexuais (p.10).

Freud (1920/1996), apesar de receber em atendimento uma jovem homossexual, que se tornou o único caso de homossexualidade feminina apresentado ao longo de sua obra e, de certa maneira, atender a demanda do pai desta paciente a tomando em análise sem que houvesse por parte dela nenhuma intenção em tratar-se, deixa claro que retirar a jovem de sua condição de homossexual não poderia ser um objetivo da análise.

Como afirma neste texto, operar uma inversão de um homossexual em heterossexual não era uma opção. Assim, tomou a jovem em análise, contudo, se abstendo de fazer qualquer promessa na realização desta empreitada, considerada, por ele, como infrutífera. Em sua

experiência, tal feito somente seria possível sob condições muito específicas, aquelas que considerava “oscilante ou definitivamente bissexual” (Freud, 1920/1996, p. 163).

Esta posição foi sustentada desde muito cedo em sua obra, desde a publicação de *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996b). Este texto é considerado por muitos como o momento em que formaliza sua teoria quando retira a sexualidade do campo da sexologia e da biologia e a redimensiona no campo do psiquismo.

Ao deslocar a sexualidade do campo da necessidade biológica e inscrevê-la na ordem da pulsão, ocorre a abertura para um novo entendimento do campo sexual – a sexualidade adulta advém de uma construção, ou seja, a sexualidade humana está para além das determinações biológicas (Birman, 1999).

Neste texto, Freud (1905/1996b) aponta que, nem do ponto de vista biológico, tão pouco do psicológico, masculinidade e feminilidade são encontradas de maneira pura nos indivíduos. Todas as pessoas apresentam uma mescla de características masculinas e femininas, sejam elas biológicas, psicológicas e/ou pulsionais.

No que diz respeito à pulsão, masculino e feminino se referem a modalidades de satisfação, onde o primeiro corresponde à via ativa e o segundo à passiva. A presença destas características em qualquer sujeito em constituição permite a Freud concluir que a sexualidade humana é potencial e constitutivamente bissexual e que, qualquer posição sexuada que o sujeito poderá tomar, o fará no futuro, após findar o processo de constituição psíquica (Jorge, 2013a).

Assim, é por este caminho que, ao longo de toda a sua obra, Freud vai demonstrar como a sexualidade humana é construída a partir das experiências de cada sujeito e que a modalidade de satisfação sexual adulta, aliada a escolha do objeto sexual, ao qual o desejo do sujeito se dirige, é fruto de uma “escolha” inconsciente, muito distante de uma escolha volitiva.

O primeiro capítulo dos *Três Ensaios...* (Freud, 1905/1996b) é dedicado a um longo debate com a obra do psiquiatra e um dos fundadores da sexologia, Richard Von Krafft-Ebing, que publica, no final do século XIX, *Psychopathia Sexualis*. Esta obra apresenta uma descrição detalhada de todas as possíveis perversões sexuais, nas quais está incluída a homossexualidade (inversão), que era entendida como uma tara ou uma degenerescência (Freud, 1905/1996b; Roudinesco & Plon, 1998).

No mesmo texto, debate também com as ideias de Havelock Elis, outro fundador da sexologia que, contrariamente a Ebing, propunha uma origem hereditária e, portanto, uma causalidade “natural” para a homossexualidade. Freud parte destas referências encontradas na sexologia para, ao final de sua explanação, propor uma teoria que rompe definitivamente com a tradição psiquiátrica de sua época (Roudinesco & Plon, 1998).

Mais uma vez, percebemos que desde o início de sua obra, longe de psicopatologizar esse tipo de manifestação da sexualidade, o interesse de Freud se dirigia a compreender sua constituição e sua função na subjetividade. Um exemplo é encontrado no fato de ter se detido e teorizado sobre aquilo que nomeou de homossexualidade latente – presente em sujeitos manifestamente heterossexuais.

Desta maneira, é possível encontrar ao longo da obra freudiana, por vezes mais, outras menos evidente, um reforço de sua tese acerca da bissexualidade constitutiva e esta é uma das razões para as quais nos dedicaremos a trabalhar este conceito ao longo desta pesquisa (Freud, 1905/1996b; 1920/1996; Jorge, 2013a; Pollo, 2013; Quinet & Jorge, 2013).

Nesta mesma linha de raciocínio, Prates (2001) afirma que nos *Três Ensaio...* Freud propõe que, a partir desta disposição inicialmente bissexual, se estabelece uma diferenciação entre o desenvolvimento do menino e da menina, apoiada pelo reconhecimento da diferença anatômica entre os sexos.

Freud (1905/1996b) defende a ideia de que na infância tanto a menina quanto o menino desconhecem a existência da vagina. A menina exerce sua sexualidade infantil através da masturbação clitoridiana, órgão correlato do pênis (glande). Essa atividade masturbatória é ativa e, portanto, masculina. Para ele, na puberdade, caberia à menina, transferir a excitabilidade erógena do clitóris para a vagina. O futuro feminino da menina dependeria desta renúncia, logo, do recalque de parte de sua masculinidade infantil.

Zalcborg (2003, p. 22) afirma: “A identificação do feminino com passividade baliza a primeira perspectiva freudiana de complexo de Édipo na menina”. Nota-se, entretanto, que o termo complexo de Édipo não aparece neste texto. Segundo Prates (2001), essa denominação aparece, pela primeira vez, cinco anos depois dos *Três Ensaio...*, no texto *Sobre um tipo especial de eleição de objeto no homem* (Freud, 1910/1996).

Joel Birman (1999) entende esta relação entre feminino e passividade como a vigência e a incorporação, pela teoria psicanalítica, dos valores presentes no final do século XIX. Isto é interpretado por ele, e o é também por diversos autores, como um reflexo das características da cultura e da sociedade de sua época. Mesmo apresentando uma posição extremamente inovadora, Freud, ainda assim, era um homem de seu tempo (Birman, 1999; Zalcborg, 2003; Prates, 2001). Outra manifestação desta influência em sua teoria é o atrelamento da feminilidade com a maternidade até o final de sua produção, que para além do biológico, é uma ligação com o lugar social que a mulher ocupava (Zalcborg, 2003).

Retomando este importante texto de 1905, é nele em que Freud apresenta suas ideias a respeito do complexo de castração na menina e sua consequência direta, a inveja do pênis. “A

suposição de uma genitália idêntica (masculina) em todos os seres humanos é a primeira das notáveis e momentosas teorias sexuais infantis” (Freud, 1905/1996b, p. 184). Devido ao alto valor concedido ao genital masculino pela menina, ela sucumbe à inveja do pênis e deseja ser um menino (complexo de masculinidade). Como aponta Prates (2001, p. 44), “A inveja do pênis é um dos conceitos mais polêmicos da psicanálise e um dos que mais mal-estar provoca”.

É por afirmações deste tipo que Freud enfureceu suas contemporâneas e, ainda hoje, provoca reações contrárias por parte de autoras feministas. Estas afirmações foram e são, muitas vezes, interpretadas como se a menina estivesse sempre em desvantagem, e que em seu corpo faltaria uma parte, o pênis. A elaboração desta falta, através da equação pênis-bebê, ao final da constituição, é muitas vezes interpretada como uma incapacidade de Freud em reconhecer uma sexualidade propriamente feminina, e, por isso, desenvolver todo seu pensamento a partir da sexualidade masculina.

Há outros autores, como Jacques Lacan, que propõem uma leitura da referência fálica não apenas na sua vertente imaginária, mas também simbólica, e que, portanto, toma o falo enquanto significante do desejo, e neste sentido, a equação falo-bebê é deslocada do órgão sexual masculino. Com esse deslocamento, a teoria se amplia e estes tipos de críticas perdem sua significância (Prates, 2001).

Não nos aprofundaremos nestas questões neste momento introdutório, mas, de qualquer forma, há um consenso de que sendo a obra freudiana produzida no final da era vitoriana, ela guarda em si marcas do lugar social da mulher nesta época. Fato inegável, contudo, é que Freud teve as feministas como interlocutoras; contrariamente ao movimento sociocultural e científico de sua época, ele lhes dava ouvidos e, concordando ou não, as reconhecia e lhes dava um lugar de relevância. Podemos verificar nos textos freudianos referências a psicanalistas e também inúmeras afirmações de que apesar de não concordar com elas, debruçou-se sobre suas ideias e deu-lhes uma resposta. No capítulo seguinte, apresentaremos em mais detalhes esta posição de Freud em relação às mulheres, mas já podemos antecipar que sua clínica e sua teoria se fundam e trazem a marca deste novo lugar dado ao feminino (Birman, 1999; Zalcberg, 2003; Prates, 2001).

Feita esta consideração, retomemos outro ponto apresentado por Freud em 1905. Segundo Birman (1999), também nos *Três Ensaio...*, Freud trabalha a libidinização do corpo da criança pela mãe, quando esta presta os cuidados necessários à sua sobrevivência; este investimento primordial configuraria o que Freud denominou como sedução. Esta ideia que aparece muito sutilmente e sem aprofundamento teórico neste texto foi muito trabalhada por pós-freudianos. Jacques Lacan (1964/1998) o nomeia como processo de pulsionalização ou de

erogenização do corpo da criança. Jean Laplanche (1992) compreende e chama essa proposição freudiana de sedução precoce. Para qualquer um dos autores citados, este é um momento de extrema importância na constituição psíquica e, a forma com que acontece, traz inúmeras consequências para a vida psíquica dos sujeitos.

Retornando à produção freudiana, no início do século XX, mesmo reconhecendo a importância da mãe neste processo de sexualização do corpo infantil, Freud ainda não conseguia incluí-la na transformação da menina em mulher. Zalcberg (2003) entende que, neste momento de sua produção teórica, por estar mais preocupado em construir sua teoria edípica com relação ao pai, acabou negligenciando a relação da menina com a mãe. “(...)ele [Freud] leva em consideração apenas um fator: a exigida renúncia da menina à sexualidade masculina, à masturbação clitoridiana, a permitir-lhe tornar-se passiva diante do pai/homem e assumir sua posição feminina” (p. 27).

Contudo, neste texto, Freud (1905/1996b) não deixa claro como se correlaciona a alteração de zona erógena (do clitóris à vagina) com a escolha de objeto na menina. “Sem dúvida, o caminho mais curto para o filho seria escolher como objetos sexuais as mesmas pessoas a quem ama, desde a infância, com uma libido, digamos, amortecida” (p.213). Explica que na condição de imaturidade sexual, há tempo para erigir a barreira do incesto e deixa claro que é na esfera da representação que se realiza a escolha objetal, ou seja, no campo das fantasias. E afirma que: “o impulso sexual da criança em direção aos pais, quase sempre já diferenciado através da atração pelo sexo oposto: a do filho pela mãe e a da filha pelo pai” (p. 214), sem, contudo, deixar claro de que maneira e porque acontece. Finalmente, conclui que perturbações deste desenvolvimento repercutem na vida sexual adulta, demonstrando, assim, que se encontram neste texto os primórdios da sua teorização acerca do complexo de Édipo.

Esta primeira versão do complexo de Édipo é entendida por Freud como a vivência infantil em que um dos genitores, o do sexo oposto, é alvo do desejo sexual e do interesse amoroso da criança. Freud (1910/1996), ao discorrer sobre a escolha de objeto amoroso dos homens, afirma que ela deriva de uma fixação infantil de sentimentos de ternura pela mãe. Ao mesmo tempo em que começa a desejá-la, toma o pai como rival que impede este desejo. A sexualidade da criança é vivida fantasisticamente e utiliza a masturbação para buscar alívio para a tensão desejante.

No caso da menina, ela vivenciaria desejos incestuosos por seu pai e tomaria a mãe como a rival que impede a realização destes desejos. Durante muitos anos, Freud trata do complexo de Édipo da menina como equivalente, porém inverso, ao do menino. É apenas a partir de 1920 que o complexo de Édipo ganha mais sofisticação conceitual e é definido como

central na sexualidade infantil e onde começam a ser delimitadas diferenças entre os meninos e as meninas (Prates, 2001; Ramos, 2008).

Entre 1923 a 1925, Freud produz alguns dos mais importantes textos com relação a esta temática e trabalha a questão do tornar-se mulher através desta nova formulação, baseada nas diferenças entre o complexo de Édipo e de castração no menino e na menina. Assim, desfaz o equívoco da inversão e conclui por um desenvolvimento diferenciado em cada um dos casos.

Enquanto o temor de castração finaliza e elimina o complexo de Édipo no menino, na menina, ao contrário, justamente a insere na problemática edípica (Prates, 2001; Ramos, 2008).

Em *A dissolução do Complexo de Édipo* (1924/1996), aponta que a resolução do complexo de Édipo na menina se dá pela via da equação simbólica pênis-bebê, pela instalação de um desejo de que o pai lhe dê um filho.

Tem-se a impressão de que o Complexo de Édipo é então gradativamente abandonado de vez que esse desejo jamais se realiza. Os dois desejos – possuir um pênis e um filho – permanecem fortemente catexizados no inconsciente e ajudam a preparar a criatura do sexo feminino para seu papel posterior (p. 198).

É apenas nos anos de 1930 que a fase pré-edípica, de intensa relação com a mãe, passa a ter relevância e é pensada como fundamental na constituição sexual da menina. No final da obra freudiana, há um deslocamento da importância do pai à mãe.

Na sua conferência sobre a feminilidade, Freud (1933/1996) reconhece que a menina não alcança a posição feminina sem um grande esforço de sua parte, pois além da mudança de zona erógena, a menina precisa também modificar seu objeto (da mãe ao pai).

Segundo Ramos (2008), a identificação da menina à mãe é constituída de dois momentos. Uma fase pré-edípica, que diz respeito ao apego da menina com sua mãe e outra, propriamente edípica, em que a menina busca livrar-se da mãe para tomar seu lugar junto ao pai. “(...) trata-se de uma ambivalência que, segundo Freud, nunca será inteiramente superada” (p. 44).

Freud (1933/1996) afirma que apesar de ter sabido que havia uma fase anterior ao complexo de Édipo, não reconhecia a importância fundamental deste período em termos das possibilidades de fixações e disposições e conclui que a sexualidade feminina não pode ser compreendida a menos que se dê a atenção necessária à fase pré-edípica.

No que diz respeito à homossexualidade, refere que esta seria uma das saídas possíveis para o drama edípico da menina, a saída na qual houve o desenvolvimento de um intenso complexo de masculinidade. Segundo Freud (1933/1996), neste caso, a menina recusa

reconhecer-se sem pênis e, desafiadoramente rebelde, apega-se à sua atividade clitoridiana e refugia-se na identificação com a mãe fálica ou com o pai. Conserva assim uma quantidade maior de atividade, característica masculina, evitando a afluência da passividade, que daria abertura para a instalação de uma posição feminina.

Entretanto, nos faz notar que raramente ou quase nunca a homossexualidade feminina é uma consequência direta desta recusa a passar da atividade à passividade, ou seja, como uma continuação direta da masculinidade infantil. Ele propõe, a partir de sua experiência clínica, que as meninas adentram na problemática edípica, entretanto, após um desapontamento com o pai, é forçada a regressar a essa posição anterior. O autor já havia concluído o mesmo em seu texto *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* (Freud 1920/1996), que como já mencionamos, é seu único relato de caso de homossexualidade feminina.

Assim, aquilo que, para ele, se configuram como perturbações da feminilidade são motivadas por fenômenos residuais do que nomeia período masculino inicial.

Muito frequentemente ocorrem regressões às fixações pré-edípicas; no transcorrer da vida de algumas mulheres existe uma repetida alternância entre períodos em que ora a masculinidade, ora a feminilidade, predominam. Determinada parte disso que nós, homens, chamamos de ‘o enigma da mulher’, pode, talvez, derivar dessa expressão da bissexualidade na vida da mulher (Freud, 1933/1996, p. 130).

Ao finalizar esta conferência conclui que sua construção teórica é incompleta e fragmentária e deixa a cargo da ciência o trabalho de produzir “informações mais profundas e mais coerentes” (1933/1996, p. 134), reconhecendo assim, o caráter inacabado de sua obra.

### **À guisa de uma metodologia**

Tendo em vista esta breve introdução teórica, buscaremos compreender as transformações teóricas acerca do tema homossexualidade feminina na obra freudiana, a fim de apreender a racionalidade de sua elaboração e as modificações teóricas sobre a importância do pai e da mãe no processo de construção da sexualidade, especialmente no que diz respeito à homossexualidade feminina.

Desta forma, pretendemos compreender a homossexualidade feminina a partir da modificação na teoria com relação ao complexo de Édipo na menina, de uma primeira formulação em que levava em conta apenas a relação entre a filha e seu pai, até a última formulação, em que passa a considerar a fase pré-edípica, de intensa relação com a mãe.

Outro objetivo deste trabalho é entender a importância e as inter-relações entre bissexualidade, inveja do pênis, complexo de masculinidade e de castração e equivalência simbólica pênis-bebê na construção da homossexualidade feminina.

Abrão (2007), em seu artigo intitulado *Por um modelo metodológico de historiografia da psicanálise*, aponta que desde a década de 1980 a historiografia da Psicanálise consolidou-se como uma área de pesquisa e de ensino autônoma. Afirma que pesquisas neste campo podem seguir diversos modelos metodológicos que nem sempre são bem delimitados. Neste texto, define quatro destes modelos: abordagens descritiva, contextual, interpretativa e epistemológica.

Com relação à abordagem epistemológica, o autor descreve como sendo uma criteriosa análise conceitual em que se busca: “(...) estabelecer a história do desenvolvimento dos conceitos-chave da teoria psicanalítica, destacando as condições em que foram gerados e a forma como foram sendo aprimorados, e mesmo transformados, durante a vida de Freud e após sua morte” (Abrão, 2007, p.10). Assim, é possível reconhecer pontos de confluência e de diferenças entre as diferentes escolas psicanalíticas.

Em outro texto, Abrão e Ferreira (2012) apontam, na mesma direção, que um estudo histórico-epistemológico se constitui pela sistematização das principais ideias de um certo autor, no decorrer de seu tempo de elaboração teórica, por meio do rastreamento da origem até a evolução final de um conceito ou uma obra, a fim de se concretizar uma pesquisa sistemática e imparcial.

Segundo esses autores, o processo constitui-se das seguintes etapas: seleção de textos, leitura minuciosa da obra, contextualização histórica do momento da construção teórica com o objetivo de detectar as influências (teóricas, culturais, históricas, clínicas) que justifiquem sua manutenção, evolução e modificação.

Sendo assim, para compreender a racionalidade da construção teórica freudiana acerca do tema homossexualidade feminina, entender as inter-relações entre os principais conceitos relacionados ao tema (bissexualidade, complexos de Édipo, de castração e de masculinidade, inveja do pênis, equivalência simbólica pênis-bebê), consideramos como mais adequado dirigir esta pesquisa dentro do campo da História da Psicanálise, mais especificamente, dentro do campo da historiografia psicanalítica e a partir da metodologia histórico-epistemológica.

Para isso, escolhemos fazer uma leitura criteriosa dos seguintes textos em que Freud dedica sua escrita ao tema da sexualidade em geral e mais especificamente, à feminina: *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905/1996b), *Fragmentos da análise de um caso de histeria* (1905/1996a), *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*

(1920/1996), *A organização genital infantil* (1923/1996a), *A dissolução do Complexo de Édipo* (1924/1996), *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925/1996), *Sexualidade feminina* (1931/1996) e a *Conferencia XXXIII Feminilidade* (1933/1996). Outros textos freudianos e de comentadores também fazem parte do trabalho, contudo, o eixo de discussão se centra nos textos anteriormente destacados.

Freud (1940/1996), ao apresentar seu *Esboço de Psicanálise*, escreveu que: “O objetivo deste trabalho é reunir os princípios da Psicanálise e enunciá-los, por assim dizer, dogmaticamente, sob a forma mais concisa e nos termos mais inequívocos. Sua intenção, naturalmente, não é compelir à crença ou despertar convicção” (p. 157).

Essa afirmação demonstra que a psicanálise não foi concebida como um campo teórico fechado e acabado. Segundo Oliveira (2009), “desde Freud, a pesquisa sobre o psiquismo frutificou o zelo com o método e não com as teorias” (p. 175). A autora, citando Herrman<sup>4</sup>, aponta que as teorias são importantes, mas não podem ter um caráter enrijecido. O que demonstra uma leitura da posição de Freud (que é compartilhada por muitos historiadores da psicanálise) em relação a seu trabalho de pesquisa, como um não-conservador, visto que ele permaneceu por anos a fio reformulando sua teoria, sem se negar a reconhecer erros e impasses (Jones, 1989; Roudinesco & Plon, 1998).

Freud deixou nas mãos dos futuros analistas a tarefa de dar continuidade ao seu trabalho. Assim, essa abertura dentro do campo psicanalítico promove sempre novas leituras e avanços teóricos.

Quanto ao tema da pesquisa, a homossexualidade feminina, apesar de bastante complexo, não é muito pesquisado por aqueles que se interessam pela psicanálise, como demonstra o levantamento realizado na plataforma *Scopus*. Talvez porque, como citamos anteriormente, a homossexualidade não seja um conceito psicanalítico e sim, um componente da sexualidade humana em geral.

Dentro da própria obra freudiana, o fato da homossexualidade feminina ser um tema pouco explorado, foi comentado por Freud em seu único texto dedicado especificamente a esta temática. Nas palavras do próprio autor: “O homossexualismo nas mulheres, que certamente não é menos comum que nos homens, embora muito menos manifesto, não só tem sido ignorado pela lei, mas também negligenciado pela pesquisa psicanalítica” (1920/1996, p. 159).

Além de ter dedicado apenas um de seus textos a esta temática, verificamos também que há referências esparsas à homossexualidade feminina ao longo dos anos. Quando aparecem no

---

<sup>4</sup> A autora cita toda uma série de referências deste autor.

texto freudiano estão sempre correlacionadas a conceitos como bissexualidade, complexo de masculinidade, entre outros, e, mais ao final de sua obra, com muita frequência, em oposição com uma das saídas edípicas possíveis para a menina, a feminilidade. Por esta razão, pensamos que dedicar uma pesquisa a este tema seria de relevância teórica, pois como define Renato Mezan (2001, p. 126, nossos comentários entre colchetes): “Pesquisa significa aqui [se referindo à psicanálise] identificar um problema, armá-lo com instrumentos conceituais adequados, trabalhar com a literatura pertinente, e procurar resolvê-lo, ou ao menos avançar na sua formulação”.

Dentro da obra freudiana, a homossexualidade feminina aparece sempre na trilha e em comparação com a feminilidade. Por entendemos que é difícil trabalhá-la sem este recurso, o da comparação com a feminilidade, escolhemos seguir o mesmo percurso freudiano e desenvolvê-la segundo a lógica proposta pelo autor.

Além disso, como há diferenças importantes entre o primeiro posicionamento, explanado no texto, já citado, *Três Ensaio...* (1905/1996b) em relação ao apresentado na década de 1930, nos seus últimos escritos sobre a sexualidade feminina, pensamos que esta pesquisa se justifica também por objetivar um aprofundamento sobre a racionalidade dessas alterações, percorrendo o processo de transformação das ideias e conceitos.

Ainda, considerando que toda teoria se produz inscrita num tempo histórico e que não está isenta das marcas do momento social em que foi concebida, é relevante estudar o que se pensava acerca da homossexualidade feminina nos primórdios da psicanálise e nas últimas formulações freudianas para, a partir disso, poder pensar os efeitos que essa articulação teórica produz nas pesquisas atuais e novas leituras realizadas pelos pós-freudianos.

Isso porque, a sexualidade, de maneira geral, e também a homossexualidade não são mais vividas da mesma maneira como eram vividas no início do século XX. Em tempos em que se colocam na cultura uma diversidade de gêneros e de formas de viver a sexualidade, um retorno a Freud pode ser interessante visto que “É importante salientar o quanto a psicanálise está viva e em constante transformação, transformação esta caracterizada por um duplo movimento: um retorno a Freud associado a uma permanente e fértil atualização” (Abrão & Furtado, 2010, s/p).

Além do exposto acima, pensamos também que uma pesquisa neste campo pode colaborar e servir de argumento contrário a posições amplamente preconceituosas. Como nos informa Paoliello (2013), no que diz respeito à psiquiatria, foram necessários trabalhos como o de Michel Foucault, na década de 1970 e dos grandes movimentos favoráveis à liberdade

sexual, como *Stonewall*, para que a homossexualidade deixasse de ser entendida como uma doença e ganhasse o estatuto de uma condição sexual como tantas outras possíveis.

Diante de uma sociedade que responde, muitas vezes, através de ações violentas em relação à homossexualidade, cabe pensar o que a psicanálise teria a contribuir no intuito de fazer um contraponto à estigmatização dos homossexuais, e, especialmente, da homossexualidade feminina.

Portanto, para adentrarmos a problemática desta pesquisa, buscamos organizá-la de forma a, inicialmente, no *primeiro capítulo*, contextualizar o clima cultural e teórico-científico no qual Freud inicia sua produção teórica. No *segundo capítulo* apresentamos alguns conceitos e temas fundamentais para o entendimento da problemática desta pesquisa, a saber: os conceitos de pulsão, desejo, identificações, escolha objetal e, por último, o campo amor.

Em seguida, no *terceiro capítulo*, cada vez mais imersos na problemática proposta, nos dedicamos a constituição da sexualidade feminina, desde as primeiras hipóteses freudianas, que levam em consideração apenas a fase edípica até sua última formulação, em que a fase pré-edípica entra em questão, articulando com conceitos fundamentais para Freud no que diz respeito a sexualidade da menina, como: bissexualidade, inveja do pênis, complexo de masculinidade e de castração e equivalência simbólica pênis-bebê. Para isso, escolhemos o texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* e também alguns dos textos produzidos após o ano de 1920, dedicados à constituição da sexualidade, assim como os da década de 1930, dedicados à sexualidade feminina.

No *quarto* e último momento nos dedicamos à construção teórica acerca da especificidade da homossexualidade feminina, articulando e retomando os conceitos acima citados.

## **1 A mulher, a sexualidade e a homossexualidade: contextualização histórica**

Como forma de preparar o terreno para os terceiro e quarto capítulos nos quais pretendemos discutir teoricamente a constituição psíquica da menina e a homossexualidade feminina na obra freudiana, pensamos ser importante uma contextualização histórica acerca da importância que a sexualidade feminina teve e tem no campo psicanalítico, desde a sua fundação enquanto teoria e clínica.

### **1.1 A sexualidade feminina nos séculos XVIII e XIX**

Maria Rita Kehl (2016), em seu livro *Deslocamentos do Feminino*, aborda a história das mulheres nos séculos XVIII e XIX. Um dos objetivos desta autora é situar historicamente a relação que a psicanálise teceu com o universo feminino nesta passagem para a Modernidade. O conhecimento acerca de quem eram essas mulheres e que lugar lhes era reservado pela cultura da época é importante visto que foram estas as primeiras pacientes atendidas por Freud e, a partir desta experiência clínica, que a psicanálise foi fundada. Por considerar este livro uma importante fonte, tanto no que se refere a esta pesquisa histórica, quanto ao que a autora representa no campo psicanalítico, seguiremos por sua trilha, incluindo também outros autores e trabalhos importantes, a fim de traçar um panorama sobre a vida das mulheres neste período histórico e sua relação com o surgimento da psicanálise.

A mulher teorizada por Freud é a mulher burguesa, vitoriana. Com a revolução industrial e a revolução francesa, fortemente influenciadas pelo ideal Iluminista, se inaugura a era Moderna, marcando o fim da Idade Média. No período medieval, nitidamente marcado pelo controle da monarquia e da igreja (que em muitos momentos coincidem), havia pouca ou nenhuma mobilidade social. A nova forma de organização social, a partir do surgimento da burguesia, possibilita a mobilidade social e, assim, passa a caber ao sujeito encontrar seu lugar no mundo. Esse movimento histórico coincide com um deslocamento do saber – da igreja para o indivíduo, do divino para a racionalidade humana.

Visto não haver mais garantias de pertencimento a uma classe social ou casta, os sujeitos passaram a ter que se preocupar em alcançar um “lugar ao sol” na sociedade. Por essa razão, tornou-se necessário sustentar uma imagem de si no âmbito público. Kehl (2016) salienta que se cria, então, um antagonismo entre liberdade e a existência de convenções sociais, entre público e privado.

Apesar de não ser um consenso entre os analistas, para Kehl (2016), o sujeito neurótico nasce juntamente com essa nova forma de organização social, marcada pelos progressos de urbanização, industrialização e com a nova configuração familiar – a família nuclear, circunscrita ao âmbito privado. São essas modificações que levaram ao surgimento da moralidade burguesa, e, portanto, o surgimento de “novos homens e mulheres”, cuja constituição é fruto desta mudança no discurso social<sup>5</sup>. Kehl (2016) entende o surgimento da neurose neste momento como uma resposta defensiva a esta nova configuração das relações que passaram a ser permeadas por toda uma ordem de conflitos.

Como nos informa Molina (2011), uma das fontes de conflitos eram os casamentos, que passaram a ser realizados para manter o poder financeiro conquistado pelas famílias. Os pilares do Estado haviam sido depositados na família e a mulher passou a ter a função de zelar por essa “célula” (p. 75), sob a supervisão do marido. Essa atribuição dada a mulher é compulsória e a partir da era moderna, o homem ou o marido, passa a ter o controle sobre ela.

Assim, a família nuclear torna-se para o sujeito moderno um espaço de privacidade e intimidade e o lugar da mulher na família burguesa é o de sustentar o lar e, além disso, também, como afirma Kehl (2016), o de sustentar a virilidade do marido.

Isto porque, apesar da era moderna representar uma transformação na forma de pensar a vida humana, Kehl (2016), citando Lynn Hunt<sup>6</sup>, afirma que a concepção de uma natureza feminina universal se manteve. Essa concepção de mulher a circunscrevia ao mundo privado, incapacitando-a de atuar no mundo público. O lugar da mulher no mundo estava determinado pelo seu corpo – a presença de útero, órgão enigmático, definia o lugar social da mulher, restringindo-a ao lar e a maternidade.

Assim, aos ideais de submissão feminina contrapunham-se os ideais de autonomia de todo sujeito moderno; aos ideais de domesticidade contrapunham-se os de liberdade; à ideia de uma vida predestinada ao casamento e à maternidade contrapunha-se a ideia, também moderna, de que cada sujeito deve escrever seu próprio destino, de acordo com sua própria vontade (Kehl, 2016, p.38).

Kehl (2016) salienta a importância que era dada à educação. Se a mulher deveria ficar circunscrita ao lar e à família, precisava ter seus impulsos sexuais contidos e “domesticados”,

---

<sup>5</sup> Baseado na teoria de Jacques Lacan que propõe que os discursos são as formas de enlaçamento dos sujeitos em suas relações sociais: “Organização da comunicação, sobretudo da linguagem, específica das relações do sujeito com os significantes e com o objeto, que são determinantes, para o indivíduo, e que regulam as formas do vínculo social” (Chemama, 1995).

<sup>6</sup> Hunt, L. (1995). Revolução francesa e vida privada. In Duby, G.; Perrot, M. *História das mulheres no Ocidente*. (Vol.4: O século XIX). Trad. Cláudia e Egito Gonçalves. Porto: Afrontamento.

para que não pusessem em risco a ordem social e familiar. Por isso, eram ensinadas a ter recato, pudor e vergonha, na intenção de que mantivessem intacta a relação conjugal.

Contudo, essa tentativa de dominar os impulsos sexuais nas mulheres tinha também a função de preservar os homens de uma voracidade que eles não conseguiriam satisfazer. A devoção e a submissão aos homens eram ensinadas e tinha como função enaltecê-los para que estes pudessem encarnar e sustentar a família, criar os filhos e garantir, desta forma, a ordem social. Neste sentido, esta função da mulher sustentava a virilidade de seu homem.

Por essa razão que a frigidez se constituía numa condição bastante comum entre as mulheres da época. O ideal que imperava era o de que a sexualidade feminina apenas se satisfizesse com a maternidade. Justamente por esta razão que ela, a maternidade, se constituiu, neste momento histórico, como uma forma feminina de construir uma boa imagem de si.

Como afirma Kehl (2016), uma das modificações que este novo discurso social promoveu no seio da família é que os pais passaram a depositar em seus filhos a responsabilidade de realizar aquilo que eles mesmos não haviam conseguido alcançar em suas próprias vidas. Até este momento histórico, os filhos, na grande maioria das vezes, não eram destinatários dos cuidados e preocupações por parte de seus pais. Após esta mudança, tornaram-se alvo de investimento amoroso, de forma que, ao serem amados e idealizados, tornaram-se capazes de proporcionar satisfação narcísica aos pais e assim, também, passaram ser imaginariamente capazes de garantir a felicidade por eles almejada e não alcançada em suas próprias ações e vivências.

No que diz respeito especificamente às mulheres e a maternidade, a autora menciona, citando uma longa pesquisa de Badinter<sup>7</sup> que, antes do século XIX, os filhos não tinham para suas mães um valor narcísico. Muitas vezes considerados como um obstáculo em suas vidas, eram, por isso, praticamente abandonados logo ao nascimento e deixados aos cuidados de amas de leite durante anos. A taxa de mortalidade infantil era bastante alta e as crianças raramente despertavam ternura nas mães.

Esses são argumentos suficientes para deixar transparecer que esse ideal da “natureza” da mulher ligada a maternidade e aos filhos é um argumento forjado cultural e socialmente e que a mulher não tem nenhuma relação de naturalidade com sua prole. Aliás, por sermos seres de linguagem, Freud demonstrou, desde muito cedo em sua obra, com a teoria acerca da pulsão sexual, que apresentaremos mais a frente, que não tecemos com nossos objetos nenhuma relação de naturalidade. Assim, a relação que uma mulher pode vir a estabelecer com seu filho

---

<sup>7</sup> Badinter, E. (1987). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

(a), dependerá do lugar que ele ocupa em seu desejo, e isso tem, e muito, relação com o valor que este filho terá para ela.

Kehl (2016) baseada em Freud e Lacan, chama a atenção justamente para o fato de que se algo precisa ser constantemente afirmado, como era a dita natureza feminina, pelos pensadores da época, é porque a afirmação tem a função de encobrir algo da ordem de uma verdade, ou seja, a verdade está alhures. O universo feminino não possui esta ou qualquer outra “natureza”, e justamente, essa constante reafirmação, denota uma tensão entre o pensamento vigente e a subjetividade das mulheres.

Klipan (2015) se refere a este destino dado às mulheres na História Ocidental, destacando o alto preço que pagaram e, muitas vezes, ainda pagam aquelas mulheres que tentaram se desvencilhar deste lugar de ser no mundo, tornando-se alvo de hostilidade. O autor nos faz notar que, ainda hoje, são impostas restrições às mulheres, quer seja na sua mobilidade, na sua renda, no seu campo profissional. E, se esse é um efeito sentido pelas mulheres ainda na atualidade, decerto, na época do surgimento da psicanálise, sua condição era muito mais complicada. Isso sem mencionar, é claro, a Idade Média, que é considerado um dos momentos históricos mais sombrios no que se relaciona às mulheres.

Apesar de todas as restrições já citadas, não se pode deixar de lado uma importante consequência. Com o advento da Modernidade, a maternidade tornou-se sim uma possibilidade de gozo<sup>8</sup> para as mulheres, visto que ganhou este estatuto de possibilidade de encarnar um ideal. É por isso que Kehl (2016) nos adverte que seria ingenuidade pensar que este lugar dado a mulher na sociedade moderna, essa forma de viver a feminilidade e a maternidade, foi meramente imposto pelos homens. Em suas palavras:

o casamento fundado nos ideais do amor romântico, a posição de rainha do lar *responsável pela felicidade* de um grupo familiar, a posse quase absoluta sobre os filhos, tudo isso representou, para a maioria das mulheres do século XIX, um destino intensamente desejado e, para muitas, um caminho de verdadeira realização pessoal (Kehl, 2016, p. 65).

Na opinião desta autora, o desajuste não se encontra neste ponto. Não significava, necessariamente, que as mulheres fossem infelizes por ocupar este lugar social, mas sim, se havia insatisfações, era porque seu lugar ficava circunscrito unicamente a este espaço, e as outras possibilidades, entendidas como masculinas, estavam impedidas, ou pelo menos, eram bastante restritas.

---

<sup>8</sup> Aqui podemos entender o termo gozo como ligado ao sentido de prazer sexual, gozo fálico e, portanto, limitado (Chemama, 1995).

Um destes aspectos limitados às mulheres, bastante destacado por Molina (2011), diz respeito à educação formal. Poucas mulheres chegaram a ser reconhecidas em suas carreiras profissionais e seu acesso à educação era bastante restrito. Na Viena vitoriana, para ingressar no ensino superior, os homens prestavam exames; as mulheres, quando tinham acesso a este, não podiam acessar o nível superior. Quando se tornavam professoras, por exemplo, restringiam-se ao trabalho no nível primário.

O autor ainda afirma que as mulheres eram estimuladas a estudar apenas até concluir o primário e assim ficavam de fora do nível médio e superior. As operárias, nem sequer estudavam, devido a necessidade de trabalhar. Mesmo Freud, considerado a frente de seu tempo em muitos aspectos, pensava que as mulheres deviam ficar limitadas ao mundo doméstico. Sua adorada filha Anna também não alcançou o nível superior.

O fundador da psicanálise trazia em si posições contraditórias em relação as mulheres. Ao mesmo tempo em que lhes ofertou sua escuta, reconheceu suas aspirações e deu lugar às suas palavras, vivia como um homem burguês. O homem moderno não demonstrava interesse em se casar com mulheres instruídas em nível superior; temia que elas se dedicassem mais ao trabalho do que a eles próprios (Molina, 2011). Assim, podemos entender que há uma diferença entre Freud, enquanto homem e pai de família e o psicanalista que foi.

Em Viena, somente em 1919, após o fim da Primeira Guerra Mundial, que as mulheres adquiriram o direito de estudar no ginásio com os homens, isto porque, quando os homens estavam em batalha, elas haviam ocupado seus lugares nos bancos escolares. Ao final da guerra, não aceitaram mais ficar de fora do ginásio e retornar à condição anterior (Molina, 2011).

Como afirma Molina (2011), as mulheres não eram tão dóceis quanto se esperava que fossem e esperavam muito mais de suas vidas do que era previsto pela cultura de sua época. As históricas de Freud ensaiavam outros lugares sociais. Anna O. foi uma das que o conquistaram: nunca se casou e tornou-se uma importante assistente social.

Foi apenas muito lentamente que as mulheres foram se emancipando e puderam acessar o ensino superior e se consolidar como profissionais tão reconhecidas quanto os homens, se tornando médicas, engenheiras e psicanalistas.

Klipan (2015) tece comentários que seguem caminhos semelhantes quando menciona que, se por um lado havia um novo estatuto científico que tendia a afirmar a inferioridade feminina, por outro, o liberalismo econômico promoveu novas modalidades de relação e companheirismo familiar. Desta forma, a vida no mundo vitoriano era bastante sufocante para as mulheres e estas, como forma de defesa, responderam pela via histórica.

Molina (2011), pensando na mesma direção, aponta que as grandes porta-vozes das reivindicações destas mulheres, submetidas ao julgo dos homens, foram as histéricas. Sua interpretação é que a histeria fora tão pouco escutada pelos homens médicos no século XIX justamente porque revelava uma verdade incomoda, que fazia barulho e perturbava o pátrio poder.

Assim, as mulheres com que Freud se encontrou em sua clínica eram aquelas em conflito com o ideal de feminilidade de sua época e a histeria era uma maneira de dar expressão a este conflito – entre os ideais tradicionais e suas aspirações enquanto sujeitos, “as histéricas acabaram por representar o sintoma, não apenas de si mesmas, mas de uma sociedade hipócrita e decadente” (Molina, 2011, p. 50).

Como dissemos há pouco, não é sem razão, portanto, que a psicanálise surge neste momento histórico, justamente porque esta forma neurótica de laço social também surge com a Modernidade. Molina (2011) afirma que toda a comunidade científica estava às voltas para tentar solucionar este novo problema médico. Os sintomas neuróticos não tinham causa definida e nem mesmo os médicos conseguiam localizá-los em partes específicas do organismo. Por isso, Freud foi considerado um desbravador, pois não temeu seu “não saber” e se dedicou a escutar as mulheres histéricas.

Mesmo que, no campo científico, a histeria já estivesse descrita na nosografia psiquiátrica, Freud foi pioneiro, ao dar-se conta de que por detrás do sintoma histórico, jazia uma recusa da feminilidade como “modelo de subjetivação e de sexuação” (Kehl, 2016, p. 153).

Podemos considerar então que a clínica e a teoria psicanalítica se fundam na atitude freudiana de certo enfrentamento de pré-conceitos (no sentido de conceito prévio, imbuído ou não de julgamento de valor) de sua época. Antes de Freud, as mulheres histéricas eram tidas pela Medicina como degeneradas, doentes, loucas. Para tratá-las se ofertavam os mais diversos procedimentos, desde banhos e internações até, como afirma Molina (2011), os mais estarrecedores tratamentos como: sufocações – utilizadas a fim de interromper encenações, tapas na cara, zombarias, extirpação de ovários, cauterização do clitóris, entre outras torturas.

Não era desconhecida, no meio médico da época, a relação da histeria com a sexualidade. Ela era entendida como uma doença de mulheres, provinda do útero e por isso, era alvo de zombaria entre eles, como nos noticia o próprio Freud (1914/1996a, p.25), que escutara de um colega médico que o tratamento deveria consistir em “penis normalis dosim repetatur” [pênis normal em doses repetidas – tradução conforme Jorge & Ferreira, 2010].

Freud não tirou sua teoria da cartola. De sua experiência com Charcot e de sua parceria com Breuer, colheu algumas ideias: os sintomas históricos não respeitavam a anatomia e tinham

relação com a sexualidade. O diferencial foi que Freud, a partir da escuta destas doentes, reconheceu nelas um saber e construiu, a partir desta clínica, uma teoria inovadora, uma nova via de entendimento da sexualidade humana. A histeria passou a ser entendida por ele como uma psicose, cujas causas são inconscientes e dizem respeito a desejos sexuais recalcados.

Sua compreensão acerca da homossexualidade se deu também a partir deste primeiro movimento e da grande descoberta da pulsão sexual que retirou, definitivamente, a sexualidade do plano da sexologia e a realocou no plano do psiquismo.

Assim, a psicanálise nasceu percorrendo a trilha da histeria e do feminino e acabou revelando que o que jaz por detrás de toda neurose é o sexual.

Sabemos, desde Freud, que nenhum sujeito nasce homem ou mulher e sim, que se transforma e assume uma posição sexuada, a partir de seu percurso edípico. Kehl (2016) insiste no fato de que Freud, ao longo de sua obra, tentou responder ao que faz com que uma mulher se torne feminina, até mesmo porque, o tornar-se mulher para ele era tornar-se feminina. Até o final de sua vida se debateu com o impasse do final de análise para as mulheres, que, para ele, significava a aceitação da feminilidade, ou seja, a aceitação de sua posição castrada – o que significava abrir mão da pretensão de um dia conquistar um pênis e, como consequência, aceitar colher os frutos da sua feminilidade.

Este recuo diante da aceitação da feminilidade não era algo exclusivo da mulher, também ele o percebia nos homens que a manifestavam, pois recusavam, da mesma maneira, a castração. Kehl (2016), chama a atenção para o fato de que possuir um pênis não é garantia de ser fálico, pois, caso contrário, não haveria razão para que os homens passassem a vida inteira atrás de conquistas fálicas. Justamente porque ter um pênis não é garantia de nada, que Freud modifica seus termos e fala em primazia do falo, este objeto destacável e simbolizável, e não primazia do pênis.

Aprofundaremos estes conceitos no terceiro capítulo, quando nos dedicaremos a constituição sexual da menina a partir da leitura dos principais textos freudianos que versam sobre o tema.

Retomando a posição de Freud sobre as mulheres, como já dissemos antes, seria incorreto deixar de reconhecer o quanto ele foi um homem à frente de seu tempo. Como afirma Molina (2011), com a psicanálise, Freud permitiu que grande parte das mulheres tratadas por ele saíssem da opressão por parte dos homens e, neste sentido, colocou-se em sua defesa. Contudo, sua teoria acerca da sexualidade feminina baseada em conceitos como inveja do pênis, além de considerações acerca da mulher, de caráter depreciativo, como, por exemplo, a mulher

sendo detentora de um menor senso de justiça, devido a fragilidade constatada por ele na constituição de seu superego, enfureceram as feministas.

Outro ponto muito mal recebido pelas feministas foi o lugar dado ao clitóris. O fato de Freud o entender como um órgão masculino e que a feminilidade somente seria atingida a partir de seu abandono enquanto zona erógena primordial, fez com que surgissem uma série de teorias e preconceitos que pregavam que o gozo clitoridiano era impróprio para as mulheres e que, portanto, deveria ser totalmente abandonado (Prates, 2001).

Todos estes pontos são considerados por muitos autores como um desvio machista da teoria freudiana; mesmo estando à frente, não poderia se colocar fora de seu tempo e, como tal, era um participante masculino como todos os outros da burguesia vitoriana.

Prates (2001) ainda ressalta que, no entendimento de muitos críticos, tanto de dentro, quanto de fora do campo psicanalítico, Freud propôs um modelo de organização psíquica e social falocrata e patriarcal. Em seu entendimento, estes posicionamentos em relação a obra freudiana são, minimamente, um deslocamento dos argumentos.

Isto porque, para esta autora, a realidade de que se trata em psicanálise é a realidade psíquica, ou seja, é a realidade do inconsciente, da maneira de realizar inconscientemente, através da fantasia, o desejo. Portanto, para ela seria um equívoco entender e confundir, por exemplo, a posição passiva na feminilidade, com a posição a que muitas mulheres ainda são submetidas nos seus aspectos políticos, sociais ou econômicos. Isto porque para uma mulher aceder a uma posição feminina diante de um homem e, portanto, suportar encarnar, momentaneamente, o lugar de objeto de seu desejo, ela precisa de uma boa dose de atividade e implica numa escolha subjetiva, através da qual ela pode experimentar prazer, o que é bastante diferente da condição social, que não pode ser negada, a que muitas mulheres estão submetidas, em que são destituídas da possibilidade de escolha.

Já Roudinesco e Plon (1998) consideram que muitas vezes Freud se mostrou misógino, um cientista conservador, muito pouco preocupado com o feminismo. A apresentação destes dois exemplos de leituras da obra freudiana, tão diferentes entre si, nos permitem concluir que não há um consenso sobre a posição de Freud, nem entre as autoras feministas e nem mesmo entre psicanalistas que não defendem a bandeira do feminismo.

O fato é que o estudo da sexualidade feminina dividiu o movimento psicanalítico, a partir de 1920, com a entrada de mais mulheres nas sociedades. Segundo Prates (2001) as teses freudianas foram defendidas por mulheres como: Marie Bonaparte, Heléne Deutsch, Jeanne Lampl-De Groot e Ruth Mack-Brunswick. Entretanto, foi questionada por muitas outras como Melanie Klein e Josine Müller e Karen Horney. Estas autoras entraram num forte embate por

não aceitar ou por ter reservas importantes quanto a questão da diferença sexual, inveja do pênis e, também, com a atenção dada a Freud para a figura paterna na constituição sexual da menina.

Roudinesco e Plon (1998) entendem que a grande falha de Freud foi desconsiderar, por muitos anos, as relações arcaicas com a mãe na organização edípica da menina, algo já notado e teorizado por Melanie Klein. Foi-lhe impossível reconhecer a importância das teses kleinianas tanto por razões teóricas quanto pessoais. Freud ficara muito revoltado com a forma que sua filha Anna havia sido tratada pelos partidários de Klein. Os textos de 1931 e 1933, *Sexualidade feminina* e *Conferência XXXIII Feminilidade* respectivamente, seriam uma correção da sua teoria, realizada a partir da consideração da relação da menina com a mãe.

Ao fazer nossa leitura nos deparamos com o contínuo exercício freudiano de repensar sua teoria e as questões humanas. No caso desta pesquisa, tentaremos percorrer o caminho traçado por Freud no que diz respeito à homossexualidade feminina, a partir da seleção de alguns textos, escritos em momentos diferentes de sua obra.

Compartilhamos da opinião de Marie Christine de Laznik (2003) que afirma que, ao contrário do que muitos pensam, os textos freudianos sobre a sexualidade não possuem nada de atrasados e, apesar de versar sobre a mulher vitoriana, e estar permeado de pontos questionáveis, não revelam apenas um Freud machista e patriarcal. Na perspectiva dessa autora, e também na nossa, estes textos se revelam surpreendentemente atuais.

Perguntamo-nos então, diante deste panorama traçado, a partir deste lugar dado às mulheres na modernidade, o que significava para uma mulher tornar-se homossexual? Seria a homossexualidade feminina uma forma de escapar deste lugar social predeterminado? Seria a homossexualidade um ato de coragem ou um recuo? Avançaremos buscando responder a estas questões, agora, nos dirigindo ao campo das homossexualidades na modernidade.

## **1.2 As homossexualidades**

A homossexualidade, tema de nossa pesquisa, é um fenômeno que precisa ser interpretado de acordo com o tempo histórico no qual ele se inscreve. A homossexualidade, na Antiguidade Clássica, era um fenômeno considerado natural, vivido essencialmente pelos homens, muito diferente da realidade da cultura ocidental de origem judaico-cristã (Ceccarelli & Franco, 2010).

Molina (2011), citando Birman<sup>9</sup>, afirma que na Antiguidade Clássica, mesmo que claramente existiam sujeitos de ambos os sexos, culturalmente e socialmente, havia apenas um sexo, o masculino. A mulher por não ser considerada cidadã, neste período histórico, era desconsiderada.

É apenas na modernidade que a hierarquia entre os sexos (presente também na Idade Média) se transforma e se institui enquanto uma possível diferença entre os sexos. Por essa razão, pensamos que a homossexualidade é um fenômeno diferente em cada época histórica. A homossexualidade na Antiguidade não é a mesma que a da Idade Média, que também é diferente daquela descrita por Freud, que, da mesma forma, difere da homossexualidade da pós-modernidade ou contemporaneidade.

Enquanto a homossexualidade feminina, apesar de existente, nem sequer era considerada no mundo clássico (visto que apenas os homens eram considerados cidadãos), na Idade Média, tornou-se alvo de punições, como qualquer outra prática sexual que se desviasse do fim reprodutivo. Já na Modernidade passa a ser vivida com base na disputa fálica, como veremos a partir da teoria freudiana, e na contemporaneidade, passou a ser amparada por movimentos sociais que buscam romper com o falocentrismo e a diferença sexual (Allouch, 2005).

No mesmo sentido, Ceccarelli e Franco (2010) informam que até o século XVIII, também a medicina considerava apenas o sexo masculino; a mulher era vista como um ser invertido. Apenas no início do século XIX, o estudo da anatomia feminina força o pensamento científico a interpretar, por oposição, o homem e a mulher. Estabelecida esta diferença, diferenciam-se também, a partir dela, o que se espera, em termos de comportamentos, para cada um dos sexos.

Como apontamos anteriormente, o homem era tido como superior a mulher, tanto em termos físicos quanto morais e por isso, tinha como função, na família nuclear burguesa, a proteção e o provimento. A mulher, por sua vez, era submissa ao homem, porém superior a ele em termos afetivos. Ambos, homens e mulheres, tornavam-se complementares, e, assim, qualquer interesse entre pessoas do mesmo sexo passou a ser considerado inversão, antinatural e anormal.

Ceccarelli e Franco (2010), citando Foucault<sup>10</sup>, afirmam que qualquer comportamento que fugisse à “lei da natureza” passou a ser estudado, visto que representavam uma ameaça ao código moral, ou seja, a lei dos bons costumes e, também, à raça. Daí o surgimento de uma

---

<sup>9</sup> Birman, J. (2002). *Feminilidades*. Rio de Janeiro: Espaços Brasileiro de Estudos psicanalíticos.

<sup>10</sup> Foucault, M. (1999). *História da Sexualidade I – a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

corrente científica (sexologia) que propôs termos como perversões, degenerações e instintos sexuais. Os homossexuais passaram a ser vistos como perversos e, portanto, sua conduta sexual passou a ser considerada criminosa, subversiva em relação a moral da sociedade burguesa.

Outra corrente da sexologia vigente na época, por outro lado, tratava as homossexualidades enquanto doenças, e a partir desta visada, os homossexuais passaram a ser alvo de tentativas de cura.

Ceccarelli e Franco (2010) nos fazem notar que houve um importante movimento no século XIX. A medida que a homossexualidade passou a ser uma categoria médica foi, pouco a pouco, sendo transformada num tipo de identidade sexual e, em seguida, tornando-se uma identidade social. Assim houve uma reformulação, os próprios sujeitos e não mais seus comportamentos sexuais que passaram a ser enquadrados em categorias: normais ou anormais.

Apesar da psiquiatria ter sido fundada, enquanto prática clínica possível, no final do século XVIII, na França, a partir dos trabalhos de Philippe Pinel e Esquirol, foi Wilhelm Griesinger, na Alemanha, em meados do século XIX, quem iniciou o processo de profissionalização da psiquiatria que, até então, não tinha o mesmo status das outras especialidades médicas. Considerado o pai da psiquiatria biológica, foi ele quem propôs que os doentes mentais apresentavam transtornos dos nervos e cérebro e assim, deu início a uma entusiasmada tarefa de diagnosticar e classificar as afecções mentais (Paoliello, 2013; Pereira, 2007).

No que se refere especificamente a homossexualidade, Paoliello (2013) afirma que foi Karl Westphal, professor da Universidade de Berlim, quem propôs o diagnóstico de “sentimento sexual contrário” (p. 33), entendendo contrário em relação ao sentimento supostamente correto com relação à procriação, e propondo, para ele, uma etiologia congênita. Este entendimento da homossexualidade fez com que Westphal se posicionasse contra as leis da época que condenavam criminalmente as práticas homossexuais. Entretanto, apesar de sustentar uma atitude de descriminalização, como acreditava que esses sentimentos se apresentavam conjuntamente com outras afecções mentais, acabava por patologizá-los. A partir desta proposta diagnóstica, na Alemanha, houve um deslocamento significativo – a homossexualidade passou de crime a doença.

Segundo Vieira (2009) em 1892, o psiquiatra vienense Richard Von Krafft-Ebing publicou seu livro *Psychopatia Sexualis*, onde adotou o termo homossexual, cunhado por Karl-Maria Kertbeny, jornalista e ativista dos direitos humanos austro-húngaro, e o classificou como uma das anomalias do instinto de reprodução da espécie e, portanto, uma degeneração.

Contemporâneo de Ebing, em 1897, Havelock Ellis, médico inglês, empregou pela primeira vez o termo “inversão sexual” definindo a homossexualidade como congênita e natural, criticando também a sua criminalização (Paoliello, 2013; Roudinesco, 2013; Vieira, 2009).

Por essa razão que Vieira (2009) chega a afirmar que até 1892 a homossexualidade não existia; não é que não existissem sujeitos que tivessem como parceiros sexuais pessoas de mesmo sexo anatômico, mas sim, esta categoria, este tipo de classificação que promovia a separação das pessoas em classes, a partir do exercício de sua sexualidade, é que não existia.

O discurso médico-científico do século XIX, instaurou uma possibilidade de normalização-patologização da sexualidade. A partir deste momento, os sujeitos não eram apenas alvo de críticas e sanções sociais e legais, mas também passaram a ser enquadrados em categorias diagnósticas, a serviço da vigilância moral, que era uma nova forma de legislar sobre a sexualidade: considerando-a normal ou anormal.

A intensa preocupação com a criminalização e normatização da homossexualidade dizia muito mais respeito à homossexualidade masculina. Quanto a homossexualidade feminina havia “um silêncio no mínimo inquietante que, provavelmente, é um resquício da ideologia do século XVIII da posição inferior da mulher” (Ceccarelli e Franco 2010, p. 125).

A partir de outra argumentação, Maurano (2013) nos traz um entendimento bastante semelhante. Para ela, ao contrário das homossexualidades masculinas que sempre causaram bastante alvoroço e questionamentos, produzindo assim diversos estudos, as homossexualidades femininas, ao contrário, sempre “fluíram silenciosas, mais discretas, pouquíssimo mencionadas, incorporadas, sutilmente, ao cotidiano, como se fizessem parte da natureza” (p. 317). Isto porque, para esta autora, como a homossexualidade feminina tem origem na relação mãe-filha, possui um caráter de aparente naturalidade, visto que como todo primeiro amor da filha é a sua mãe, este deslocamento passasse quase despercebido. Em sua opinião, o silêncio com relação à homossexualidade feminina é parte integrante de um silêncio muito maior, aquele que concerne ao universo feminino em geral.

Da mesma maneira, Dunker e Barbero (2010) afirmam que a condição das homossexuais femininas na sociedade ocidental é a de invisibilidade. Se até os dias atuais as mulheres lésbicas escondem sua sexualidade, guardam silêncio, desmentem, vivendo sua sexualidade e relações amorosas apenas no campo da intimidade e na espera privada, quiçá no fim do século XIX e início do século XX. Segundo os autores, qualquer vivência fora da tríade heterossexualidade, casamento e filiação era uma ameaça à ordem simbólica estabelecida, que acabamos de expor no ponto anterior, que servia de base de sustentação do que podemos nomear

como uma ideologia social na sociedade moderna, sendo, portanto, muito melhor tornar-se invisível.

Os autores ainda ressaltam o fato de que esta invisibilidade das lésbicas se estendeu inclusive entre as mulheres. As mulheres, ativistas feministas, demoraram muito em reconhecer e defender as reivindicações lésbicas, temendo serem confundidas com “mulheres mal-amadas” ou “sapatonas” (Dunker & Barbero, 2011, p. 28).

A retomada do termo lesbianismo, que tem origem na poesia grega, a partir da metade do século XX, teve a intenção de valorizar o amor e a erótica entre mulheres. Safo de Lesbos, que viveu na Grécia entre os séculos V e IV a.C. foi a primeira poetisa que descreveu o amor erótico entre duas mulheres. Na interpretação de Dunker e Barbero (2011), Safo não era propriamente lésbica, no sentido de apresentar um tipo de subjetividade social, “diferenciado e autoconsciente” (p. 29), mas como descrevia o amor entre mulheres deu origem a esta denominação, que, a partir de meados do século XX, surge como um tipo de identidade social a partir da luta, dos movimentos de reivindicação dos direitos da comunidade LGBT.

O termo lesbianismo<sup>11</sup>, dentro do campo psicanalítico, se refere a uma forma de organizar o erotismo e a sexualidade, que envolve a identificação e um tipo de economia de gozo. Portanto, uma das vias a que pode ser chegar na constituição sexual numa mulher (Dunker & Barbero, 2010).

Quando Freud menciona, ao longo de sua obra, o termo homossexualidade ele nem sempre está se referindo a relação erótica entre dois sujeitos do mesmo sexo. Freud a pensa, como veremos no capítulo seguinte, tanto como um componente da sexualidade em geral, presente em sujeitos heterossexuais quanto a uma posição sexuada. Em se tratando da posição sexuada homossexual nas mulheres o próprio Freud assume que a psicanálise não deu a atenção necessária e que foi um tema deixado ao largo durante sua produção teórica. Trataremos mais profundamente deste ponto no quarto capítulo.

Para fins do que nos propomos neste momento, contextualizar o cenário cultural e científico acerca das homossexualidades, podemos resumidamente afirmar que a grande contribuição de Freud foi fazer uma fundamentada crítica ao discurso psiquiátrico de sua época, retirando a homossexualidade e demais vivências eróticas do campo da hereditariedade e da degeneração.

---

<sup>11</sup> O termo lesbianismo, apesar de formado pelo sufixo “ismo”, intimamente relacionado à significação de doença, é usado por muitos psicanalistas como Dunker e Barbero (2011) e Allouch (2005). Nenhum destes faz qualquer menção à possível conotação patológica do termo. Por isso, mantivemos o mesmo termo ao longo deste trabalho.

Abordaremos, na quarta parte deste trabalho, com maior profundidade os conceitos produzidos pela ciência da época, que representaram, para Freud, a fonte de saber na qual ele bebeu e com a qual rompeu. Por isso, abordaremos, em maior profundidade o texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905, pois é nele que Freud se dedica a um longo debate com as teorias dominantes na época.

## 2 Bases conceituais e temas cruciais para o estudo da sexualidade na teoria freudiana

Antes de nos debruçarmos nos textos freudianos relativos à sexualidade feminina, gostaríamos de trabalhar alguns conceitos e noções fundamentais em psicanálise que dizem respeito às formas de enlaçamento do sujeito com os outros, seus objetos no mundo. É necessário apresentar os conceitos de pulsão, desejo, identificação e, também, as noções de escolha objetal e de amor, pois serão a partir deles que poderemos entender a constituição sexual na menina, a fim de compreender uma de suas possibilidades, a homossexualidade. Isso porque são estes conceitos/noções que aparecem a todo momento nas formulações freudianas, muitas vezes, sem uma distinção muito clara entre eles, possivelmente por ser inexistente, e, por isso, seu entendimento é necessário para seguir nosso trajeto.

No caso do amor, apesar de ser tomado como um conceito por alguns autores como, por exemplo, Lopes (1997), entendemos que não possui o *status* de um conceito propriamente psicanalítico sendo muito mais uma temática ou uma noção, o que, contudo, não diminui sua relevância dentro do campo psicanalítico e no estudo das homossexualidades femininas, temática de nossa pesquisa. Não pretendemos fazer uma apresentação exaustiva destes, mas sim tomá-los em suas principais características a fim de tornar mais clara as leituras futuras. Sendo assim, este percurso teórico fornecerá as trilhas, será nosso guia quando da leitura dos textos sobre a homossexualidade feminina.

Como já afirmamos anteriormente, percorreremos este trajeto através de comentadores lacanianos. Nosso objetivo não é apresentar a teoria lacaniana, mas sim, a forma como a obra freudiana é lida a partir desta ótica. Por isso, acreditamos ser importante apresentar com que “régua” mediremos o que está por vir, ao acompanhar a elaboração teórica de Freud sobre a homossexualidade feminina.

### 2.1 A pulsão

O primeiro dos conceitos que visitaremos é o de pulsão. Garcia-Roza (1997), em sua obra *Freud e o Inconsciente*, retoma aquele que é considerado por muitos psicanalistas como um grande equívoco de tradução produzido por James Strachey, quando da tradução das obras completas de Freud para o inglês. O tradutor preferiu traduzir *Trieb* (termo empregado por Freud no alemão) por *Instinct* (no inglês). Segundo Garcia-Roza, *Instinct* seria a tradução correta para *Instinkt* (no alemão) e não para *Trieb*, cujo significado tem muito mais proximidade com impulso do que com instinto. A diferença entre ambos reside no fato de que os instintos

serem hereditariamente fixados e as pulsões não. Este equívoco de tradução não é inócuo e sim, significa um desvio biologizante da teoria psicanalítica.

Numa posição em consonância com Garcia-Roza, Alfredo Jerusalinky (2010) fará um jogo de palavras cujo sentido tem muita importância dentro do campo psicanalítico: “o indivíduo da espécie humana é um deficiente instintivo” (p. 25), visto que não há nada programado em sua carga genética, nenhum objeto, nenhum comportamento, que seja capaz de acalmar o seu mal-estar.

Diferentemente dos outros animais, o bebê humano vem ao mundo em completo desamparo, sem o aparato necessário para que possa, ele mesmo, promover alguma ação específica que satisfaça suas necessidades, nem quando se trata de algo externo, nem mesmo quando se trata de estímulos internos; por isso, é dependente de um outro.

O animal, ao contrário, possui um saber, biologicamente transmitido, que regula sua relação com os objetos. Com os humanos, esta ordem não está presente e nada está definido a priori. É por isto que há espaço para a pulsão e a sua inscrição no psiquismo (Jerusalinsky, 2010).

O conceito de pulsão é considerado uma ficção por Garcia-Roza (1997), uma ficção forjada por Freud para garantir certa inteligibilidade a algo que não pode ser descrito no real, visto que a pulsão nunca pode ser conhecida por si mesma, e sim, apenas por seus representantes, a saber: a representação e o afeto.

Freud (1905/1996b) a define em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*:

o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do ‘estímulo’, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos de delimitação entre o anímico e o físico. (...) O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é a sua relação com suas *fontes* somáticas e seus *alvos*. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico (p. 159).

A fonte da pulsão é somática, surge de alguma parte do corpo cuja excitação é representada no psiquismo. É distinta dos estímulos fisiológicos em geral, como a fome e a sede, mas provém de zonas erógenas. Em princípio, Freud (Garcia-Roza, 2000) previa a existência de algumas fontes erógenas no corpo. No texto *Sobre o Narcisismo*, abandona esta ideia e estende a erogeneidade para todo o corpo.

“A rigor, uma pulsão não pode nem ser destruída e nem inibida” (Garcia-Roza, 1997, p.126), sempre ativa, apresenta-se como pressão constante, pressionando para que alguma ação específica elimine a tensão. Neste ponto, há uma diferença importante entre pulsão e instintos,

os últimos não possuem a força que tem a pulsão, que força o psiquismo, pressionando constantemente, a produzir. Quanto aos instintos, “a função biológica é marcada por um ritmo, por uma alternância, por uma possibilidade de satisfação através da eliminação do estado de estimulação na fonte” (Garcia-Roza, 2000, p. 89).

O alvo da pulsão é sempre a satisfação, que promove a diminuição da tensão, de forma a promover a descarga de energia ao nível mais próximo de zero. Se o alvo de todas as pulsões é sempre o mesmo, os caminhos que conduzem a ele são diversificados, podendo haver alvos intermediários. Como não é possível satisfazer plenamente a pulsão, visto que ela é uma força constante, a satisfação é sempre parcial.

O objeto da pulsão é o que há de mais variável e pode ser qualquer um que favoreça o objetivo pulsional. A aptidão do objeto para propiciar a satisfação, mesmo que parcial, não decorre de nenhuma característica específica deste, nem mesmo de uma possível adequação entre o objeto e a fonte da pulsão. O que liga uma pulsão ao seu objeto é a história do sujeito, o que, portanto, remete ao que se articulou como desejo e às fantasias. “Entre a pulsão e o seu objeto, há o desejo e a fantasia” (Garcia-Roza, 2000, p. 92).

Freud apresenta, ao longo de sua obra (ela é dividida por seus seguidores, como Garcia-Roza (1990), para fins de melhor entendimento de sua teoria), duas teorias acerca da pulsão. A primeira, apresentada nos *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade* em 1905 e depois de maneira mais elaborada em *As pulsões e seus destinos* de 1915, e a segunda, reformulada, em *Além do Princípio do prazer*, publicado em 1920, momento de virada teórica de sua primeira para a segunda tópica.

Naquela que pode ser considerada a primeira teoria, o próprio Freud faz esta aproximação entre a pulsão e o biológico. Segundo Garcia-Roza (1990), a teoria do apoio, em que a pulsão inicialmente se apoiaria em alguma necessidade, ou seja, nas pulsões de autoconservação, é difícil de ser sustentada.

Para justificar essa inconsistência da teoria do apoio, o autor, apresentando sua leitura da teoria freudiana, afirma que o corpo, em sua naturalidade, é um corpo em falta. Esta falta é denominada de necessidade, cuja presença leva a uma ação específica no sentido de tamponar essa falta e, portanto, satisfazer a necessidade. Em se tratando do campo da necessidade, essa falta é plenamente suprimida por algum objeto, já a pulsão, não. Para exemplificar podemos utilizar a fome e o prazer oral, enquanto o objeto da necessidade fome é, para o bebê, o leite, para a pulsão oral, o objeto é o seio, que quando toca a boca do bebê, causa-lhe prazer.

Sendo assim, no mundo natural o objeto é sim capaz de preencher a falta – temos um objeto absoluto, plenamente adaptado ao campo da necessidade. Entretanto, como somos seres

de linguagem, a palavra tem como efeito imediato a desnaturalização do corpo, das suas necessidades e também dos objetos, dando origem ao mundo simbólico (Garcia-Roza, 1990).

Uma das consequências desta desnaturalização é a perda do objeto absoluto. Sem objeto absoluto perde-se a possibilidade de satisfação plena, o corpo perde sua autossuficiência. Assim, o corpo que interessa à psicanálise não é aquele da ordem da biologia, mas sim o pulsional, que precisa ser construído, visto que não está dado no nascimento. E o será, na relação do bebê com aquele que o cuida, em geral, a mãe.

Garcia-Roza (2000), ao retomar o *Projeto* (Freud, 1895/1996), vai dizer que a pulsão é, para Freud, externa ao psíquico, sendo sim um estímulo que se apresenta como uma exigência de trabalho ao psiquismo. Além disso, como é exterior e não participa dele, não está regida pelos mesmos princípios, a menos que seja capturada pelo psiquismo. O modo de captura se dá através da representação.

Assim, Freud faz uma diferenciação entre a representação da pulsão no psiquismo, que funciona pela regulação do princípio do prazer e da realidade e outra que estaria além do princípio do prazer, que diria respeito a pulsão em si mesma onde não há ordem, há o caos, pura dispersão. Garcia-Roza (2000) toma o cuidado de esclarecer que esta diferenciação é meramente didática, pois a pulsão não existe sem a representação e a representação não existe sem a pulsão.

Nas duas teorias da pulsão apresentadas por Freud há um dualismo. Na primeira, entre pulsões sexuais e as de autoconservação ou pulsões do eu, onde as primeiras visariam o prazer do órgão e as segundas, como o próprio nome diz, a autoconservação do indivíduo, do eu; e na segunda teoria, o dualismo residiria entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. As pulsões sexuais e do eu se agrupam enquanto pulsões de vida, enquanto as pulsões de morte são aquelas disjuntivas, pura potência.

Não nos aprofundaremos nestas duas teorias, visto que, neste trabalho nos interessa esclarecer as pulsões sexuais e suas relações com o desejo e o amor homossexual. Mas, de qualquer maneira as pulsões sexuais e pulsões de vida são de mesma ordem. A mudança teórica para a segunda teoria não exclui a primeira, apenas a amplia, fazendo a diferenciação entre a pulsão “representada” e a “não-representada”, o que já estava descrito na primeira teoria.

Nas palavras de Garcia-Roza (1990), “O que denomina de pulsão sexual, é a pulsão referida a esse corpo-linguagem, já que o sexual supõe uma forma, e somente podemos falar em forma e sentido, no lugar da ordem e da linguagem” (p. 39) A pulsão sexual é a referida ao registro do desejo, e a pulsão de morte é o que fica de fora do campo das representações, as pulsões em estado bruto.

O corpo pulsionalizado, erógeno, é então um corpo já submetido à ordem da linguagem – a pulsão sexual é referida à linguagem. Como afirmamos em parágrafos anteriores, o objeto da pulsão pode ser qualquer um, desde que ele se faça objeto para o desejo e “Como é pela fantasia que o objeto se articula com o desejo, ela é a mediação necessária entre a pulsão e o objeto” (Garcia-Roza, 1990, p. 65).

A função da fantasia consiste em fazer um anteparo entre o sujeito e a pulsão. Esta é a leitura lacaniana da teoria freudiana. Assim, a pulsão pode ser satisfeita de maneiras diversas, infinitas, mas apenas parcialmente, pois o objeto é perdido – o objeto absoluto falta.

Garcia-Roza (1990) aponta que por mais que Freud (1905/1996b) tenha teorizado a existência de uma organização da pulsão sexual, subentendendo para ela um final ideal, representado pela chegada ao primado genital, que discorreremos com maiores detalhes no capítulo a seguir, esta ideia não se sustenta. Na opinião deste autor, a leitura da obra freudiana permite entender que a única organização possível se dá através da estrutura de significantes – em termos freudianos, a partir das representações. “O sexual carece de significado” (Garcia-Roza, 1990, p. 144). Por isso, sua íntima relação com o desejo e a fantasia.

## 2.2 O desejo

Assim como a pulsão, o desejo, no sentido psicanalítico, se distancia do campo da necessidade. Garcia-Roza (1997), a título de ilustração desta distância, fala sobre o estado de tensão provocado por ambos. No caso da necessidade, este estado de tensão impele o indivíduo numa determinada direção, na busca de um objeto, de ordem biológica, que a satisfaça. O desejo, assim como a necessidade, também é um estado de tensão, motor da subjetividade, que impele também o sujeito na busca de objetos que, ao contrário da necessidade, não possuem um caráter de realidade, mas são sim fantasiados.

O desejo freudiano é o desejo inconsciente. Segundo Garcia-Roza (1997), o desejo se dá ao nível das representações e possui como características fundamentais, propostas por Freud no texto *O Inconsciente* de 1915, sua origem infantil e a indestrutibilidade. Por não poder nunca ser satisfeito, o desejo se desloca de objeto a objeto, numa série que não tem fim. O caráter de indestrutibilidade do desejo se deve ao fato de sua satisfação ser sempre adiada. Como a satisfação nunca é alcançada, o objeto do desejo é uma falta – a marca do desejo é a sua insatisfação e é isso que torna o desejo indestrutível.

Quanto a sua origem, Garcia-Roza (1997) apresenta de maneira bastante didática aquele que Freud toma como o modelo da constituição do desejo, nomeado por ele como a primeira

experiência de satisfação, descrita em *A Interpretação dos sonhos* de 1900. Tomando como exemplo um bebê com fome que é levado ao seio por sua mãe, explica que ao mamar, ocorre a satisfação da necessidade, reduzindo sua tensão a zero. Uma imagem mnêmica se liga ao traço de memória da excitação causada pela fome, de maneira que, ao sentir fome novamente “surgirá de imediato uma moção psíquica que procurará recatexizar a imagem mnêmica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, reestabelecer a situação de satisfação original. Uma moção dessa espécie é o que chamamos de desejo” (Freud, 1900/1996, p. 595).

O desejo é então este retorno a traços mnêmicos de satisfação, é uma volta a uma experiência de satisfação que deixou uma marca, um traço (representação). O desejo é repetido para que a experiência se realize.

A noção de desejo foi construída muito precocemente por Freud, logo no início de sua teorização, e está intimamente ligada à ideia de conflito psíquico. Em sua primeira tópica, Freud apresenta sua concepção de aparelho psíquico, dividido em sistemas: Inconsciente, Pré-consciente e Consciente.

O cerne do conflito psíquico se deve ao fato de que mesmo que a realização do desejo inconsciente produza prazer, ao mesmo tempo, provoca também angústia ao consciente (eu), visto que há diferentes exigências entre os sistemas.

Ao passo que o Inconsciente insiste em realizar os desejos, entre Ics. e Pcs. há a presença da censura, que faz o necessário para impedir a realização dos desejos inconscientes. Por isso, “a realização de desejos, conforme *A interpretação dos sonhos* de Freud, não é outra coisa senão a invenção de formas de expressão ao recalcado” (Kehl, 2016, p.21).

Por ter íntima relação com a pulsão é que o desejo insiste, se repete. Da mesma maneira, por ser aquilo do qual o eu se defende e não quer saber, nunca aparece de maneira direta – sofre deformação, é deslocado.

Assim podemos pensar no desejo como tendo sempre um caráter sexual, pois sua existência tem sempre como causa a sexualidade, ou seja, tem suas raízes na pulsão. Pulsão e desejo estão a todo momento articulados, entretanto, do ponto de vista lacaniano, não pertencem ao mesmo registro. Enquanto a satisfação pulsional (gozo pulsional) teria um caráter Real, o desejo é da ordem do Simbólico e diz respeito a estas marcas (traços unários/ traços mnêmicos) inscritas no psiquismo durante o processo de pulsionalização do corpo. O conjunto destes traços é o que, ao final da constituição psíquica, forma o inconsciente. A pressão pulsional aparece como desejo movendo o aparelho psíquico em direção aos objetos, visando sua realização através da satisfação pulsional.

A título de comentário, visto que não nos dedicaremos a esmiuçar este tema, Rabinovich (2004), em consonância com Garcia-Roza (1997), afirma que Freud sempre mencionou o termo satisfação no que diz respeito à pulsão e realização quando se referia ao desejo, o que demonstraria que ele enfatiza diferenças em relação aos dois conceitos. A autora afirma que: “O problema de como se articulam os dois termos está no centro das dificuldades freudianas a respeito das articulações entre o Isso e o inconsciente” (Rabinovich, 2004, p. 11). Para a autora, Lacan, com o avanço de sua teorização, oferece uma abordagem diferencial entre Isso e inconsciente, diferenciando desejo de pulsão.

Retomando nosso raciocínio, é necessário lembrar que os objetos do desejo não são, como refere Garcia-Roza (1997) da ordem das coisas e sim, elementos simbólicos – o objeto do desejo está perdido para sempre. Como não é mais possível repetir a experiência de satisfação original, o desejo é este retorno ao que não é mais, essa tentativa de reproduzir alucinatoriamente a satisfação original.

Daí a íntima relação do desejo com a fantasia. Nasio (2007a) afirma que se um sujeito possui uma fantasia é porque deseja: “Uma fantasia é a encenação no psiquismo da satisfação de um desejo imperioso que não pode ser saciado na realidade” (p.10).

Desta forma, uma fantasia, no sentido psicanalítico do termo, diferentemente do devaneio ou das fantasias conscientes, é inconsciente e tem como função substituir uma satisfação real (entendendo este real no sentido de realidade) por uma satisfação fantasiosa ou fantasiada. Por isso, podemos afirmar que o desejo é a própria realidade psíquica. A realidade psíquica de um sujeito é seu modo de realizar inconscientemente o desejo, fruto de seu trajeto edípico.

Abordaremos nos seus pormenores, no terceiro capítulo, no que constitui o trajeto edípico que será percorrido pela criança, principalmente a menina, objeto do nosso estudo. O que precisamos deixar claro aqui é que a fantasia é uma cena edipiana e o sujeito, já constituído, é governado por ela. Como afirma Nasio (2007a, p. 18) “nossos comportamentos afetivos são sempre a expressão vivida de uma ou de várias fantasias inconscientes que nos parasitam(...)”. Desta forma, a capacidade de um sujeito amar e o objeto amado tem íntima relação com as fantasias inconscientes que o habitam.

### **2.3 Identificação e escolha objetal**

Se, desde Freud, podemos entender que o objeto da pulsão é assexuado, visto que pode ser qualquer um e, da mesma forma, o desejo não teria um objeto, já que seu objeto está para

sempre perdido e, portanto, sua realização se daria através de intermináveis deslocamentos, a assunção de uma posição sexuada, ou seja, de uma identificação masculina ou feminina, somente se daria a partir de outro registro, do Imaginário<sup>12</sup>, ou o campo do sentido. Assim, é a partir do trajeto edípico e das identificações que a criança estabelece com as figuras parentais, ou com aqueles que a cuidam, que ela poderá enfim assumir uma posição sexuada. Por isso, apresentaremos brevemente um apanhado geral sobre as mudanças no pensamento freudiano sobre a importância das identificações na constituição sexual.

Freud propõe uma mudança no que diz respeito ao lugar da verdade do sujeito, deslocando-a do eu, ou da consciência, para o inconsciente. O eu, a partir de Freud, passa a ser entendido como lugar de desconhecimento, de ocultamento da verdade inconsciente (Garcia-Roza, 1997).

Podemos entender por identificação o processo pelo qual o eu transforma-se, total ou parcialmente num aspecto do objeto, lembrando, é claro, que este é um processo inconsciente e não uma escolha consciente. Como afirma Nasio (1997, p. 100) “a identificação, tal como concebida pela psicanálise freudiana, é um processo de transformação efetuado no próprio seio do aparelho psíquico, fora de nosso espaço habitual e imperceptível diretamente por nossos sentidos”.

Este autor ressalta a importância de não confundir o eu com a pessoa (indivíduo) e nem o objeto com a pessoa amada. Como já afirmamos em pontos acima, o objeto não é aquela pessoa percebida conscientemente e sim, a representação psíquica inconsciente deste outro e, antes mesmo, se refere a representações inconscientes prévias que se ancoram neste outro da realidade externa (o objeto) ou até mesmo uma evocação remota, visto que as representações inconscientes são impessoais – se constituem de traços unários ou marcas mnêmicas.

Durante seu processo de constituição psíquica, o bebê vai tecendo e, mais ainda, sendo tecido por uma série de identificações. Freud, segundo Dias (1998) menciona duas ordens diferentes de identificações: a sexuada, que se refere à posição feminina ou a masculina, advinda do trajeto edípico e a questão da escolha objetual, que se refere ao fato do sujeito, em constituição, tomar como objeto um homem ou uma mulher.

Estamos a todo momento explanando sobre o que se entende por objeto na teoria freudiana. Mas achamos importante o alerta feito por Dias (1998) de mais um possível equívoco

---

<sup>12</sup> Uma das categorias do conjunto terminológico proposto por Jacques Lacan (Real-Simbólico-Imaginário), que diz respeito ao campo das identificações e que só de ser pensado a partir dos outros dois: o real e o registro simbólico. O registro do imaginário deve ser entendido a partir da imagem. É o registro do eu e comporta sempre uma dimensão de desconhecimento e alienação. (Chemama, 1995)

que o termo escolha de objeto pode gerar, visto que não se trata de uma escolha volitiva, deliberada, mas sim de “injunções inconscientes” (p.98), que ocorrem durante a constituição psíquica.

Laplanche e Pontalis (1998) afirmam que o conceito de identificação se tornou pouco a pouco central na obra freudiana, pois está intimamente ligado ao valor do complexo de Édipo como estruturante do psiquismo, principalmente, após a segunda tópica freudiana, que apresenta a constituição do aparelho psíquico dividida em Id, Ego e Superego.

Com relação a este ponto, muitas escolas psicanalíticas, por criticar a segunda tópica freudiana, considerando-a um desvio biologicista, principalmente no que tange a constituição do Id e ao fator estruturante do Édipo, acabam por desconsiderá-la. A escola lacaniana, pelo contrário, não a desconsidera, e a toma como fundamental. Dentro do campo lacaniano, não há o entendimento de que a segunda tópica do aparelho psíquico é disjuntiva à primeira. Contudo, o fato de não a desconsiderar não significa que Lacan não tivesse tecido suas críticas. Por esta razão, se dedicou a defender a sua leitura da obra freudiana, propondo inclusive, inúmeros avanços.

É claro que há muitos aspectos e pormenores com relação a este conceito, inclusive a formulação freudiana mais completa acerca das identificações, conforme Laplanche e Pontalis (1998), é a apresentada em *Psicologia de grupos e análise do ego* de 1921, em que ele faz uma distinção entre três tipos de identificação: a primária, a secundária e a histérica. Não nos dedicaremos a esmiuçar cada uma dessas possibilidades de identificação visto que não é o objetivo de nossa pesquisa, mas apresentaremos brevemente esses três tipos de identificação.

Freud (1921/1996) apresenta a identificação primária ou identificação com o pai como a forma originária de relação afetiva entre o sujeito e o objeto, onde o eu adquire características do último. Segundo Laplanche e Pontalis (1998), esta é a identificação pré-edípica está intimamente ligada com a incorporação oral do objeto. É aquela que: “Combina-se muito bem com o complexo de Édipo, cujo caminho ajuda a preparar” (p. 115).

Nessa primeira identificação, que voltaremos a apresentar no próximo ponto, o objeto é assimilado por ingestão, quando o pequeno sujeito devora aquele que ama. Esta identificação primária é precursora da secundária, onde o pai é tomado como objeto. Assim, Freud (1921/1996) faz uma distinção entre a identificação primária e escolha deste (o pai) como objeto, onde a primeira diz respeito a quem se gostaria de **ser** e a segunda, a quem se gostaria de **ter**. Este primeiro tipo de laço é anterior ao segundo e o eu do sujeito se esforça por moldar-se conforme um aspecto daquele que foi tomado como modelo. A identificação é sempre parcial e toma emprestado um traço da pessoa que é objeto dela.

O terceiro tipo de identificação é a que está presente no sintoma histérico e se baseia na possibilidade ou no desejo de colocar-se numa mesma situação. Assim:

O que aprendemos dessas três fontes pode ser assim: primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio da introjeção do objeto no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto sexual (Freud, 1921/1996, p. 117).

Assim, a escolha de objeto que um sujeito virá a fazer em sua vida adulta tem íntima relação com as identificações que fez durante a sua constituição.

Um pouco antes dessa compreensão, em *Sobre o narcisismo* de 1914, Freud indica que a escolha objetual implica sempre num reencontro, ou seja, será uma reedição da experiência amorosa que se viveu com os pais da infância. Os futuros objetos sexuais de um sujeito correspondem às imagens parentais que a criança constituiu na infância. Neste sentido, os objetos de amor de um adulto serão sempre os substitutos objetos amorosos da infância (Dias, 1998).

## 2.4 O amor

Deste ponto, das identificações e da escolha objetual, direcionamo-nos a outro ponto teórico que será importante esclarecer para nossa leitura freudiana nos próximos capítulos – o amor. Diferente do conceito de libido, mas intimamente relacionado com ele, o amor, em todos os seus sentidos, é um tema central em psicanálise. É pelo amor (transferencial) que se opera na clínica e é de suas relações amorosas que os sujeitos se queixam e sofrem, buscando suas análises (Ravanello e Martinez, 2013).

A fim de estabelecer as diferenças e aproximações entre a libido e o amor, encontramos em Laplanche e Pontalis (1998) a seguinte definição de libido: “energia postulada por Freud como substrato das transformações da pulsão sexual quanto ao objeto (deslocamento dos investimentos), quanto à meta (sublimação, por exemplo) e quanto à fonte da excitação sexual (diversidade das zonas erógenas)” (p. 266).

Estes autores afirmam que é difícil apresentar uma definição deste conceito que seja satisfatória, visto que não recebe, na teoria de Freud, uma definição unívoca. De qualquer forma, ela está ligada à ideia de quantidade e de investimento, ou seja, a energia que rege a economia psíquica.

A libido pode ocupar o próprio eu e neste caso, é nomeada por Freud como libido narcísica ou estar investida em um objeto externo ao eu, que é, neste caso, nomeada como libido objetual (Laplanche & Pontalis, 1998).

Ferreira (2004, p. 18), no mesmo sentido, a define como: “a substância das pulsões sexuais e está sujeita a transformações”. Garcia-Roza (1997) afirma que apesar de ser empregada por Freud, na maioria das vezes, no seu sentido quantitativo, energético, ele também lhe dá uma marca qualitativa, da qual não abre mão, que é justamente sua natureza sexual.

Assim, o termo libido se refere ao campo pulsional e o amor pertenceria ao campo do não-pulsional, e teria relação com o campo narcísico (Lopes, 1997). Entretanto, o objeto amado também é alvo de investimento libidinal e, neste sentido, há uma aproximação entre a pulsão e o amor, ou como afirma Ferreira (2004), mesmo que ambos sejam separados, isto não implica que não haja pontos em que eles se entrelacem.

Freud (1915/1996) afirma que no início da vida, no momento do narcisismo primordial, o ego (eu) é catexizado pelas pulsões e é, até certo ponto, capaz de satisfazê-las em si mesmo, ou seja, a satisfação é autoerótica. Neste momento, o mundo externo não é catexizado e é indiferente aos propósitos da satisfação. O eu ou o ego do sujeito coincide com o que é agradável e o mundo externo com o que é desagradável ou, minimamente, indiferente.

Desta forma, inicialmente, o bebê tem um funcionamento autoerótico e não reconhece o mundo externo. Na medida em que os objetos externos passam a lhe ser apresentados ou reconhecidos, aqueles que se tornam fonte de prazer para o eu são introjetados (identificação primária). Já aqueles que se tornam fonte de desprazer são expelidos, através do mecanismo de projeção.

Assim, o ego realidade, que havia feito a distinção entre interno e externo, a partir de um princípio objetivo, se transforma num ego prazer, que divide a realidade externa também em duas partes: numa parte que é agradável e que é incorporada em si mesmo e outra, que é vivida como estranha e que fica isolada do ego e é projetada no mundo externo, tornando-se hostil. Se, num primeiro momento, não havia diferença entre o pequeno ser e o mundo externo e num segundo momento passa a haver um primeiro par de opostos, eu-objeto, aqui se constitui uma outra polaridade de opostos, prazer-desprazer, onde o ego é prazer e a realidade externa torna-se desprazer.

No momento do narcisismo primário, quando o objeto faz a sua aparição, não há diferença entre o mundo externo e o objeto e ambos são odiados. Os objetos ainda são, neste momento da constituição psíquica, estranhos e, portanto, odiados. Somente depois, quando o objeto se torna uma fonte de prazer que ele pode vir a ser amado e, então, incorporado ao ego.

Quando esta fase do narcisismo primordial, autoerótica, cede lugar para a fase objetal, o prazer e o desprazer passam a depender da relação do ego com os objetos. Freud (1915/1996) faz questão de apontar que as atitudes de amor e ódio não podem ser utilizadas para explicar as relações entre as pulsões e seus objetos, apenas para as relações entre o ego total e os objetos.

Assim, o amor está para Freud em íntima relação com a sexualidade. Ravello e Martinez (2013) num interessante artigo intitulado *Sobre o campo amoroso: um estudo do amor na teoria freudiana* traçam, com muita qualidade, aproximações, na obra freudiana, entre amor, pulsão e desejo.

Fazendo um percurso pelos textos freudianos, os autores procuram demonstrar as aproximações do amor com a pulsão. Retomando o texto *A pulsão e os seus destinos* de 1915, mencionam que Freud aproxima o amor com a relação de prazer entre o ego e o objeto e, assim, a busca de satisfação, quer seja pulsionalmente, quer seja amorosamente, se dá a partir dos objetos parciais definidos no processo constituição sexual do sujeito. E neste sentido Freud afirma que: “falamos de ‘atração’ exercida pelo objeto proporcionador de prazer, e dizemos que ‘amamos’ esse objeto” (Freud, 1915/1996, p. 141).

Há também, para estes autores, momentos na obra freudiana em que há afastamento entre amor e pulsão, quando Freud se dedica ao estudo do amor romântico e idealizado. No caso deste tipo de amor, a escolha do objeto amoroso é uma escolha narcísica.

Garcia-Roza (2000), retoma as possíveis formas de amar que Freud apresenta em *Sobre o Narcisismo* de 1914: segundo o tipo narcisista, ama-se: “o que se é, o que se foi e o que gostaria de ser ou alguém que foi parte do seu eu; segundo o tipo anaclítico, ama-se a mulher que o alimenta e o homem que protege” (p. 47).

Freud (1914/1996b) trabalhando, neste escrito, a passagem do narcisismo primário ou primordial para o narcisismo secundário apresenta, como mencionamos anteriormente, um dualismo da libido. Segundo seu entendimento, ela se dividiria entre libido do ego e libido objetal e, quanto mais uma se presentifica, a outra se esvazia. Na sua explanação, toma como exemplo o apaixonamento de um sujeito por outro. Para ele, nestes casos há certa desistência do sujeito em favor do objeto amado.

Afirma também que a escolha de objeto das pequenas crianças deriva diretamente dos objetos sexuais de suas primeiras experiências de satisfação. As vivências autoeróticas são experimentadas com relação às funções de autopreservação. Assim, um primeiro tipo de escolha objetal é do tipo anaclítico, em que:

Os instintos [pulsões] sexuais estão, de início, ligados à satisfação dos instintos [pulsões] do ego; somente depois é que se tornam

independentes destes (...) os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidados e proteção: isto é, no primeiro caso, sua mãe ou quem quer que a substitua (p.94; nossos comentários entre colchetes).

Um segundo tipo de escolha é o narcísico, em que a escolha objetal não toma a mãe como modelo, mas sim o próprio eu: “Procuram inequivocamente a *si mesmas* como um objeto amoroso” (Freud, 1914/1996b, p. 94).

Ambos os tipos de escolhas estão presentes em qualquer sujeito, contudo, é possível encontrar certa preferência por um ou outro tipo. Freud (1914/1996b) fala das diferenças entre os sexos masculino e feminino no tocante a sua escolha objetal, embora não deixe de alertar que essas preferências não são universais. Para ele, os homens teriam uma preferência pelo amor objetal anaclítico, que supervaloriza o objeto amado e se origina no narcisismo primário do sujeito, sendo este narcisismo transferido ao objeto – há um empobrecimento do investimento libidinal do eu em favor do objeto amoroso.

O tipo feminino de escolha objetal seria o narcísico, em que as mulheres amam apenas a si mesmas, com intensidade comparável à dos homens por elas. “Sua necessidade não se acha na direção de amar, mas de serem amadas; e o homem que preencher essa condição cairá em boas graças” (Freud, 1914/1996b, p. 95). Freud faz questão de dizer que fazer tal afirmação não tem nenhuma intenção de depreciar as mulheres, até mesmo porque, para ele, há muitas mulheres que amam segundo o modo masculino.

Além disso, menciona que mesmo para as mulheres narcisistas, estas podem experimentar aquilo que nomeia de amor objetal completo através do filho que podem vir a gerar, situação na qual podem dar-lhe o amor objetal. Outras mulheres, que amam e sentem-se masculinas desde a infância e assim permanecem até a adolescência, não necessitam de um filho para dar um passo do narcisismo secundário em direção ao amor objetal.

Como afirmamos alguns parágrafos antes, para Freud (1914/1996b) estar apaixonado implica num deslocamento da libido do eu em direção ao objeto, e, portanto, em privar-se de uma parte de seu narcisismo, que será substituído pelo amor que retorna do objeto amado. Neste sentido, o objeto sexual é transformado num ideal, pois imagina-se que através dele poderia se restituir o narcisismo perdido. Este tipo de ligação objetal implicado no apaixonamento, idealizado, é realizado a partir das condições infantis de amar. Nas palavras de Freud (1914/1996b):

a pessoa amará segundo o tipo narcisista de escolha objetal: amará o que foi outrora e não é mais, ou então o que possui as excelências que jamais teve. A fórmula paralela à que se acaba de mencionar diz o

seguinte: o que possui a excelência que falta ao ego para torná-lo ideal é amado. Esse expediente é de especial importância para o neurótico, que, por causa de suas excessivas catexias objetais, é empobrecido em seu ego, sendo incapaz de realizar seu ideal do ego. Ele procura então retornar, de seu pródigo dispêndio da libido em objetos, ao narcisismo, escolhendo um ideal sexual segundo o tipo narcisista que possui as excelências que ele não pode atingir (p. 107).

Ferreira (2004) afirma que o que está em jogo nestas escolhas de objeto amoroso é o amor enquanto sentimento de paixão, cuja característica é a supervalorização, quer seja a do objeto ou de si mesmo. Para essa autora, amor e desejo sexual são diferentes, sem que isso implique, necessariamente, numa relação de exclusão entre eles.

Nada impede que um objeto seja amado e cobiçado sexualmente. Quando se ama, o que está em jogo é a suposição de um ser – riqueza interior – no outro. Quando se deseja sexualmente, o que entra em cena é o outro capturado como objeto (Ferreira, 2004, p. 11).

A leitura lacaniana implica pensar o *falasser*, ou o sujeito humano, como constituído tridimensionalmente, numa estrutura psíquica formada pelo Simbólico, que é o campo ou registro da palavra e da lei, o Imaginário que abarca o campo do sentido e da imagem e o Real, que é o registro do impossível (Ferreira, 2004).

O amor é pensado, muitas vezes, como participante apenas do campo do Imaginário. Nesta vertente, é fundado na idealização e intenciona elidir a castração e, portanto, a falta constitutiva. A partir deste entendimento, o amor apaixonado teria a intensão de, a partir de dois, formar *Um*, ou seja, tem uma expectativa fusional. Ferreira (2004) afirma que:

É neste sentido que Lacan afirma que o desejo é sempre o mesmo, que está sempre se deslocando de um objeto para outro. Em relação ao desejo nunca é isto, é sempre outra coisa, mais outra, outra ainda e assim sucessivamente... Aqui entra em cena a invenção do amor com a finalidade de suprir a falta (p. 13-14).

Ravanello e Martinez (2013) propõem uma leitura de que o amor não possui apenas uma face imaginária, mas também apresentaria uma face simbólica e outra real. Desta forma, concluem que o amor é o que se repete, em qualquer uma de suas modalidades, devido a essa aproximação com os campos pulsional e do desejo. Por buscar uma satisfação que nunca será completa, o sujeito deseja e desejando, ama; ama os objetos que causam o desejo.

Para estes autores Freud também associa o amor ao objeto perdido e, portanto, ao desejo e a fantasia – o amor seria a reedição de uma cena fantasiada, que o sujeito busca repetir ao longo de sua vida. Assim, a maneira de amar e o objeto amoroso escolhido dependerá do modo como se constituirá o sujeito, de sua história.

A leitura deste interessante artigo, das bibliografias citadas e também aquilo que colhemos diretamente do texto freudiano, sugerem que Freud não apresenta uma única leitura sobre o amor. No que diz respeito ao amor sensual, o objeto amoroso é o que dá prazer. Em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*, Freud fala de como os impulsos sexuais tendem a se extinguir uma vez satisfeitos. Sendo assim, a mescla com componentes puramente afetuosos é o que permite que os laços entre dois sujeitos perdurem (Ravanello e Martinez, 2013).

E assim, a leitura dos textos freudianos:

apontam para consistência da leitura do conceito de amor enquanto campo – mostrando-se um fenômeno multifacetado e polissêmico – ao invés de um fenômeno restrito. Freud tomou a articulação do amor como centro e por isso, aproxima os conceitos de amor, pulsão, sexualidade e desejo sob a égide da concepção de processos econômicos, bem como em sua estruturação em linguagem, formando assim um campo amoroso (Ravanello e Martinez, 2013, p.180).

Assim, passaremos, a partir do próximo capítulo, a demonstrar a importância da noção de amor e dos conceitos previamente apresentados – que comparecem, na maioria das vezes, sem uma distinção nítida entre eles – para a constituição sexual da menina, para poder avançar, num quarto momento, para o campo da homossexualidade feminina.

### 3 A Constituição Sexual na Menina

Dando seguimento ao percurso que planejamos, pensamos ser importante apresentar as primeiras formulações freudianas sobre a sexualidade infantil e a instalação da pulsão na criança, expostas nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, publicado em 1905. Este é um texto essencial pois é o pilar sobre o qual Freud constrói sua teoria. Traremos as principais ideias contidas neste escrito para, em seguida, trabalharmos os pormenores e as especificidades da constituição sexual na menina.

#### 3.1 A sexualidade infantil

Retomando o viés histórico, Roudinesco e Plon (1998) afirmam que toda a comunidade científica do fim do século XIX estava preocupada com a questão da sexualidade. Como afirmamos anteriormente, daí a preocupação com a criação da sexologia, ciência biológica e natural do comportamento sexual. A sexualidade infantil, contudo, era ignorada nos meios médicos da época e foi tratada, pela primeira vez, de maneira ampla neste texto de 1905.

A grande sacada de Freud foi interrogar esta concepção de sexualidade vigente a fim de propor uma nova conceituação, estendendo a noção de sexualidade a “uma disposição psíquica universal e extirpando-a de seu fundamento biológico, anatômico e genital, para fazer dela a própria essência da atividade humana” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 704).

No que diz respeito ao rechaço da sexualidade infantil, pelo meio médico e pelos adultos em geral, Freud (1905/1996b) afirma ser natural que estes não a reconhecessem, apesar deles próprios terem tido suas experiências sexuais infantis. Isto porque, o acesso às vivências infantis não é livre, ficam inacessíveis a memória devido a amnésia. A amnésia infantil é a responsável por converter a infância numa pré-história do sujeito e guardar os primórdios da vida sexual dos adultos.

A sexualidade da criança é polimorfa-perversa – polimorfa pois é vivida de diferentes formas e perversa pois não respeita a ordem “natural” do corpo – é dada a todo tipo de transgressões e, justamente, é a construção de diques como a vergonha, o asco e a moral – que conterão aquilo que ele nomeia de “excessos sexuais” (Freud, 1905/1996b, p. 180).

Os diques são construídos, em parte, devido à educação, outra parte, se deveria a predisposições orgânicas e hereditárias. Estes diques fazem a contenção e tem como função fazer os desvios necessários à satisfação sexual na infância. Um desses desvios é o que acontece

durante o período de latência, por meio da sublimação, em que grande parte da energia sexual é utilizada para outros fins. Entretanto, Freud (1905/1996b) faz notar que, mesmo durante a latência, nem tudo é passível de sublimação e, por vezes, algo da ordem sexual foge, escapa. Ao final deste período, com a chegada da puberdade, há uma nova irrupção da pulsão sexual.

Sobre os caminhos percorridos pela pulsão, esta, inicialmente, não se dirige aos objetos, mas satisfaz-se no próprio corpo. Freud (1905/1996b) mantém a terminologia empregada por Havelock Ellis e nomeia este momento constitutivo como autoerótico. A criança busca satisfação através da estimulação de alguma parte de seu próprio corpo, alguma zona erógena (uma parte da pele ou de mucosa que pode provocar prazer quando estimulada), a fim de experimentar novamente uma sensação prazerosa já experimentada anteriormente.

Assim, haveria uma certa ordem no desenvolvimento pulsional, devido a importância que cada uma das zonas erógenas vai ganhando a medida em que a criança vai crescendo. Já apresentamos, no segundo capítulo, as dificuldades que esta teoria (do apoio) apresenta, mas para o presente momento, como nossa intenção é a de apresentar suas primeiras formulações, é pertinente deixar claro que Freud (1905/1996b) sustenta que as necessidades atuam como origem de cada uma das pulsões parciais. Estas se apoiam nas funções de sobrevivência e, portanto, na satisfação de necessidades, para depois se tornarem independentes delas.

Não nos dedicaremos a trabalhar as diferentes zonas erógenas oral e anal. Apesar de todo o desenvolvimento pulsional ser muito importante para a constituição sexual de um sujeito, para nos aprofundarmos na temática deste trabalho, abordaremos apenas a zona genital, que tem um lugar especial na constituição da sexualidade.

Apoiada na micção e, por isso, desde muito cedo alvo de intensos cuidados com a higiene, são excitadas e provocam sensações prazerosas. Esta constante excitação, a partir dos cuidados com a higiene seria, para Freud (1905/1996b), uma das causas da masturbação infantil, visto que ela é uma forma de produzir prazer autoerótico através da descarga da excitação. A masturbação infantil ocorre em três fases: a primeira, no período de lactância, a segunda, na altura dos quatro anos de idade (aqui Freud ainda não nomeia esta fase como fálica) e a terceira, que advém com a puberdade.

Apesar da sexualidade infantil ser eminentemente regida pelas pulsões parciais, desde sempre apresentam relação com os outros que a cercam, que são tomados como objetos sexuais. Freud (1905/1996b) afirma que, passado o momento em que a sexualidade infantil é regida principalmente pelas pulsões parciais orais e anais, entre os três e cinco anos, no momento que nomeia como o ápice da primeira florescência sexual infantil, soma-se a estas a pulsão de saber ou de investigar, que é dirigida para as questões sexuais.

A primeira questão à qual a criança se levanta é sobre a origem dos bebês e, para respondê-la, se envolve em um imbróglio imaginário; muitas hipóteses são então levantadas: de que os bebês saem dos seios, do umbigo, do ânus.

Outra preocupação das crianças, relacionada com a primeira questão, é sobre o que significa a relação sexual ou como diz Freud (1905/1996b), no que consiste ser casado. Para tentar compreender, formulam suas teorias. Essas formulações são feitas na mais completa solidão e suas construções refletem o seu processo de constituição psíquica, ou seja, a medida em que vão construindo respostas e elaborando as questões relativas à sua origem e a morte, ao seu corpo, ao seu sexo e ao sexo dos outros (em geral, os pais), vão se constituindo psiquicamente. É através da curiosidade sexual e da formulação de teorias para responder a ela que a criança adquire saber. Freud as considera fundamentais para o desenvolvimento da intelectualidade (Barbosa, 2016).

Aprofundaremos a importância deste momento constitutivo no que tange a sexualidade da menina um pouco mais a frente. Por agora, podemos concluir que a sexualidade infantil é, essencialmente, autoerótica, regida por pulsões parciais que não se vinculam umas às outras, sendo independentes entre si.

Outro ponto que achamos pertinente salientar é a questão da escolha objetal. Já neste texto, Freud (1905/1996b) tem a clareza de que ainda na infância se efetua uma escolha objetal que se aproxima muito daquela que será definida após a puberdade. A diferença é que nesta fase primeva, são mais atuantes as pulsões parciais, ainda não subordinadas ao primado genital. Ao chegar à fase adulta, as pulsões parciais se reúnem sob o primado da sexualidade genital, e o sujeito elege um parceiro sexual. Este “fim” genital é intimamente relacionado com a função de reprodução da espécie.

Neste ponto de sua formulação teórica nos deparamos com o Freud médico, que sem condições de responder por outra via, recorre ao biologicismo para resolver impasses teóricos, assim como fez com a sua proposição da teoria do apoio. Apesar de negar a “naturalidade” da pulsão, acaba recorrendo a um fim “natural” para o desenvolvimento sexual. Além do sempre presente apreço de Freud pelas ciências naturais, este retorno, frequente em sua obra, pode também ser interpretado como uma falta de recursos teóricos para desvencilhar-se dele.

Assim, a escolha de objeto sexual se dá em dois tempos constitutivos, o primeiro, entre dois e cinco anos e o segundo na puberdade. Os objetos infantis tratam-se das figuras pai e mãe, dependendo do sexo da criança, o pai no caso da menina e a mãe no caso do menino. Anos após, como falaremos mais a frente, ele fará reformulações neste ponto. Freud ainda não

reconhecia diferenças no desenvolvimento no menino e na menina, localizando essas diferenças apenas na puberdade.

Entre esses dois tempos, há o período de latência. Na fase de latência, os recalcamientos transformam os alvos sexuais, anteriormente carregados pelas pulsões parciais, em impulsos ternos. Em suas palavras: “A escolha de objeto da época da puberdade tem que renunciar aos objetos infantis e recomeçar como uma corrente sensual” (Freud, 1905/1996b, p. 189).

Enquanto se estrutura, ergue-se a barreira contra o incesto que impede que a criança continue a desejar e ter como objetos seus pais, os objetos mais amados em sua infância. Como anteriormente, a criança dirige impulsos sexuais aos pais – o filho à mãe e a filha ao pai. Caso não haja uma superação dessas fases de desenvolvimento libidinal, algo disso se presentificará na sexualidade adulta e, mesmo que sejam ultrapassadas com certo sucesso, há sempre efeitos dessas fantasias incestuosas no devir da criança.

Assim, é na esfera da representação que se dá a escolha do objeto, no nível da fantasia – fantasias incestuosas. “O encontro do objeto é, na verdade um reencontro” (Freud, 1905/1996b, p. 210), no sentido de que todo os objetos têm íntima relação com o modelo do seio perdido no desmame e buscar o objeto é restaurar a ‘felicidade perdida’” (p. 210).

A relação com a mãe erogeniza o corpo infantil, e “Quando ensina seu filho a amar está apenas cumprindo sua tarefa; afinal, ele deve transformar-se num ser humano capaz, dotado de uma vigorosa necessidade sexual, e que possa realizar em sua vida tudo aquilo a que os seres humanos são impelidos pela pulsão” (Freud, 1905/1996b, p. 211). A normalidade sexual se deveria à confluência da ternura e da corrente sensual em um objeto e uma meta sexual; a ternura representa o que ficou como remanescente da primeira efloração da sexualidade.

Neste processo de constituição, Freud menciona também a influência de fatores acidentais vivenciados na infância ou depois dela. Tanto estes quanto os fatores constitucionais adquirem muita importância neste processo e se influenciam mutuamente.

O desenvolvimento normal é aquele que instala uma neurose, por meio do recalcamto de grande parte da sexualidade perversa-polimorfa infantil, e é por isso que “a neurose é o negativo da perversão” (Freud, 1905/1996b, p. 225).

### 3.2 A bissexualidade constitutiva

Após esta introdução sobre a constituição sexual infantil em geral, passaremos agora a abordar pontos específicos e de extrema importância no que tange a constituição da menina. Traçaremos este caminho pois pensamos que ele servirá de base para pensarmos as correlações entre a feminilidade e a homossexualidade feminina na obra de Freud.

O estudo da sexualidade feminina tem íntima relação com a noção freudiana de uma constituição, inicialmente, bissexual. Jorge (2013a) afirma que ao contrário do que se costuma pensar, essa noção não foi introduzida por Wilhelm Fliess. Aliando biologia e psicologia, já era muito difundida pelos sexólogos da época, incluindo o já citado Richard von Krafft-Ebing, e era utilizada para explicar a homossexualidade.

Como aponta Marques (2013), a sexualidade tinha, para a sexologia, um caráter eminentemente biológico, baseado na noção de instinto. As condutas sexuais eram pensadas em termos de padrões fixos de resposta e comportamentos, no sentido da preservação e reprodução da espécie. Qualquer desvio à norma poderia e deveria ser classificado como perversão.

Fliess dava ênfase à bissexualidade biológica e relacionava a mucosa nasal com os órgãos genitais. Freud, influenciado por suas ideias, fez uma releitura de sua teoria e propôs outra noção de bissexualidade constitutiva. Muito mais psicológica, apesar de nunca ter abandonado completamente a questão biológica, estaria implicada nas escolhas objetais tanto homo quanto heterossexuais. O rompimento de Freud e Fliess se deveu a problemas relativos a autoria deste conceito. Apesar da diferença entre as propostas de ambos, com o passar dos anos, Fliess acusou Freud e seus seguidores de plagiar sua obra (Pollo, 2013).

Segundo Jorge (2013a), Freud escreveu os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* um ano após seu rompimento com Fliess, com duas intenções: dar uma resposta teórica ao antigo colega e atual acusador e para contrapor a concepção sexológica acerca da homossexualidade. Como resultado temos a formulação de sua teoria sobre a pulsão, já apresentada no primeiro capítulo, que subverteu todo o saber acerca da sexualidade em sua época, retirando a sexualidade humana do campo dos instintos.

Em sua teoria propôs que, em geral, tanto no corpo do homem quanto no da mulher há vestígios do aparelho reprodutor do outro sexo, de maneira atrofiada. Diante desta constatação orgânica, do ponto de vista biológico, haveria uma predisposição originariamente bissexual. Isto já era sabido no meio médico da época. O avanço proposto por Freud é que esta mesma predisposição se encontra também no campo psíquico e que, no transcorrer da constituição

subjetiva, iria se transformando em uma monossexualidade. Por isso, refere que não haveria razão alguma para sustentar a teoria de um terceiro sexo, proposta pela sexologia da época e que Freud (1905/1996b) rejeitou.

É visível neste texto de 1905 sua sempre presente tentativa de buscar no orgânico o embasamento para sua teoria. Fiel à sua formação naturalista, ao mesmo tempo em que sustenta forte direcionamento para os aspectos psíquicos, pulsionais, da constituição sexual, tenta fundamentá-los a partir do orgânico (Prates, 2001).

Como dissemos há pouco, a sexualidade infantil é polimorfa-perversa. No que diz respeito aos alvos genitais, o alvo sexual “normal” seria a união dos órgãos sexuais no ato sexual; contudo, também outras partes do corpo são alvo de carícias e despertam prazer durante o ato sexual. Assim, estas seriam, para ele, perversões comuns à vida sexual normal, ou seja, transgressões da anatomia, que têm como fonte de prazer sexual partes corporais não ligadas diretamente ao ato sexual.

Outro ponto ressaltado por Freud (1905/1996b) são as modalidades de satisfação pulsional, ativas e passivas, que são relacionadas com o sadismo e o masoquismo, fazendo uma distinção entre o que se refere à sexualidade “normal” e o que há de perversão em cada um deles. A conclusão que chega é que um é a continuação do outro (masoquismo/sadismo). A polaridade sadomasoquista coloca em evidência o contraste entre atividade e passividade, características universais da sexualidade humana. Assim: “O sádico é sempre e ao mesmo tempo um masoquista, ainda que o aspecto ativo ou passivo da perversão possa ter-se desenvolvido nele com maior intensidade e represente sua atividade sexual predominante” (Freud, 1905/1996b, p. 151).

Esse par de opostos atividade e passividade pode ser relacionado com a oposição masculino e feminino, respectivamente, que se combinam na bissexualidade. Assim, como afirma Jorge (2013a), a homossexualidade, intimamente relacionada com a bissexualidade, é pensada por Freud nos *Três ensaios...* como um componente sexual presente em qualquer sujeito, de maneira latente, ou manifesta em alguns, porque deriva da bissexualidade. Esta constatação faz da homossexualidade um destino tão legítimo quanto o heterossexual, ou seja, está fora do campo da psicopatologia.

Anos à frente, volta a escrever sobre esta temática em *Fantasia histérica e sua relação com a bissexualidade* (Freud 1908/1996) quando afirma que um sintoma histérico é a expressão de pelo menos duas fantasias, uma masculina e outra feminina, uma delas se originando de um impulso homossexual. Essa constatação clínica, da natureza bissexual do sintoma histérico,

também é lida por Freud como a constatação de uma disposição bissexual inata do ser humano, e acaba reforçando sua tese de que não há nada de anormal na homossexualidade.

Em *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*, Freud (1920/1996), argumentando contra o tratamento e possível remoção da escolha objetual homossexual tão em voga na época, afirma que esta não seria uma tarefa fácil. Ele mesmo, em sua clínica, encontrara êxito em tal ação apenas em circunstâncias que considerava especialmente favoráveis e, assim mesmo:

o sucesso consistia essencialmente em facilitar acesso ao sexo oposto (até então barrado) a uma pessoa restrita ao homossexualismo, restaurando assim suas funções bissexuais plenas. Depois, competia a ela escolher se desejava abandonar o caminho que é proibido pela sociedade, e, em alguns casos, assim procedia (p. 162).

Qualquer que seja o tipo de escolha sexual, ela sempre implica numa restrição na escolha de objeto e a conversão de um homossexual em heterossexual não é mais facilitada do que o caminho contrário, senão impossível.

Neste mesmo texto, novamente, retoma a ideia de um fundamento biológico, de uma bissexualidade original e inata nos seres humanos, tal como aparece também nos animais, relacionando masculinidade à atividade e feminilidade à passividade.

A leitura de Jorge (2013a) quanto a bissexualidade constitutiva é a de que Freud, apesar de se preocupar em mencionar os aspectos biológicos, deixa claro ao longo de sua obra que ela não deriva deles, mas sim de uma disposição universal que pode variar de um indivíduo a outro. E que, portanto, qualquer sujeito pode fazer escolha objetual tanto homo quanto heterossexual. Não é demais ressaltar, novamente, que escolha, neste caso, não se refere a um ato de volição, mas sim, uma determinação inconsciente.

Este argumento já seria suficiente, tanto na opinião de Freud, quanto na opinião deste autor, para desconsiderar qualquer psicopatologização da homossexualidade. Foi justamente a desconsideração desta premissa que fundamentou, dentro do campo psicanalítico, por parte de autores como Sandor Rado<sup>13</sup>, uma posição contrária e, portanto, patologizante da homossexualidade.

Retomando a obra freudiana, em *Organização genital infantil*, Freud (1923/1996a) esclarece que, até a fase sádico-anal, ainda não existe antítese entre masculino e feminino, mas

---

<sup>13</sup> Sandor Rado escreveu um artigo “Um exame crítico do conceito de bissexualidade”, em 1940, desconsiderando a teoria freudiana da bissexualidade e definiu a homossexualidade como “comportamento sexual doentio” (citado por Jorge, 2013a, p 211).

sim entre atividade-passividade. Na fase fálica, que será esmiuçada mais à frente neste trabalho, existe a masculinidade, mas não a feminilidade. “A antítese aqui é entre possuir *um órgão genital masculino* e ser *castrado*” (p. 161).

Apenas após a puberdade que a polaridade sexual se constituirá por masculino e feminino. Neste momento de sua formulação teórica podemos entender que masculino corresponde a atividade, a posição de sujeito e presença de pênis e feminilidade, como passividade, posição de objeto e acolhimento do pênis pela vagina.

Uma leitura possível desta citação que colhemos no texto de Freud (1923/1996a), com relação a fase pré-genital, seria entender a bissexualidade constitutiva como uma propriedade da pulsão, que pode se realizar por uma via ativa ou passiva e assim, neste sentido, não se trataria propriamente de posições femininas/masculinas que, ao longo do desenvolvimento, o sujeito teria que abrir mão de uma delas. Podemos encontrar esta leitura em *A dissolução do complexo de Édipo*, texto onde Freud (1924/1996) apresenta o complexo de Édipo sendo vivido tanto de maneira ativa quanto passiva.

Anos à frente, retoma o tema em *Sexualidade Feminina* (Freud, 1931/1996) e afirma que a bissexualidade inata é mais clara nas mulheres. Isso porque os homens têm apenas um órgão sexual, o pênis, enquanto as mulheres teriam dois, o clitóris e a vagina. Este segundo órgão sexual, passa despercebido por muitos anos, já que as primeiras experiências prazerosas da menina ocorrem em relação ao primeiro. É por este motivo que Freud divide a sexualidade infantil na menina em duas fases, a primeira, clitoridiana e masculina e a segunda, feminina. Além disso, o fato do clitóris, viril, continuar a funcionar na vida sexual adulta da mulher, é entendido por ele como um complicador. Comentaremos novamente este ponto, um pouco mais a frente, quando formos tratar das possíveis saídas para o drama edípico para as meninas. Não há nada de análogo no caso dos meninos.

Mais ao final de sua obra, na *Conferência XXXIII Feminilidade*, Freud (1933/1996) retoma o que já havia afirmado em 1905. Ressaltou que ao nos depararmos com um outro ser, a primeira definição que fazemos dele é relativa ao seu sexo anatômico – mulher ou homem. Em ambos os casos há caracteres primários, vagina ou pênis, ovários ou testículos e, também, caracteres secundários, que se manifestam na puberdade, como o aumento no tamanho dos seios, o crescimento de pelos etc.

Retoma a ideia já apresentada em 1905 de que nos corpos de ambos os sexos se encontram, em estado atrofiado, partes do aparelho sexual do sexo oposto e reafirma sua consideração de tal fato como a indicação de uma bissexualidade inata, ou seja, um humano nunca é puramente homem ou mulher. Feminilidade e masculinidade se tratariam de uma

mistura que envolveria proporção e, portanto, não é a anatomia que define um sujeito como masculino ou feminino.

Do ponto de vista psíquico afirma: “dizemos que uma pessoa, seja homem ou mulher, se comporta de modo masculino numa situação e de modo feminino, em outra” (Freud, 1933/1996, p. 115). Reforçando, novamente, que masculino corresponde a ativo e feminino, passivo.

A feminilidade é apresentada por Freud, nesta *Conferência*, como uma tendência a dar preferência a fins passivos. Contudo, para se chegar a fins passivos pode ser necessária uma boa dose de atividade, e por isso, estão sempre interligados. Freud também adverte o leitor para que não confunda esta qualidade da feminilidade com o lugar que a mulher é colocada na cultura. A aproximação feita por ele está entre feminilidade e a modalidade de satisfação pulsional passiva, por isso, faz inclusive uma aproximação entre a feminilidade e o masoquismo. A realidade de que se trata aqui é a realidade psíquica.

Ainda nesta *Conferência* de 1933 afirma que a constituição da posição feminina está sempre em risco de ser perturbada por resíduos da posição masculina inicial e que no decorrer da vida de uma mulher ela alternará momentos de predominância da masculinidade e feminilidade. Para ele, esta característica, sempre presente na sexualidade feminina, é o que tanto intriga os homens e provoca o desejo.

Como não há duas libidos, uma masculina e uma feminina, mas sim apenas uma, ela serve tanto às funções sexuais masculinas e femininas.

À libido como tal não podemos atribuir nenhum sexo. Se, consoante a convencional equação ‘atividade e masculinidade’, nos inclinamos a classificá-la como masculina, devemos não esquecer que ela também engloba tendências com uma finalidade passiva. Mesmo assim, a justaposição ‘libido feminina’ não tem qualquer justificação (Freud, 1933/1996, p. 130).

Roudinesco e Plon (1998) afirmam que depois de ter feito da noção de bissexualidade o ponto central de seu entendimento da homossexualidade, e também da sexualidade feminina, Freud nunca conseguiu conciliá-la com a ideia de uma libido única. Chegou a abandoná-la, mas a retoma em *Análise terminável e interminável* de 1937, um dos seus últimos escritos. Na opinião destes autores, o conflito ainda permaneceu na obra freudiana e foram apenas seus sucessores, Donald W. Winnicott, Jacques Lacan e Robert Stoller partindo, é claro, de posições diferentes, que conseguiram propor uma nova solução para a questão da bissexualidade.

Pollo (2013) afirma que a bissexualidade é um articulador da teoria freudiana pois se apresenta relacionada às fantasias históricas, ao complexo de Édipo, na fase pré-edipiana da

menina, na vida sexual das mulheres e, também, na paranoia. Isso porque, para esta autora, a obra freudiana não pode ser considerada como uma soma de partes isoladas, e sim tem uma estrutura, é um todo. A bissexualidade é um dos elementos da teoria das pulsões e esta teoria é um operador conceitual extremamente importante na obra freudiana como um todo.

No que diz respeito ao tema de nossa pesquisa, nos dedicaremos e avançaremos tentando expor uma dessas articulações – como a concepção bissexual se encontra em evidência na sexualidade feminina, principalmente na fase fálica, pois é a partir dela que poderemos correlacioná-la com a fase masculina e ativa da sexualidade da menina, tão importante para Freud na constituição da homossexualidade feminina.

### **3.3 A fase pré-edípiana: a mãe como objeto primordial**

Apesar de, desde seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1996b) já apresentar reformulada sua teoria da sedução – tendo clareza de que a sedução por parte do adulto não se trata de um abuso por parte de um pai perverso e sim ser aquela que ocorreria na própria relação da mãe com o corpo do bebê que, durante os cuidados com ele, acaba por libidinizar ou erogenizar seu pequeno corpo – levou muito tempo até que conseguisse precisar a importância da mãe para a sexualidade da menina. Isto porque, Freud não conseguia definir e articular esta relação primária com a mãe com o Édipo da menina. Como teorizava os complexos de Édipo da menina e do menino como simétricos, entretanto, opostos, a relação com a mãe era o protótipo do complexo de Édipo nos meninos. Nesta primeira versão do Édipo infantil simplificada, o menino ama sua mãe e rivaliza com o pai, a menina ama o pai e rivaliza com a mãe.

A fase pré-edípiana, embora ocorra temporalmente anterior ao Édipo propriamente dito, foi reconhecida e teorizada muito mais tarde. Apenas na última década de sua produção teórica que Freud se deu conta da importância deste momento na constituição sexual da menina.

Em suas primeiras formulações acerca do complexo de Édipo na menina (ainda não nomeado desta maneira), que aparecem neste texto de 1905, se refere exclusivamente ao pai. Como afirmamos anteriormente, Freud (1905/1996b) entende que a menina dirige impulsos sexuais ao pai e esta escolha objetal, incestuosa, se dá ao nível da fantasia. Enquanto se constitui, ergue-se a barreira do incesto, que impede que mantenha como objeto sexual seu pai. Contudo, na neurose, há sempre efeitos dessas fantasias incestuosas no futuro da menina, fantasias inconscientes que permeiam as relações amorosas e sexuais com seus parceiros e que estão presentes na formação dos sintomas.

Quinze anos depois, em *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*, Freud (1920/1996) já apresenta a figura materna como tendo importância fundamental na escolha de objeto de uma jovem homossexual atendida por ele. Seu entendimento era de que a sexualidade de sua paciente fluía em duas correntes, uma homo e outra heterossexual, sendo que a primeira seria a continuação direta de sua relação primária com a mãe. Para ele, neste caso, a corrente heterossexual havia se desviado e retornado para a primária. Contudo, não esmiúça a qualidade desta relação.

Quatro anos mais tarde, no artigo *A dissolução do complexo de Édipo*, Freud (1924/1996) reafirma sua escassa compreensão acerca da constituição da sexualidade feminina e considera o complexo de Édipo muito mais simples no caso da menina, não indo muito além de assumir a posição da mãe e adotar uma atitude feminina e passiva em relação ao pai.

Seu entendimento começa a se modificar em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (Freud, 1925/1996) quando começa a trabalhar a relevância da fase pré-edípiana. A partir desta constatação, reformula sua teoria quanto ao Édipo feminino, concluindo que há uma complicação extra para a menina atravessar.

Por amamentar e prestar todos os cuidados ao bebê, a mãe é o objeto primordial tanto para os meninos quanto para as meninas. Os primeiros a retém durante seu trajeto edípico, visto que a mãe continua sendo alvo de seus investimentos sexuais durante o complexo de Édipo propriamente dito, já as meninas precisam abandoná-la e mudar de objeto, da mãe para o pai. Por essa razão é que Freud (1925/1996) afirma que no caso delas, o complexo de Édipo pode ser entendido como secundário, um momento da constituição que depende de como a menina atravessa a fase pré-edípiana, através da entrada na fase fálica.

É em seu artigo *Sexualidade feminina* e na *Conferência XXXIII* sobre a Feminilidade que Freud (1931/1996;1933/1996) apresenta o que seria sua última formulação sobre este momento constitutivo, pois, justamente, amplia o que já havia apresentado neste texto de 1925.

Em *A sexualidade feminina*, Freud (1931/1996) reafirma que a menina tem uma tarefa mais complicada do que o menino pois, além de ter que operar uma substituição de objeto – da mãe ao pai, tem que abandonar sua primeira zona genital, o clitóris em favor da vagina. No próximo ponto, trabalharemos mais a questão da mudança de zona erógena.

Conclui que havia subestimado a duração desta relação primária e que, na realidade, costuma durar até os 4-5 anos de idade e abrange a maior parte da primeira vivência sexual da criança. Podendo, inclusive, em alguns casos, perdurar por toda a vida da mulher, sem que ela nunca faça uma alteração de objeto na direção dos homens.

Por outro lado, a menina pode transferir para sua ligação com o pai, durante a fase edípica, toda a intensidade vivida em relação à mãe na fase anterior, e será tão intensa quanto fora a sua relação pré-edípica. É esta fase que comporta todas as possibilidades de fixação e recalcamientos que servem de base para a constituição de uma neurose.

Assim, mesmo que tenha proposto sua máxima de que o complexo de Édipo seria o núcleo das neuroses, a amplia através da inclusão de todo o período anterior que tem como função preparar o terreno para as vivências edípicas propriamente ditas. Além disso, nomeia como complexo negativo este momento da constituição em que a mãe é o principal objeto e o pai não passa de um rival que atrapalha esta relação desejada com a mãe.

Zalberg (2003, p. 14) ressalta que: “Na verdade, ele constata, a feminilidade de uma filha constitui-se pré-edípica e edipicamente ‘entre pai e mãe’”, visto que ambos os objetos, e não apenas o pai, são essenciais na constituição sexual da menina. Também afirma que até o complexo de castração, o pai tem como função fazer a separação entre mãe e bebê. A constituição da criança de qualquer sexo se dá de maneira análoga até este momento. As diferenças aparecerão posteriormente.

Aqui podemos esclarecer que mesmo que Freud mencione as figuras do pai e da mãe, podemos entender, a partir das contribuições de Lacan (1964/1995), que mais do que os pais da realidade, a constituição infantil se dá através da relação do bebê com as funções materna e paterna, sendo estas ocupadas ou não pelos mãe e pai da realidade. Portanto, cabe àquele que exerceria a função paterna, efetuar essa separação entre a mãe (função materna) e o bebê.

Freud (1931/1996; 1933/1996) assume sua dificuldade no reconhecimento da dimensão e importância deste momento constitutivo e atribui às analistas mulheres a sagacidade por esta descoberta.

A grande questão para ele é saber o que faz com que a menina coloque um fim à sua relação objetal com a mãe. E, para acompanhar seu raciocínio clínico, é necessário abordar a fase fálica da menina.

### **3.4 A fase fálica**

Segundo Laplanche e Pontalis (1999), Freud construiu sua noção de fase fálica tardiamente em sua obra, nestes textos que acabamos de citar: *A organização genital infantil* (1923/1996a), *O declínio do complexo de Édipo* (1924/1996) e *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925/1996). É nesta fase, crucial, tanto na

constituição sexual do menino quanto da menina, que ocorre a transformação no par de opostos atividade-passividade, predominante até a fase anal, para outro, fálico-castrado.

A fim de tornar mais clara nossa exposição futura, antes de adentrarmos à especificidade desta fase para a constituição sexual da menina, achamos importante esclarecer a qualidade desta polaridade fálico-castrado. Laplanche (1988), a partir da leitura do texto de 1923, *A organização genital...*, assinala uma diferenciação entre dois termos utilizados por Freud ao se referir a esse momento constitutivo: diferença e diversidade.

O termo diferença (*Unterschied*) diz respeito a uma polaridade entre dois termos, em que a definição de um nega a do outro. Já diversidade (*Verschiedenheit*) diz respeito a uma relação entre qualquer número de elementos em que a definição de um não depende da negação do outro. Assim, tratam-se de duas lógicas: uma lógica dos contrários (diferença), binária, onde “*Os contrários não podem ser afirmados simultaneamente no mesmo sujeito*” (p. 40) e uma lógica dos contraditórios (diversidade) em que “*Os contraditórios não podem ser nem afirmados e nem negados simultaneamente de um mesmo sujeito*” (p. 40).

Esta diferenciação dos termos faz com que Laplanche (1988) nos chame a atenção para o fato de que, ao contrário do que se entende comumente, a sexualidade humana não é binária e sim, diversa. Se, do ponto de vista dos sexos, haveria uma diferença entre masculino e feminino, do ponto de vista dos órgãos sexuais, há uma diversidade.

No que diz respeito à diversidade dos órgãos sexuais propõe algumas diferenciações. Do ponto de vista fisiológico, há, para o autor, uma diferença entre os sexos. Esta diferença, contudo, não está assentada em um processo natural. A sexualidade humana é desnaturalizada. A própria anatomia e seu conhecimento estão impregnados de fantasias. Como apontamos anteriormente, o corpo humano é imaginário. Por isso, a anatomia humana é diversa, os órgãos sexuais incluem não apenas o pênis e a vagina, mas também todos os outros caracteres secundários (útero, seios, testículos, pilosidade, etc.) e nada impede que se imagine um terceiro sexo, com combinações dos dois sexos (o hermafrodita é a imagem emblemática destes casos, em que o sujeito apresenta atributos dos dois sexos).

Além disso, seguindo com este raciocínio, Laplanche (1988) afirma que há uma diferença quando os atributos sexuais são tomados como qualidades ou como insígnia. Podemos entender como insígnia aquilo que cria uma distinção que não existia a princípio, ou seja, algo simbólico e não apenas imaginário, que cria aquilo que simboliza e, portanto, marca uma diferença; já o atributo enquanto qualidade leva ao campo da diversidade. Isto quer dizer que, mesmo que algo não exista na natureza, pode passar a existir, ao nível da insígnia.

Direi que há *diversidade* dos atributos (os quais, indiscutivelmente, são em número indefinido de *n*); *diferença relativa* dos gêneros, baseada na escolha de dois atributos ou de duas séries de atributos (que não são unicamente anatômicos, mas podem ser igualmente sócio-culturais, psicológicos, etc.); mas *diferença absoluta* quando é marcada pela presença ou ausência de um só atributo (Laplanche, 1988, p. 47).

Retomando o texto freudiano, Laplanche (1988) afirma que a criança, antes de adentrar a lógica fálica, já reconhece a diferença entre homens e mulheres, sem, contudo, reconhecer que haja uma diversidade em seus órgãos sexuais. O autor afirma que a diferença está presente desde o início, antes da fase fálica, contudo, na forma de uma oposição natural ou social.

No que diz respeito especificamente à fase fálica, o mundo infantil é marcado por uma diferença radical; não há dois sexos, apenas um, o masculino. Contudo, o autor afirma que Freud fala de uma fase fálica e não de uma fase peniana. Pênis, em Freud, diz respeito ao órgão sexual enquanto realidade anatômica, já o falo tem valor simbólico e é proposto enquanto marca de um corpo humano. O falo tem valor estruturante do mundo da criança, pois é um significante. Por isso, sua presença ou ausência implica numa classificação – fálico-castrado. Sua representação, como elemento destacável do corpo, numa relação de presença-ausência, implica numa oposição na vida pulsional como fálico-castrado. “*É precisamente essa experiência pulsional que designamos como complexo de castração*” (Laplanche, 1988, p.50).

### **3.4.1 A constatação da diferença anatômica entre os sexos**

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1996b) apresenta o corpo infantil sendo modificado pelas vivências da criança. A partir dos cuidados necessários à sua sobrevivência, o corpo da criança é libidinizado pela mãe (ou por qualquer sujeito que cumpra a função materna). Como já trabalhamos anteriormente, este investimento primordial configuraria o que Freud entendeu como uma sedução precoce (Birman, 1999).

Esse processo de libidinização promove uma transgressão da anatomia corporal – qualquer parte do corpo torna-se, potencialmente, fonte de pulsões parciais e, portanto, de prazer sexual. Ele acontece seguindo certa sequência de desenvolvimento, através de zonas erógenas privilegiadas e, passado o momento em que a sexualidade é regida principalmente por pulsões parciais orais e anais, entre os três e cinco anos, a sexualidade infantil chega a seu ápice, onde a estas somam-se as pulsões genitais e de saber/investigar, a última dirigida também para as questões sexuais.

Retomando o que já apresentamos anteriormente, a zona genital, por estar apoiada na micção é, desde muito cedo, alvo de cuidados com a higiene que provocam muita excitação. A fim de promover a descarga da excitação, a criança masturba-se, produzindo prazer.

Ao mesmo tempo em que mantém intensa atividade masturbatória, e, portanto, prazerosa, a criança se preocupa com as questões sexuais. Como ainda não se dá conta da diferença anatômica entre os sexos, não entende de onde provém os bebês e tenta responder a este enigma, fantasiando inúmeras possibilidades. Neste momento constitutivo, crianças de ambos os sexos pensam que todas as criaturas são providas de um pênis e sustentam esta proposição até o momento em que não é mais possível, quando visualizam esta diferença corporal.

Os meninos, ainda assim, resistem muito a reconhecer a inverdade da premissa universal do pênis; mesmo visualizando o corpo de uma menina pensam que o pequeno pênis delas (clitóris) irá crescer. A menina, por outro lado, ao ver o corpo do menino, de imediato constata a diferença anatômica e ao fazê-la, é tomada pela inveja, que se traduz como um desejo de também ser menino e possuir um pênis.

É esta constatação que faz com que Freud (1905/1996b) conclua que a sexualidade da menininha tem um caráter inicialmente masculino, pois sua zona erógena privilegiada é o clitóris, órgão homólogo ao pênis. Por isso, para que ela se encaminhe na direção de sua transformação em mulher, será necessário que a sexualidade clitoridiana, masculina, seja alvo de um recalçamento.

Não que Freud (1905/1996b) desconsidere a participação do clitóris na sexualidade feminina adulta, mas durante o ato sexual, este tem como função fazer a transferência da excitabilidade para a vagina, ou seja, para ele, a mudança de zona erógena é uma condição para a feminilidade – por isso que foi tão criticado pelas feministas. Por ter sido mal interpretado, suas afirmações deram origem a uma série de pré-conceitos, inclusive aqueles que diziam que o orgasmo clitoridiano não era “feminino”. Se estas afirmações fossem verdadeiras, sua teoria acerca das zonas erógenas, das “perversões comuns” à sexualidade normal, em que qualquer parte do corpo serviria como fonte de prazer, cairia por terra.

### ***3.4.2 A inveja do pênis e o complexo de masculinidade***

Como afirmamos anteriormente, na introdução de *A organização sexual infantil* (1923/1996a), Freud retoma do ponto em que havia deixado sua teoria em 1905, quase vinte anos antes, e propõe avanços. Inicialmente, pensava que a combinação das pulsões parciais e

sua subordinação à primazia dos genitais somente se realizava, de maneira completa, na puberdade. Em 1923, sustenta que já na infância, o interesse pela zona genital e sua atividade tem significação e importância dominante. A diferença é que neste momento, não se trata da importância dos órgãos genitais e sim, de apenas um deles, o masculino. Em suas palavras: “O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo*” (p. 158).

Sendo assim, na fase fálica, em ambos os sexos, “A antítese aqui é entre possuir *um órgão genital masculino* e ser *castrado*” (Freud, 1923/1996a, p. 161). Apenas após a puberdade que a polaridade sexual irá se constituir por masculino e feminino.

Neste texto, Freud (1923/1996a) apresenta este momento constitutivo em relação aos meninos afirmando que pouca coisa poderia ser dita com relação às meninas. Os primeiros partem da premissa da universalidade do pênis, e por este motivo, entendem a falta do pênis no corpo da menina como uma castração, realizada como punição. Somente mais tarde, é que se darão conta de que sua mãe também não possui um pênis e, portanto, também é castrada.

Um ano após, ao escrever *A dissolução do complexo de Édipo*, Freud (1924/1996) esclarece que o menino costuma manipular seu pequeno pênis e retirar, deste ato, prazer. Rapidamente se dá conta que os adultos que o cercam não aprovam tal comportamento e o ameaçam, direta ou indiretamente, de que esta parte do corpo lhe será amputada. Esta ameaça é responsável pelo fim da fase fálica do menino. Não que ela aconteça de maneira brusca – o menino não acredita de pronto nesta ameaça. Ela torna-se real quando, a partir da observação do corpo feminino: “a perda de seu próprio pênis fica imaginável e a ameaça de castração ganha seu efeito adiado” (p. 195).

No caso das meninas, Freud afirma que também há complexo de Édipo, fase fálica, instauração de um superego e entrada na latência, entretanto, não da mesma maneira, pois a distinção na morfologia do corpo implica em diferenças no desenvolvimento psíquico. Enquanto o menino teme a castração, a menina a toma como um fato consumado.

Como afirma Nasio (2007b, p. 51), “Enquanto o menino vivia a **angústia** de ter a perder, a menina vive a **dor** de ter perdido; enquanto o menino teme uma **castração**, a menina se ressentida de uma **privação**”.

Freud (1924/1996) salienta que a renúncia ao pênis não é aceita pela menina sem algum tipo de tentativa de compensação.

Ela desliza – ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer – do pênis para um bebê. Seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente – dar-lhe um filho (p.198).

Seguindo sua linha de raciocínio, retoma este ponto em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, (Freud 1925/1996) e começa a dar maior ênfase à fase pré-edípica. Retoma o início da fase fálica a partir da descoberta da diferença anatômica entre os sexos e de como esta percepção faz a menina invejar o pênis. Ao contrário do menino que, diante da mesma constatação, nega ou abrandaa, a menina faz seu juízo de imediato e decide-se no mesmo instante. “Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo” (p. 281).

Este momento é nomeado, neste texto, como complexo de masculinidade e pode provocar dificuldades no desenvolvimento da feminilidade, caso não seja superado. Isso porque, a expectativa de uma equivalência ao homem, através da obtenção de um pênis, pode persistir até idade avançada ou até mesmo transformar-se numa rejeição ao feminino.

Freud afirma que é o reconhecimento da distinção anatômica entre os sexos que força a menina a se afastar de sua masculinidade e da masturbação, também masculina, e a conduz no desenvolvimento da sua feminilidade.

A libido da menina deslizaria, com o drama edípico, para outra posição, na equação simbólica pênis-bebê. Assim, substituiria o desejo de ter um pênis por um desejo de ter bebês e para isso, o pai é tomado como objeto amoroso. Como consequência, a mãe torna-se uma rival.

Assim, como aponta Nasio (2007b), o menino coloca fim a seu Édipo para preservar sua integridade corporal (imaginária) e, com isso, preserva seu narcisismo. Já a menina, decepcionada e ressentida com a mãe por não ter lhe dado um pênis, justamente por entender a falta do pênis como um dano narcísico, entra no Édipo, se direcionando ao pai, na intenção de, ao receber do pai um bebê, restituir seu narcisismo abalado.

### **3.5 O complexo de castração e o Édipo na menina**

Apesar de correremos o risco de nos parecer repetitivos, para trabalhar a importância do complexo de castração e de Édipo na sexualidade da menina, retomaremos alguns pontos já abordados.

*O ego e o id* é um dos textos em que Freud (1923/1996b) apresenta de maneira mais detalhada o complexo de Édipo. A forma simples, nomeada por ele como positiva, do complexo de Édipo, no caso do menino, é aquela em que ele desenvolveria uma catexia objetal em direção à mãe e identificando-se ao pai. Assim permanece, por certo período, até que os desejos sexuais

do menino em direção à mãe se intensificam e o pai passa a ser entendido como rival que obstaculiza sua realização. Neste momento, a relação com o pai torna-se ambivalente, pois adquire também um caráter hostil, visto que a criança intenciona livrar-se dele a fim de ocupar seu lugar diante da mãe.

A conclusão do complexo de Édipo para o menino seria o abandono da catexia objetal pela mãe. Em seu lugar poderia acontecer tanto a identificação com ela como uma intensificação da identificação com o pai, esta última considerada por Freud como o desfecho mais normal no caso do menino, pois permite que a relação afetuosa com a mãe se mantenha, ao mesmo tempo em que se consolida nele uma posição masculina.

Freud, neste momento de sua obra, ainda não havia feito uma distinção clara entre o complexo de Édipo no menino e na menina, e, de maneira análoga, propõe que, no caso da menina, esta desenvolveria, da mesma forma, uma catexia objetal em direção ao pai.

Inicialmente identificada à mãe, assim permanece até que ela é entendida como rival. O final do Édipo da menina se daria quando a menina abandona o pai enquanto objeto de amor. Este desfecho levaria a uma intensificação da identificação com a mãe ou a uma identificação com ele. Para Freud (1923/1996b), a menina fará uma ou outra identificação dependendo de como a masculinidade está constituída em sua disposição.

Portanto, o complexo de Édipo está, para Freud, em íntima relação com a disposição bissexual constitucional. Em ambos os sexos, o desfecho da situação edípica e a identificação que se produzirá ao final dependerá das vicissitudes dessas disposições.

Freud, contudo, faz questão de notar que o complexo de Édipo na sua forma simplificada não é o mais comum e que costuma se apresentar de maneira muito mais complexa e complicada devido a esta disposição bissexual original da criança. Por isso propõe que: “a ambivalência demonstrada nas relações com os pais deva ser atribuída inteiramente à bissexualidade e que ela não se desenvolva, como representei acima, a partir da identificação em consequência da rivalidade” (Freud, 1923/1996b, p. 46).

Ainda neste texto, Freud apresenta aquilo que considera como o complexo de Édipo completo – uma série em que há, numa extremidade, o complexo de Édipo positivo normal e na outra, o negativo invertido, onde um ou outro componente prepondera.

Nas palavras de Freud (1923/1996b, p. 46):

Na dissolução do complexo de Édipo, as quatro tendências em que ele consiste agrupar-se-ão de maneira a produzir uma identificação paterna e uma identificação materna. A identificação paterna preservará a relação de objeto com a mãe, que pertencia ao complexo positivo [no caso do menino] e, ao mesmo tempo, substituirá a relação de objeto

com o pai [atitude afetuosa feminina para com ele], que pertencia ao complexo invertido; o mesmo será verdade, *mutatis mutantis*, quanto à identificação materna. A intensidade relativa de duas identificações em qualquer indivíduo refletirá a preponderância nele de uma ou outra das duas disposições sexuais.

Dois anos depois, apresenta em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925/1996) que é o complexo de castração que introduz a menina no Édipo, inibindo a masculinidade e a dirigindo no caminho da assunção de uma posição feminina.

É na década de 1930 que Freud produzirá as duas mais importantes publicações que concentram suas últimas formulações sobre o tema, o artigo *Sexualidade Feminina* (1931/1996) e a *Conferência XXXIII Feminilidade* (1933/1996), nos quais apresenta a divisão da sexualidade da menina em duas fases, a masculina e a feminina.

A grande novidade destes textos se refere às possibilidades que a menina terá após o reconhecimento de sua castração. São três: a primeira, quando a partir da comparação de seu corpo com o dos meninos, a menina acaba por abandonar sua atividade fálica e sua masculinidade infantil e com elas sua sexualidade como um todo; uma segunda, em que a menina aferra-se à sua masculinidade, apegando-se à fantasia de, um dia, conseguir um pênis e, portanto, tornar-se um homem, não atingindo, então, a fase feminina da sexualidade e, por último, a terceira, que se refere à entrada na forma feminina do Édipo, tomando o pai como objeto sexual e amoroso.

São vários fatores que podem interferir na tomada desses três diferentes caminhos, entre eles, o momento em que a castração é efetuada, a importância da atividade fálica na vida da menina, a maneira com que descobriu a diferença anatômica entre os sexos, entre outros (Freud, 1931/1996, 1933/1996). De qualquer forma, todos estes aspectos se referem à fase pré-edípica, o que leva Freud a concluir que este momento constitutivo tem importância muito maior para as mulheres do que para os homens.

Este mesmo ponto é retomado na *Conferência XXXIII Feminilidade* (1933/1996), quando aponta algumas das implicações que tem, para a relação da menina com a mãe, o fim da fase pré-edípica, dada a partir do complexo de castração. A mãe é responsabilizada pela menina pela falta de pênis em seu corpo e não é perdoada por tê-la trazido ao mundo em desvantagem. Por isso, no Édipo, a menina volta-se para o pai como uma maneira de obter dele o pênis que a mãe lhe recusara. A saída feminina para o complexo de castração se dá quando é possível à menina, por equivalência simbólica, substituir seu desejo de obter um pênis pelo desejo de ter um bebê.

O surgimento do desejo de ter um bebê, como equivalente do pênis, é um desejo feminino, um avanço em relação ao desejo masculino de ter um pênis, mas que o conserva em seu cerne. Para Freud, a ênfase está no bebê e não no pai: “Talvez devêssemos identificar esse desejo do pênis como sendo, *par excellence*, um desejo feminino” (Freud 1933/1996, p. 128).

Como nos adverte Nasio (2007b), o pai somente entra em cena por ser o portador do falo. A menina humilhada e magoada com a mãe volta-se para ele a fim de reivindicar sua potência.

Assim, a leitura destes textos freudianos nos permite concluir que o complexo de castração é um articulador fundamental na constituição da sexualidade na mulher. É justamente a vivência do complexo de castração, com a conseqüente inveja do pênis, que abre as portas para todas as saídas sexuais possíveis, inclusive a homossexual – dada pela entrada da menina no complexo de Édipo propriamente dito. Dependerá da forma com que a menina atravessar esta etapa da sua constituição, de como puder vivenciar este momento, que poderá realizar, com menor ou maior facilidade, suas identificações e escolhas objetais. No capítulo seguinte trabalharemos mais detidamente o modo de atravessamento que leva à saída homossexual.

Prates (2001) afirma que o grande complicador na sexualidade feminina é justamente o fato da menina além de experimentar, com a mãe, satisfação de maneira passiva, vivida a partir do processo de erogenização de seu corpo, ter que lidar também, com uma certa atividade/masculinidade direcionada a ela, que terá que ser elaborada para depois aceder a uma posição feminina e passiva em direção ao pai.

A descoberta da diferença anatômica entre os sexos e o complexo de castração, apesar de vividos com muita angústia pela menina, são momentos constitutivos e, sua passagem, permite que ela trace um caminho possível para a sexualidade feminina considerada “normal” por Freud, a partir da entrada no complexo de Édipo. Importante notar que normal, para Freud, entende-se por uma sexualidade possível, prazerosa e menos atravessada e atrapalhada por sintomas.

Citando Gerárd Pommier<sup>14</sup>, a autora menciona que a saída para a feminilidade se torna ainda mais complexa quando se parte do entendimento de que a virada de objeto em direção ao pai nada mais seria senão um meio de buscar o pênis perdido: “o que move o ‘tornar-se mulher’ é, no fundo, voltar à masculinidade perdida” (Prates, 2001, p. 43).

---

<sup>14</sup> A autora não especifica qual obra do autor está citando neste momento, contudo, assinala em suas referências duas obras deste autor: Pommier, G. (1985). *A exceção feminina – os impasses do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar e Pommier, G. (1989). *A ordem sexual – perversão, desejo e gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Assim, a feminilidade na obra freudiana está sempre atrelada à maternidade, através do deslizamento simbólico do pênis ao bebê e, por isso, é alvo de muitas críticas tanto no meio psicanalítico quanto fora deste. E, talvez seja por nunca ter se desvencilhado desta trilha que o próprio Freud (1933/1996) assume que sua teoria acerca da sexualidade feminina é deficitária e incompleta. Para ele, a sexualidade feminina nunca deixou de ser enigmática e permaneceu, até o final de sua vida, como um *dark continent*. E, assim, deixou a cargo de seus seguidores a tarefa de fazer este avanço teórico.

### **3.6 Modificações necessárias para a assunção de uma posição feminina**

Após visitar todos estes textos e conceitos propostos por Freud ao longo de sua obra, tentaremos reunir e trabalhar as três possíveis consequências da passagem pelo complexo de castração e de Édipo na menina. Essas consequências são apresentadas por Freud em seu artigo de 1931 e na conferência de 1933 já citadas anteriormente.

#### **3.6.1 Mudança de zona erógena**

Com a mudança para a feminilidade, o clitóris deve, total ou parcialmente, transferir sua sensibilidade, e ao mesmo tempo sua importância para a vagina. Esta seria uma das duas tarefas que uma mulher tem que realizar no decorrer do seu desenvolvimento, ao passo que o homem, mais afortunado, só precisa continuar, na época de sua maturidade, a atividade que executara anteriormente, no período inicial do surgimento de sua sexualidade (Freud, 1933/1996, p. 119).

Como já apontamos anteriormente, Freud não desconsidera a participação do clitóris na sexualidade feminina adulta. Para ele, este tem como função transferir a sua excitabilidade para a vagina durante o ato sexual.

A vagina é um órgão virtualmente inexistente para a menina durante muito tempo e, portanto, não é fonte e nem alvo de satisfação pulsional. O reconhecimento da vagina enquanto órgão sexual é o que permite que a mulher consinta em acolher nela um pênis e poder retirar, deste ato, prazer.

Esta mudança de zona erógena, que não exclui a primeira, juntamente com a inveja do pênis, é muito criticada pelas psicanalistas ligadas ao movimento feminista como Karen Horney e Hélène Deutsch, por ser entendida ora como um cerceamento da sexualidade ou também por

estar permeada de ideias machistas e misóginas. Deutsch, por exemplo, pensa na vagina enquanto órgão reprodutor e não um órgão sexual (Prates, 2001).

### 3.6.2 *Mudança no objeto amoroso*

Sim, a criança edipiana, seja menino ou menina, recalca vigorosamente fantasias e angústia, para de tomar seus parentes por parceiros sexuais e torna-se com isso disponível para conquistar novos e legítimos objetos de desejo. É assim que, progressivamente, descobre o pudor, desenvolve o sentimento de culpa, o senso moral e estabelece sua identidade sexual de homem e mulher (Nasio, 2007b, p.11).

Retomando o que já dito anteriormente, tanto meninos quanto meninas têm sua mãe como primeiro objeto amoroso. As primeiras catexias libidinais se estabelecem nos cuidados maternos primários. Durante a trama edípica, a menina tem como objeto amoroso o pai e espera-se que na maturidade deslocará sua ligação com ele para seu objeto amoroso definitivo.

Freud (1933/1996) se pergunta como se dá essa mudança de objeto, como a menina passa de uma fase masculina para a feminina. Até mesmo porque, em muitos casos, não conseguem abandonar seus pais como objetos e se mantem ligados a eles. Para explicar tal fato, recorre à fase anterior, pré-edipiana, onde o pai ocupa o lugar de um rival e assim permanece até os 4 anos da menina. Freud ressalta que tudo que será transferido ao pai na fase futura, já estava sendo vivenciado com a figura materna.

Assim, como aponta Nasio (2007b), é a partir da sexualização da mãe que um dia a menina poderá sexualizar o pai e somente poderá encerrar seu Édipo quando desejar outro homem, que não ele.

É por essa razão que afirma que: “o Édipo começa com a *sexualização* dos pais e termina com a *dessexualização* dos pais, dessexualização que desembocará finalmente na identidade sexual adulta” (Nasio, 2007b, p. 15).

Freud já esclarece que a saída do Édipo na menina é feita de maneira lenta, gradual. Tece inclusive comentários, muito criticados por feministas, com relação à dificuldade de instauração do superego nas meninas e a conseqüente falha na sua relação com a lei, com as regras. As meninas assim permanecem por longo tempo e somente o abandonam de modo incompleto. É por esta razão que Freud supõe que a instauração de um superego fica prejudicada.

Essa demora na saída da situação edípica faz Nasio (2007b) concluir que enquanto o menino torna-se homem bruscamente, a menina precisa enfrentar um longo processo para tornar-se mulher.

É ao final de seu percurso edípico que será possível a ela deslocar sua ligação com o pai para seu objeto amoroso definitivo. Na saída pela via da feminilidade, desejará um homem que não seja seu pai. Quanto a saída homossexual, nos dedicaremos amplamente no capítulo seguinte.

Por enquanto, é pertinente mencionar que Freud (1933/1996) ressalta que a escolha de objeto na vida adulta dependerá da maneira com que a menina experimentou e vivenciou seu Édipo. Se ela permaneceu bastante ligada ao pai, sua escolha objetual será do tipo paterno. Caso, se volte ao pai, mas ainda esteja muito influenciada pela relação ambivalente com a mãe, acabará por transferir a mesma ambivalência para o novo objeto amoroso, e o futuro parceiro ou parceira poderá ser um herdeiro da mãe e, neste caso, enfrentaria toda uma série de complicações devido a ambivalência desta relação inicial.

### ***3.6.3 Mudança na modalidade de satisfação pulsional***

Intimamente relacionada às duas consequências apresentadas, a mudança na modalidade de satisfação pulsional de ativa a passiva está relacionada à maneira como a menina atravessa o complexo de castração.

Inicialmente, a menina vive sua sexualidade de modo masculino e, portanto, ativo, desejando a mãe e realizando masturbação clitoridiana. Como afirma Nasio (2007b), neste momento a menina julga possuir um falo e é guiada por fantasias de onipotência fálica. Nestas fantasias, a menina desempenha um papel ativo para com a mãe.

Ao se dar conta da diferença sexual, é tomada pela inveja do pênis, pois interpreta a falta dele como uma fraqueza. Desta forma, é impulsionada a abandonar a masturbação e perde, de certa maneira, o prazer fálico que obtinha anteriormente. Este recuo diante da masturbação é acompanhado de certo repúdio à mãe e a leva a separar-se dela.

Entretanto, para Freud (1933/1996), a descoberta de que é castrada, que num primeiro momento é entendida como um “infortúnio individual” (p. 126), não seria suficiente para operar esta separação. Isto teria como consequência, e tem, uma ferida narcísica, que seria razão para a menina sentir-se preterida ou menos amada pela mãe. O que realmente opera essa separação é a descoberta de que, também, a mãe é castrada. A castração materna é o grande articulador e

gerador da hostilidade para com ela, pois isso leva a menina a concluir que todas as mulheres são inferiores, colocando fim à sua fantasia de um dia possuir um pênis.

O abandono da masturbação clitoridiana, na sua modalidade de satisfação pulsional ativa, leva a menina a recorrer a modos de satisfação passivos ao mesmo tempo em que se dirige ao pai. É este o caminho para a feminilidade. Voltar-se para o pai é uma maneira de obter dele o pênis que a mãe lhe recusara. A saída feminina se dá quando é possível à menina, por equivalência simbólica, substituir seu desejo de obter um pênis pelo desejo de ter um bebê. De uma satisfação pulsional ativa para uma passiva.

É neste momento em que faz a descoberta de que não poderá ter um pênis (falo) e após ter aceitado, não sem resistência, o fato de que não poderá jamais tê-lo, é que a menina poderá identificar-se com a mãe. Afinal de contas, é a ela que o desejo do pai se dirige, e, portanto, a mãe pode ser reconhecida como um modelo de feminilidade (Nasio, 2007b).

Assim, a resolução feminina do Édipo na menina implica no tornar-se mulher a partir da identificação com a mãe e da transformação na modalidade de satisfação pulsional, de ativa a passiva. O pai será também abandonado e, como nos diz Nasio, neste mesmo livro, dessexualizado. A menina poderá então, futuramente, encontrar um outro homem para, quem sabe, receber dele um filho.

Freud, contudo, ressalta que a constituição da posição feminina está sempre em risco de ser perturbada por resíduos desta posição masculina (ativa) inicial e que no decorrer da vida de uma mulher ela alternará momentos em que predominam masculinidade e feminilidade, ou seja, para ele a bissexualidade é uma característica marcante na vida da mulher.

Levando-se em consideração que a homossexualidade, apesar de não ser considerada patológica por Freud, é, ao mesmo tempo, considerada como uma interrupção ou como um desvio da constituição sexual que levaria a menina até a feminilidade, nos dedicaremos, no próximo capítulo, a esmiuçar alguns dos textos em que Freud se dedicou mais especificamente ao tema. Como já dissemos, há um único texto em que apresenta um caso de homossexualidade feminina. O consideramos fundamental para o entendimento que pretendemos alcançar na nossa pesquisa. Escolhemos também outros textos que nos pareceram importantes para tentar reconstruir o pensamento freudiano acerca do tema, e serão estes que apresentaremos a partir de agora.

## 4 Homossexualidade Feminina

Apresentamos, logo no início deste trabalho, o comentário de Freud, ao iniciar a apresentação do caso clínico da jovem homossexual, de que a homossexualidade feminina estava sendo negligenciada pela psicanálise, visto que muito pouco havia sido escrito sobre o assunto. Organizamos então a pesquisa bibliográfica de forma a buscar nos textos freudianos referências ao tema e, a partir de nossa leitura, dividimos em quatro momentos a produção freudiana.

No primeiro tempo, nos dedicaremos novamente aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* de 1905, pois é neste texto que ele apresenta suas primeiras ideias acerca das homossexualidades em geral. No segundo momento, a partir da leitura de *Fragmentos da análise de um caso de histeria*, também de 1905, trabalharemos o caráter homossexual entre Dora, famosa paciente de Freud, e a Sra. K. No terceiro tempo, trabalharemos o caso emblemático de homossexualidade feminina, o único apresentado por Freud, em *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*, de 1920 e, por último, abordaremos as conclusões de Freud com relação a saída homossexual para o Complexo de Édipo na menina, apresentada no artigo *Sexualidade feminina* e também na *Conferência XXXIII Feminilidade* de 1931 e 1933, respectivamente.

### 4.1 Primeiras formulações freudianas acerca das homossexualidades

Desde o início deste trabalho estamos apresentando os *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade* como um texto fundamental quando se trata do estudo da sexualidade. É neste escrito que Freud debate com os sexologistas de sua época e propõe seu entendimento sobre das homossexualidades. Nele, Freud (1905/1996b) vai contrapor a ideia de que os homens e mulheres que desejam pessoas do mesmo sexo sofreriam de uma inversão e, portanto, seriam acometidos de uma perversão sexual.

Mesmo contrapondo essa ideia, segue, curiosamente, durante a primeira parte do texto, adotando a mesma terminologia utilizada pela sexologia da época. Afirma que os *invertidos*, ou seja, os homossexuais, podem ser de vários tipos: os absolutos, que não tomam nunca como objetos sujeitos do sexo oposto ao seu; os anfígenos, cujos objetos podem ser tanto do mesmo sexo quanto o oposto ao seu e os ocasionais, aqueles que podem se servir de objetos do mesmo sexo quando os de sexo oposto estão indisponíveis (Freud 1905/1996b).

Ainda refere que a inversão pode ser aceita ou não pelo sujeito e pode advir de longa data na vida ou ter se manifestado pouco antes ou depois da puberdade. Pode também ser vivida durante certo período ou pode se tornar uma constante na vida do sujeito, ou ainda, representar apenas um episódio no caminho do desenvolvimento normal – entendendo que a normalidade a que ele se refere é a heterossexualidade, ou seja, mesmo não fazendo uma leitura patologizante da homossexualidade, ele ainda assim, neste momento de sua obra, entendia que o desenvolvimento sexual teria um fim na genitalidade heterossexual. Uma outra possibilidade para o surgimento de uma inversão seria como resposta a uma experiência dolorosa com o objeto heterossexual.

Notamos que aqui Freud (1905/1996b) já reconhece a possibilidade de uma constituição precoce da identidade sexual e da escolha objetal. Quanto à sua etiologia, comenta que muitos autores entendem a inversão como uma degenerescência inata (se referindo a Kraft-Ebing). Explica que dentro do campo médico costuma-se utilizar o termo degeneração para nomear manifestações patológicas cujas origens não sejam nem traumáticas nem infecciosas, em que há desvios em relação à norma e, também, quando a capacidade de funcionamento e sobrevivência do sujeito estão prejudicadas. Freud, de pronto, desconsidera essa posição argumentando que as inversões são encontradas em sujeitos sem desvios da norma e que funcionam normalmente, inclusive aqueles que possuem senso ético e inteligência acima da média.

Discute também o caráter inato dela (neste momento se contrapondo a Havelock Ellis), propondo que dificilmente esta teoria poderia ser provada, pelo simples argumento de que há casos em que a homossexualidade se apresenta de maneira esporádica. Tratar-se-ia então de um caráter adquirido, produzido por algum acontecimento bastante precoce na vida do sujeito e por situações externas que, quando experimentadas, podem levar a fixações ou a vivências homossexuais. Como exemplo cita o celibato, a guerra, a permanência em presídio, entre outros.

Na sua argumentação, lança mão de seu conceito de pulsão sexual e trabalha as homossexualidades a partir da noção de bissexualidade constitutiva. Como já apresentamos no capítulo anterior, é neste texto que Freud apresenta a ideia de hermafroditismo orgânico e sua relação com o hermafroditismo psíquico.

Apesar de, neste texto, manter o termo inversão para se referir à homossexualidade e, por essa razão, ser criticado por muitos autores, por seguir ao longo de sua obra, utilizando termos que podem ser considerados pejorativos e também por sustentar um ideal de desenvolvimento sexual “normal” – leia-se heterossexual, quando haveria uma confluência das

pulsões parciais sob o primado da zona genital –, sua posição com relação a qualquer tipo de expressão do sexual foi sempre bastante aberta.

Segundo Roudinesco e Plon (1998), Freud adotou a terminologia inversão, colhida da linguagem da sexologia, até 1910, quando publica o texto *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*. A partir deste momento, não utilizou mais o termo, adotando a denominação homossexualidade, menos carregada de julgamento de valor.

Freud (1905/1996b) não deixa dúvidas quanto a sua posição quando, em 1915, faz questão de incluir uma nota de rodapé em que diz: “A investigação psicanalítica opõe-se com toda firmeza à tentativa de separar os homossexuais dos outros seres humanos como grupo de índole singular” (p. 137). Não apenas o interesse sexual dos “invertidos” exigiria uma explicação, mas também o desejo heterossexual. Em ambos os casos, o desenvolvimento sexual de um sujeito somente estaria acabado após a puberdade e é, sempre, efeito de uma série de fatores, tanto constitucionais quanto acidentais.

É por meio do estudo das inversões que retira o embasamento para a conclusão de que no campo das pulsões sexuais não há uma ligação fixa entre a pulsão e seu objeto. Como apresentamos desde o primeiro capítulo, ela permite uma ampla variação e o essencial, a constância, no campo pulsional, não se encontra do lado do objeto.

Freud (1905/1996b) afirma que grande parte dessas transgressões corporais estão presentes na sexualidade dita normal, em pessoas sadias do ponto de vista psíquico. Essas supostas perversões e transgressões, tanto do alvo, quanto do objeto sexual, somente seriam consideradas patológicas quando ganham uma conotação de exclusividade e fixação.

Retomando brevemente o conceito de pulsão, não há ligação fixa com o objeto e, mesmo que seja estabelecida uma relação com um determinado objeto, pois podem acontecer fixações, a satisfação é sempre parcial, pois não há um objeto que possa satisfazer totalmente a pulsão. Portanto, como não há especificidade de um objeto para a pulsão, Maurano (2013) afirma que também não há objeto específico para o desejo. Ele resta sempre insatisfeito e, portanto, apenas passível de realização (por isso, tem a característica de ser indestrutível). Assim, não se poderia falar de doença por conta da escolha de um objeto de desejo “inapropriado”, visto que este objeto não existe.

Segundo a autora, há sim escolhas objetais mais ou menos apropriadas diante da posição assumida por aquele sujeito específico, ou seja, que implicariam numa vida mais tranquila, menos difícil com o desejo. Mas, de qualquer maneira, para a psicanálise, questiona-se qualquer escolha objetal, tanto homo quanto heterossexual.

Podemos concluir que desde seus primórdios, para a psicanálise, a homossexualidade não é uma patologia, e tem que ser estudada, assim como também é necessário se estudar a heterossexualidade e os outros fenômenos psíquicos, visto que não há nenhuma relação fixa entre a pulsão e o desejo com seus objetos.

Para Freud, um sujeito tornar-se-á homossexual ou heterossexual, a partir da qualidade de suas experiências de satisfação, experimentadas ao longo de sua vida e, também, a partir das identificações que fará ao longo de sua constituição psíquica.

Freud mantém esta posição até o final de sua vida. Em 1935, responde a uma carta, que lhe fora enviada por uma mãe de um sujeito homossexual. Em sua resposta, encontramos, mais uma vez, registros de sua posição:

a homossexualidade não representa uma vantagem, no entanto, também não existem motivos para se envergonhar dela, já que isso não supõe vício nem degradação nenhuma. Não pode ser qualificada como uma doença e nós a consideramos como uma variante da função sexual, produto de certa interrupção no desenvolvimento sexual (Freud, 1935, conforme citado em Roudinesco, 2013, p. 108).

Novamente, vemos aqui presente certo entendimento em relação ao sexual, como se o desenvolvimento sexual tivesse um princípio e um fim (genitalidade heterossexual). Maya (2001), apoiado nas ideias de Birman<sup>15</sup>, afirma que como há, ao longo da obra de Freud, a presença constante de dois modelos epistemológicos, a saber, o fisicalista e o do sujeito do inconsciente, não é incomum que suas afirmações, por vezes, tenham este caráter dual, o que dá margem a críticas. Apesar de não entender a homossexualidade como patológica, seu apego a um certo biologicismo, o faz interpretá-la como uma interrupção do desenvolvimento sexual.

Maya (2001) propõe uma distinção entre o Freud sujeito de seu tempo que compartilhava dos valores sociais de sua época e o psicanalista que, apesar disto, conseguiu avançar teoricamente. Por isso, para ele qualquer acusação a Freud de fazer qualquer apologia à moral heterossexista é equivocada.

O que Freud pretendeu foi constituir um campo de saber acerca de “como os fios que tecem a subjetividade masculina e feminina são determinados pelo inconsciente e pela pulsão, os dois eixos em torno dos quais o ser humano se constitui” (Zalcborg, 2007, p.13).

---

<sup>15</sup> Birman, J. (1994). *Psicanálise, ciência e cultura*. (Coleção Pensamento Freudiano III). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

## 4.2 O Caso Dora – o componente homossexual na histeria

A intenção de Freud (1905/1996a), ao publicar o caso Dora, era demonstrar como a interpretação dos sonhos se insere na condução do trabalho de análise. A análise de Dora ocorreu no final de 1900, quando ele estava às voltas com *A interpretação dos sonhos* e se dedicando a dar provas de sua teoria.

Nesta época, o objetivo principal da análise ainda era a remoção dos sintomas e sua substituição por pensamentos conscientes. Havia também, para Freud, um segundo objetivo que consistia em restaurar a memória do paciente acerca da história de sua doença, ou seja, levantar a barreira do recalçamento.

Não faz parte dos objetivos desta pesquisa trabalhar o célebre caso Dora, bastante conhecido pelos interessados em psicanálise, em toda sua amplitude. O que pretendemos é apresentá-lo brevemente com a finalidade de demonstrar os elementos necessários para a compreensão da questão levantada por Freud no que diz respeito a relação homossexual tecida entre Dora e a Sra. K.

Dora, uma jovem de 19 anos, foi trazida para tratamento com Freud pelas mãos de seu pai, pois apresentava sintomas neuróticos. Sofria de tosse nervosa que, muitas vezes, a levava a uma completa afonia.

Com relação a sua configuração familiar, tinha um irmão mais velho e dava-se muito mal, tanto com o pai, quanto com a mãe. Seu pai, um homem bastante doente, havia se mudado com a família para a estação de B. onde teceram relações com um casal, o Sr. e a Sra. K.

A Sra. K. começara a se relacionar com o pai de Dora quando o cuidou durante sua enfermidade e os dois se envolveram amorosa e sexualmente. Quase não há menção a mãe de Dora, e, quanto, ao Sr. K., Freud afirma que ele cortejava a jovem. Para Freud, toda a trama do caso se dá em torno desta relação tecida entre eles. Dora passava boa parte de seu tempo na casa dos K.

Pouco antes do início de seus sintomas, Dora havia viajado aos alpes e é lá que aconteceu a célebre cena à beira do lago em que o Sr. K faz uma proposta amorosa a Dora e a jovem, enfurecida, o esbofeteia. Tempos depois, procurou seu pai e acusou o Sr. K por esta investida.

O Sr. K negou tais acusações e contou ao pai de Dora sobre o interesse da moça por assuntos sexuais (Dora costumava ler livros relacionados ao assunto e procurava saber sobre o tema em conversas com a Sra. K). Após este episódio, Dora passou a insistir que o pai rompesse

definitivamente relações com o casal K. e foi encaminhada ao tratamento com Freud, pois seus sintomas histéricos, outrora apresentados (desde os 8 anos) haviam se agravado.

Dora relatou a Freud uma cena anterior, quando contava com 14 anos. O Sr. K havia marcado um encontro com Dora e a Sra. K em sua loja, mas articulado de forma que sua esposa permanecesse em casa e Dora comparecesse sozinha ao compromisso. Enquanto fechava a loja, colocou-se diante de Dora, beijando-lhe os lábios. Sua reação fora de repulsa: o empurrou e saiu correndo pela porta da rua. O curioso, para Freud, é que esta cena não impediu que sua relação com os K. prosseguisse; Dora nunca havia contado a ninguém e apenas evitava ficar a sós com o Sr. K. Apenas após a cena do lago, esta primeira cena fora reinterpretada, a posteriori<sup>16</sup> e, retroativamente, ganhou nova significação.

Durante as sessões, Freud relata que a atenção de Dora não se dirigia a sua relação com o Sr. K e sim, ao seu pai. Não podia perdoá-lo por continuar a se relacionar com os K, principalmente com a Sra. K. Sabia que a relação entre ambos era amorosa, e acusava o pai de tê-la oferecido ao Sr. K “como prêmio pela tolerância dele para com as relações entre sua mulher e o pai de Dora” (Freud, 1905/1996a, p. 42). Freud faz notar que Dora havia se tornado cúmplice do relacionamento entre seu pai e a Sra. K e o favoreceu, ao máximo, ao longo dos anos. Em sua interpretação, ela o fez para viver sua paixão pelo Sr. K.

Para Freud (1905/1996a), o adoecimento de Dora, ao longo dos anos, se deveu a uma identificação com a Sra. K, que adoecia quando seu marido estava presente em casa e cujos sintomas desapareciam quando ele viajava – o adoecimento da Sra. K tinha como função escapar de seus deveres conjugais. No caso de Dora, contudo, acontecia o oposto: adoecia quando o Sr. K viajava e recuperava sua saúde quando ele retornava. Nas palavras de Freud:

A afonia de Dora, portanto, admitia a seguinte interpretação simbólica: quando o amado estava longe, ela renunciava à fala; esta perdia seu valor, já que não podia falar com ele. Por outro lado, a escrita ganhava a importância como único meio de se manter em relação com o ausente (Freud, 1905/1996a, p. 47).

Pouco antes de sua entrada em tratamento, Dora havia escrito uma carta de despedida. Seu pai ao lê-la, se preocupou, mas se dera conta de que as intenções da jovem não eram propriamente de suicidar-se. Freud interpretou o motivo que jazia em tal ato era provocar o afastamento de seu pai da Sra. K., assim como seus sintomas (ataques de desmaios) tinham o

---

<sup>16</sup> O termo/conceito *Nachträglichkeit* cunhado por Freud, traduzido como *après-coup* em francês e como só-depois ou a posteriori, em português, diz respeito à temporalidade e a causalidade da vida psíquica, no sentido de que as impressões ou traços mnêmicos somente adquirem sentido em um tempo posterior à sua primeira inscrição (Chemama, 1995).

mesmo objetivo, provocar em seu pai, por um lado compaixão e por outro, era uma forma de vingança, visto que ele ficava muito entristecido diante da condição de saúde da filha.

Assim, Freud interpretava que Dora se comportava diante do pai como uma mulher ciumenta. Por um lado, se colocava no lugar de sua mãe, exigindo que escolhesse entre si e a Sra. K, através das ameaças de suicídio. Por outro lado, na fantasia sexual, que subjazia na tosse sintomática, Dora colocava-se no lugar da amante do pai. Sua tosse a ligava, por identificação, à Sra. K, e representava o ato sexual entre ela e seu pai, visto que ele era um homem impotente, e o casal se relacionava por meio de sexo oral. Assim identificava-se às duas mulheres (mãe e Sra. K) ao mesmo tempo.

A lenda de Édipo é mencionada neste texto para explicar as relações amorosas inconscientes entre pais e filhas, entretanto de uma maneira pouco elaborada. No caso de Dora, Freud afirma que a doença do pai havia aproximado muito pai e filha, já que ela havia assumido desde muito cedo, a função de cuidá-lo. O aparecimento da Sra. K na vida desta família havia desalojado, na verdade, não a mãe de Dora e sim, ela própria.

Freud (1905/1996a) ficara intrigado com o fato de Dora ter convivido tanto tempo com a Sra. K, mesmo sabendo do caso amoroso que ela tinha com seu pai, sem nunca ter manifestado qualquer razão para desarmonia. A resposta que ele apresentava para este enigma e que, em sua opinião, culminou com a franca rivalidade entre elas foi seu amor pelo Sr. K. Desde a cena no lago, interrompera qualquer relação com o homem. Dora confessou a Freud que não conseguira ficar tão ressentida com ele quanto ele “merecia”.

Outro aspecto ressaltado, que é o que mais francamente nos interessa trabalhar em nossa pesquisa, é o impulso de ciúme, interpretado como homossexual por Freud, de Dora dirigido a Sra. K. Freud (1905/1996a) faz questão de mencionar o quão comum é a presença deste tipo de corrente durante a adolescência, mas que tende a desaparecer por completo com o passar do tempo. Contudo, adverte que quando uma mulher não está amorosamente satisfeita na relação com um homem, essa tendência pode ser despertada novamente.

Em suas palavras: “Nas mulheres e moças histéricas cuja libido sexual voltada para o homem é energeticamente suprimida, constata-se com regularidade que a libido dirigida para as mulheres é vicariamente reforçada e até parcialmente consciente” (Freud, 1905/1996a, p. 64). Assim, a homossexualidade feminina, enquanto um componente da histeria, surge como uma segunda escolha possível, diante do fracasso amoroso com os homens.

Sobre a relação entre Dora e a Sra. K, ressalta a importância da relação tecida entre as duas mulheres, durante tantos anos. Eram muito íntimas, confidentes. Dora era tida como uma conselheira sobre as dificuldades conjugais dos K.

Dora falava a Freud da admiração pelo corpo da Sra. K e nunca havia utilizado palavras ásperas para se referir a ela, nem mesmo ao se dar conta de que era ela sua grande traidora. Isto porque, depois de acusar o Sr. K, seu pai o procurou para tirar satisfações. Sua resposta fora bastante depreciativa, acusando a jovem de ter fantasias picantes, fruto de seu interesse pelos livros sobre sexo. Apenas a Sra. K sabia deste interesse e que Dora tinha lido tais livros proibidos às moças. Numa nota de rodapé, Freud nos faz notar que, na verdade, a grande fonte dos conhecimentos de Dora era a própria Sra. K, que trocava confidências com a jovem e lhe informava sobre as “indecências” sexuais.

Dora associou esta traição a uma outra, anterior. Quando mais jovem, também havia se tornado muito íntima de uma governanta. Com o passar do tempo, ela se dera conta de que esta governanta não tinha nenhum interesse nela e sim, a havia usado para chegar até seu pai. Assim, tanto com relação à governanta quanto com à Sra. K, tinha a mesma impressão: tinha sido usada por elas. Desta forma, o que lhe causara tamanho sofrimento não fora a acusação que partiu do Sr. K e sim, a descoberta da traição por parte da amiga.

Ela a havia sacrificado sem um momento de hesitação para que o seu relacionamento com o pai de Dora não fosse perturbado. Essa ofensa talvez a tenha tocado mais de perto e tido maior efeito patogênico do que a outra com que ela tentou encobri-la, ou seja, a de ter sido sacrificada pelo pai (Freud, 1905/1996a, p. 66).

A conclusão a que Freud chega é a de que Dora encobriu, durante tanto tempo, a relação amorosa existente entre seu pai e a Sra. K, não apenas para esconder e dar lugar ao seu amor pelo Sr. K, mas sim, para encobrir seu amor, inconsciente, pela Sra. K.:

invejava o pai pelo amor da Sra. K e que não perdoava à mulher amada a desilusão que ela causara com sua traição... Essas correntes de sentimentos masculinos, ou, melhor dizendo, ginecofílicos, devem ser consideradas típicas da vida amorosa inconsciente das moças histéricas (Freud, 1905/1996a, p. 66).

Freud assume seu erro técnico na condução do caso e atribui a si mesmo e a sua inabilidade em escutar o que se passava na transferência como o responsável pelo final precoce desta análise. Reconhece também que cometeu outro grande equívoco, o de deixar de apontar o amor homossexual de Dora pela Sra. K.

Desta forma, o caso Dora foi crucial na clínica freudiana. A partir de seu erro, nomeado com um “estar surdo”, reconhece a importância da transferência para o trabalho analítico.

Outro erro de Freud, trabalhado por Jacques Lacan (1956-57/1995) em seu *Seminário IV As relações de objeto*, foi o de insistir no amor de Dora pelo Sr. K, quando a grande questão

de Dora dizia respeito à veneração pela Sra. K. Por isso que Dora não a reconheceu, nem mesmo em análise, como sua grande fonte do saber sexual. Dora a protegera.

Mesmo tendo percebido o caráter homossexual desta relação entre elas, não possuía recursos teóricos para trabalhá-la. Neste texto, afirma que há em todas as neuroses, relações com este caráter, mas não especifica como e nem mesmo o porquê. Há também uma menção à bissexualidade constitutiva, mas Freud (1905/1996a) não apresenta de que maneira faz corresponder estes dois pontos.

O que Freud (1905/1996a) deixa claro é que a relação de Dora com o Sr. K seria uma reedição do amor infantil por seu pai. A mãe de Dora, como já mencionamos, quase não aparece no relato do caso, a não ser para que seja ressaltado o quanto seu relacionamento com o marido era insatisfatório. Freud dá a entender que ela tinha conhecimento da relação extraconjugal do marido, quando menciona que quando Dora chama a atenção da mãe para a intimidade entre ambos (seu pai e a Sra. K.), ela lhe acalma dizendo que a Sra. K lhe servia como uma boa enfermeira, demonstrando pouco interesse.

Sobre a acusação feita por Dora a seus pais, ela própria questionava-se de o porquê não ter contado a respeito da cena do lago logo em seguida ao acontecido, porquê havia se calado e, da mesma forma, o porquê de ter contado tempos após. Freud nota que uma moça em sua posição não precisaria recorrer aos pais para resolver uma situação daquele tipo, até mesmo porque, já tinha resolvido com a bofetada. Era curioso para Freud porque ela tinha ficado tão melindrada com a investida do Sr. K, se anos antes ele já tinha inclusive a beijado.

Ao pedir que Dora rememorasse a cena do lago, ela contou que naquele dia o Sr. K havia se declarado de maneira séria, mas que ela nem o deixara terminar. Esbofeteou seu rosto e saiu correndo. A única alegação que se lembrava era: “Sabe, não tenho nada com minha mulher” (Freud, 1905/1996a, p. 97). Em sessões seguintes, ao ser questionada por Freud, Dora retomou novamente esta frase, desta vez rememorada em outra cena, anterior a do lago. Uma governanta dos K. havia contado a Dora que o Sr. K havia também se insinuado a ela, pronunciando a mesma frase. Ela cedeu ao seu apelo e dentro de pouco tempo ele já não mais se importava com ela.

A interpretação freudiana é a de que Dora se enfureceu com ele por ter sido tratada como uma serviçal, e assim, a bofetada foi dada por vingança, devido ao ciúme que sentira da governanta, sustentando que seu amor pelo Sr. K ainda era vivo, embora inconsciente. Assim, havia denunciado o Sr. K a seus pais, por identificação com essa governanta, que também havia contado a seus pais sobre as investidas do patrão.

Como havia entendido que as intenções do Sr. K para com Dora eram realmente sérias, o apontamento feito por Freud fora: “Agora sei do que é que não quer ser lembrada: é de ter imaginado que a proposta estava sendo feita a sério e que o Sr. K não desistiria até que você se casasse com ele” (Freud, 1905/1996a, p. 105). E, com esse apontamento, Dora não retornou mais ao tratamento.

Freud conclui que, caso o Sr. K tivesse insistido, o desfecho seria outro, ou seja, para ele, Dora ansiava por relacionar-se com ele, e o realizava em fantasia; à medida que foi possível realizá-la, temeu e não se entregou a ele.

Terminada a exposição do caso, tal como aparece no texto freudiano, pretendemos salientar algumas leituras desta produção freudiana realizada por autores pós-freudianos. Molina (2011) faz um interessante comentário sobre o “massacre” de que Dora fora alvo. Não bastava ter sido massacrada por seu pai e pelo Sr. K, traída pela Sra. K, ignorada por sua mãe e irmão, ainda fora desrespeitada por seu médico, que se portou como um surdo na condução da transferência.

O cerne do erro freudiano está na sua teoria acerca do Édipo feminino. Como afirmamos no capítulo anterior, Freud, neste momento de sua obra, ainda não conseguia dimensionar a importância da mãe e das figuras substitutivas femininas na constituição psíquica da menina. Ainda entendia que o primeiro objeto de amor para a menina era o pai, por isso, não pode escutar o que se passava entre Dora e a Sra. K e insistia, com suas interpretações, no amor de Dora pelo Sr. K e do quanto ela recuava, pela via histórica, dele.

Zalberg (2007) afirma que apesar do erro interpretativo, foi no caso Dora que Freud operou a primeira inversão dialética analítica. Além de acolher a denúncia de Dora, ele a confrontou com a questão: “Qual é a sua parte nesta desordem da qual você se queixa?” (p. 15). Esse é o grande legado deixado por Freud aos analistas, que o sujeito participa ativamente das desordens das quais se queixa.

Na leitura lacaniana do caso Dora, trazida por Zalberg (2007), Freud pode apontar a Dora que ela fazia parte e sustentava a relação entre todos nesta trama amorosa, como por exemplo, se esforçando para que seu pai e a Sra. K ficassem sozinhos e não fossem interrompidos.

Dora fazia parte das trocas simbólicas entre este casal. A moça tinha conhecimento da impotência sexual de seu pai e, portanto, sabia que seu desejo pela Sra. K era um desejo “insatisfeito” (Zalberg, 2007, p. 15). Para compensar sua impotência, dava presentes muito valiosos para a Sra. K e, também, para Dora; estes serviam como substitutos fálicos. Assim, operava-se a identificação de Dora com seu pai, que funcionava para ela como um ideal –

apresentava, como o pai, um desejo insatisfeito. Por isso, aceitou e manteve o interesse do Sr. K, sem, contudo, lhe corresponder, mantendo a qualidade de insatisfação.

Zalberg (2007) afirma que Freud propunha uma solução moderna para o conflito instalado, bem no sentido do que se esperava culturalmente na época: casando Dora com o Sr. K e o pai de Dora com a Sra. K. Na opinião desta autora, este foi seu grande erro, pois com isso, quebrou todo o equilíbrio que os unia – os desejos de insatisfeitos, passariam a satisfeitos, e disso, Dora não queria saber – por isso interrompeu sua análise. Molina (2011), no mesmo sentido, afirma que o desejo de Freud se presentificou na análise de Dora, um desejo de “reconciliação da mulher com o feminino, e que triunfe o matrimônio” (p. 63).

A dificuldade de Freud era a de reconhecer o interesse da jovem pela Sra. K. Não que ele não tenha notado este interesse, até o nomeou como uma tendência homossexual, mas suas intervenções iam no sentido de elidir este interesse de Dora.

O fato de Dora não tecer nenhum comentário negativo sobre a Sra. K intrigou Freud, assim como seu interesse e admiração pelo seu corpo. “Freud confessa que sempre tivera uma espécie de preconceito para reconhecer a questão do laço homossexual nas histéricas. Só depois do fracasso do tratamento, ele pôde pensar a questão de Dora em termos de uma tendência homossexual” (Zalberg, 2007, p. 17). Essa tendência fora interpretada como podia, na época, ou seja, em termos de uma inversão de objeto sexual, visto que era sobre a escolha objetal que havia escrito nos seus *Três ensaios*, como a descrevemos no ponto anterior.

A partir de Lacan, esta tendência homossexual em Dora, ou seja, na histeria, é lida como sendo uma tendência de buscar através de outra mulher as respostas para o enigma da feminilidade. Assim, “a tendência homossexual na histeria não é o mesmo que homossexualidade” (Zalberg, 2007, p. 17).

Por isso, para esta autora, Freud não pôde escutar qual era a real questão de Dora, e insistiu na sua relação com o Sr. K. Dora somente rompeu este equilíbrio que sustentava a relação entre o quinteto formado por ela própria, seu pai, sua mãe e o Sr. e a Sra. K, pois o Sr. K, na cena do lago, lhe disse que sua mulher não representava nada para ele. Por isso que ele levou a bofetada e ela, em seguida, ficou doente. A pergunta de Dora torna-se: “Se ela não é nada para você, que sou eu então?” (Zalberg, 2007, p. 18).

O equilíbrio entre eles era mantido pelo desejo insatisfeito, e quando o Sr. K, potente e viril, quis colocar Dora no lugar de sua mulher, ela recuou de ocupar o lugar de objeto de seu desejo e, portanto, da possibilidade de se satisfazer sexualmente. É isto que era insustentável para Dora, o lugar de mulher para um homem.

Esta “tendência homossexual” diagnosticada por Freud não diz respeito a um desejo ou a uma escolha homossexual de objeto, mas sim uma forma de tentar responder ao enigma da sexualidade feminina e, ao mesmo tempo, manter seu desejo insatisfeito. Era através da Sra. K que Dora sabia acerca do que é ser uma mulher para um homem (seu pai e o Sr. K), visto que a mãe de Dora era ausente e não representava para seu pai um objeto de desejo. Diferente de uma mulher homossexual, o desejo de Dora era dirigido a um homem, a mulher era apenas um desvio, que de qualquer forma, a levava ao mesmo caminho.

Mariano (2008), apresentando também uma leitura a partir da ótica lacaniana, afirma que o pai que interessa à histérica é o pai fragilizado, e assim, estaria em suas mãos o cuidado com ele – esse é o cerne do interesse da histérica por seu pai. No caso Dora, a fantasia dela previa que a Sra. K. ficava com seu pai porque ele era impotente. Seu sintoma, a tosse, se devia a uma identificação com a Sra. K. – Dora supunha que ela fazia sexo oral em seu pai. Ao mesmo tempo, comportou-se como uma “esposa ciumenta”. Para Lacan, conforme a autora, na histeria o sujeito indaga a feminilidade da outra mulher, e o grande erro de Freud foi supor que Dora amava o Sr. K. Na interpretação deste psicanalista, Dora somente suportava essa relação porque era o meio para ela conseguir saber acerca da feminilidade da Sra. K., visto que era para ela que o desejo de seu pai era dirigido.

Para responder a este enigma, o que é uma mulher, a histérica faz “desvios de identificação” (Mariano, 2008, p. 40) e, para fazer-se desejar, uma histérica pode percorrer caminhos homossexuais, sem, necessariamente, sê-la.

Para Lacan (1956-57/1995), Dora somente se interessava pelo Sr. K. na medida que ele aparecia desejando a Sra. K. O fato dele ter lhe dito que sua mulher não lhe representava nada desmontou a dupla identificação histérica de Dora. Para Lacan, a identificação na neurose é sempre parcial, simbólica e se dirige a um traço do objeto. No caso de Dora, ela apresentava uma identificação masculina ao pai e ao Sr. K, que a fazia adorar a Sra. K. e uma feminina, pela qual, por identificação à Sra. K. desejava ser amada por estes homens.

O insuportável, na histeria, é ocupar uma posição feminina, encarnando o objeto de desejo de um homem. Assim, Dora nutria um amor, uma admiração pela Sra. K, identificava-se com ela, mas não a desejava sexualmente, como cogitou Freud. Era esta mulher que ocupava o lugar que sua mãe poderia ter ocupado, caso fosse ela a destinatária do amor e do desejo por parte de seu pai.

### 4.3 O caso da jovem homossexual

Como já mencionamos no segundo capítulo, a série de artigos publicada por Freud na década de 1920 composta por *A organização genital infantil* (1923/1996a), *A dissolução do Complexo de Édipo* (1924/1996) e *Algumas consequências da diferença anatômica entre os sexos* (1925/1996), é aquela em que ele se dedica a fazer uma diferenciação entre a constituição sexual das meninas e a dos meninos. Até 1919 ele vinha tratando da constituição psíquica do menino, sem adentrar a questão nas meninas. Sem recursos para demonstrar as diferenças, apresentava-as sempre como equivalentes. O caso da jovem homossexual promove uma virada em seu entendimento e sua consequência direta é a modificação teórica exposta nesta série.

No tocante a homossexualidade, da mesma forma, Freud havia se dedicado ao estudo da versão masculina. A publicação de *A psicogênese de um caso de homossexualismo em uma mulher* em 1920, neste mesmo movimento, faz parte desta importante revisão teórica acerca da sexualidade feminina.

Segundo James Strachey, editor das *Obras Completas de Sigmund Freud*, a partir da publicação de *A psicogênese de um caso de homossexualismo em uma mulher*, Freud (1920/1996) passa a considerar de maneira mais ampla a sexualidade nas mulheres. Até então havia se dedicado mais ao estudo da histeria. Essa modificação na teoria e este novo olhar para a sexualidade feminina são contemporâneos em sua obra e têm íntima ligação.

Apesar de ser a apresentação de um caso de homossexualidade, Freud (1920/1996) se dedica a trabalhar muito mais as questões relativas à demanda de análise e o desenrolar da transferência do que os aspectos da sexualidade.

No ano de 2000, foi lançada a biografia autorizada de Sidonie Csillag (nome fictício – seu verdadeiro nome era Margarethe Csonka-Tratenegg), a jovem homossexual, cujo caso fora descrito neste texto freudiano de 1920.

Segundo Rieder e Voigt (2008), que a entrevistaram durante anos, Sidonie conheceu Leonie von Puttkamer, uma prostituta de luxo (*cocote*), no verão de 1917, no hotel de campo Panhans Semmering, enquanto estavam hospedadas. Conforme suas biógrafas, Sidonie contava com 17 anos e era bastante inocente em relação a qualquer tipo de inclinações eróticas e sua lembrança deste encontro era de um “fogo de reverência e adoração” (p. 15).

Nesta época, sua mãe havia acabado de ter um bebê, o que, em sua opinião, diminuiria ainda mais o pouco amor dirigido por sua mãe a ela. Para Sidonie, sua mãe adorava seus filhos homens e a tratava com frieza.

Após esta estada, Sidonie ficou sabendo que a baronesa Leonie ia, todas as tardes, ao *Grande Hotel am Ring*, no centro da cidade, e passou fazer passeios ao redor do hotel para vê-la, diariamente. Tempos depois decidiu segui-la até descobrir onde ela morava. Reparou que Leonie vivia num *ménage à trois* com Klara e Ernest Waldmann, um atacadista de óleo e gorduras. A partir desta descoberta, todas as tardes, Sidonie passou a segui-la, à distância, durante seus passeios diários até um café, passando pelo mercado da cidade.

Leonie já havia notado a moça e, um dia, falou com ela. Neste momento, Sidonie se encorajou e disse que a seguia apenas para vê-la. Foi bem recebida pela dama e, a partir desta conversa, passou a acompanhá-la nesses passeios. Para manter esta rotina de passeios, inventava uma série de pequenas “mentiras”. Não tinha muita dificuldade pois seu pai, sempre muito atarefado, passava quase o tempo todo no escritório e sua mãe demonstrava pouco interesse por sua rotina.

Os encontros diários duraram meses. Segundo relatam as biógrafas, apesar do escritório de seu pai ficar muito próximo dos lugares em que passeava com Leonie, fazia o possível para não se encontrar com ele. Entretanto, os boatos maliciosos não demoraram a chegar até os ouvidos de seu pai e ele já havia alertado Sidonie de que ela não deveria se envolver com certos tipos de pessoas. Além de ser uma prostituta de luxo, Leonie era notoriamente homossexual.

Num desses passeios, de braços dados com a baronesa, viu seu pai se aproximar e soube que ele a vira também. Temendo que ele viesse repreendê-la, larga do braço de Leonie e se afasta. O pai acaba indo embora no trem elétrico. Assustada, ao se aproximar novamente da baronesa, se deparou com a insatisfação da dama, que não aceitou a reaproximação e declarou que não queria mais vê-la.

Tomada de desespero, tanto pela possibilidade de perder a oportunidade de ver sua amada quanto por temer que seria castigada ao chegar em casa, atirou-se na linha do trem, num ato suicida.

Sidonie foi levada para análise com Freud, por seus pais, seis meses após esta tentativa de suicídio, com 18 anos, e ali ficou entre março e junho de 1919. Autores como Allouch (2005), Azevedo (2013) e Roudinesco (2013) afirmam que, nesta mesma época, Freud atendia outra paciente homossexual, a saber, sua filha Anna, que apesar de nunca ter assumido sua homossexualidade, jamais fora vista com algum homem e dividiu toda a sua vida adulta com uma mulher. Azevedo (2013) afirma que o texto freudiano *Bate-se numa criança* de 1919 contém o relato da estruturação fantasística de Anna Freud.

Retomando o caso da jovem homossexual, esta passagem ao ato<sup>17</sup> é o a que a leva à análise. Segundo suas biógrafas (Rieder & Voigt, 2008), ela passou ao ato mais duas vezes, anos após o término de sua análise com Freud, em dois outros momentos de abandono: tomou veneno quando sua amada Leonie deixou Viena para viver em Berlim com uma amante e, posteriormente, se deu um tiro no peito ao ser abandonada por outro amor, um homem neste caso.

Após esta primeira tentativa de suicídio, Sidonie ganhou a oportunidade de voltar a ver sua amada, visto que seus pais ficam temerosos com a possibilidade de novo ato desesperado, e a amada, acabou dando-lhe mais atenção, comovida com tal prova de sua paixão. Azevedo (2013) faz questão de notar que a relação entre as duas mulheres se manteve sempre no nível da adoração. O ato sexual entre elas aconteceu muitos anos após, em 1940.

Talvez Freud nunca tenha tido acesso a essas informações sobre o que se seguiu após o final do período em que frequentava seu consultório diariamente. Contudo, no que diz respeito ao período de sua análise, os pormenores apresentados pelas historiadoras (Rieder & Voigt, 2008) são apenas mais ricos em detalhes, mas não diferem muito dos apresentados por Freud (1920/1996) no relato do caso.

Freud refere que a homossexualidade da jovem despertava em seu pai profunda amargura e, por isso, ele havia decidido fazer o que fosse necessário para retirá-la desta condição. Já a mãe da jovem não tomava a homossexualidade da filha de maneira tão trágica, parecia se incomodar muito mais com a maneira com que a moça, ao invés de esconder, tornava público seus sentimentos pela baronesa. Tratava a filha com bastante frieza, muito diferente do tratamento que dava aos outros filhos.

Para Freud (1920/1996) o fato de ter sido trazida para análise por demanda do pai era um complicador. Seu pai ansiava que uma análise a retirasse desta condição e a conduziria para a heterossexualidade. Sobre tal pedido, que nomeou como uma remoção da inversão genital, deixa claro que não poderia ser tomado como um objetivo para uma análise.

Apresenta a escolha sexual como uma restrição na escolha de objeto e, neste sentido, independentemente desta escolha ser homo ou heterossexual, a conversão no seu contrário não seria uma tarefa fácil, quiçá impossível. Isto porque, tanto sujeitos homossexuais quanto heterossexuais não são capazes de abandonar os objetos através dos quais alcançam satisfação

---

<sup>17</sup> O termo passagem ao ato advém do vocabulário psiquiátrico francês e diz respeito a uma conduta na qual o sujeito se precipita numa ação que o ultrapassa. Lacan a difere do *acting-out*, visto que a passagem ao ato não é fundada no inconsciente, é um ato não simbolizável, em que o sujeito sai de cena e se encontra na condição de objeto (Chemama, 1995).

e prazer. E, mesmo se fosse possível, teria sérias consequências para a economia psíquica e isto já seria razão suficiente para não considerar a homossexualidade como algo a ser tratável pela psicanálise. Freud (1920/1996), ainda sim, afirma que um sujeito apenas seria influenciável, através da psicanálise, naquelas constituições em que ainda não se fixaram em nenhum tipo de escolha objetal.

Justamente por estas razões apresentadas por ele, se absteve e não ofereceu aos pais da jovem qualquer esperança de que seu desejo pudesse ser realizado. Aceitou-a, contudo, em um tratamento de ensaio, em que lhe foi possível compreender as raízes de sua escolha homossexual, mas sua análise não progrediu.

Para Freud (1920/1996) a jovem tinha, perante sua amada, uma atitude masculina caracterizada por humildade e supervalorização do objeto sexual, renúncia de toda satisfação narcisista e preferência em ser amante e não amada. Estas características do amor masculino já haviam sido trabalhadas por ele no texto *Um tipo especial de escolha feita pelo homem* (1910/1996). Isso o fez concluir que, além de ter escolhido um objeto amoroso feminino, a jovem tinha também desenvolvido uma atitude masculina perante ele.

Outra característica bastante masculina apontada por Freud (1920/1996) era a sua devotada compaixão para com a amada. A ausência de uma boa reputação da dama a quem dirigia sua admiração – já que esta oferecia favores corporais – era uma condição necessária ao seu amor; sua atitude para com ela era heroica, visto que intencionava salvá-la desta condição.

Miranda (2013) salienta que a posição da jovem homossexual toma a forma do amor cortês quando ela se dirigia à mulher amada mandando-lhe flores, oferecendo a frente na fila do bonde, quando a acompanhava pelas ruas. Para a autora, esta seria uma forma de *mostração*<sup>18</sup>, de como se deve amar a uma mulher.

Ainda neste texto, Freud (1920/1996) se refere a uma possível etiologia congênita para a homossexualidade, entretanto, apresenta sua construção do caso. A jovem havia passado, em sua infância, pela atitude normal característica do complexo de Édipo feminino e, posteriormente, havia substituído seu pai por seu irmão mais velho. O nascimento de seu

---

<sup>18</sup> *Acting-out*, em inglês e atuação ou mostração no português, se refere a uma leitura feita pela psicanálise inglesa e retomada pela francesa para traduzir a noção de *Agieren* (colocação em ato) proposta por Freud em 1914 e designa o mecanismo em que o sujeito passa inconscientemente ao ato e coloca em prática pulsões, fantasias e desejos, dentro ou fora da sessão. Lacan estabelece uma hierarquia em três patamares. Para ele, um ato é sempre significativo, já o *acting-out* é uma demanda de simbolização que o sujeito dirige a um outro. A passagem ao ato é um ato não simbolizável, em que há ruptura integral, e o sujeito desaparece. (Rodinesco e Plon, 1998; Chemama, 1995)

segundo irmão, quando tinha aproximadamente cinco ou seis anos de idade, não lhe causou nenhuma consequência. Não apresentava sintomas histéricos.

Quando contava com treze ou catorze anos, segundo a opinião daqueles que a cercavam, demonstrava forte carinho por um menino de cerca de 3 anos e mantinha com ele uma atitude maternal. Freud (1920/1996) interpretou, a partir deste fato, que a jovem apresentava forte desejo de ser mãe e de ter um filho.

Aos dezesseis anos, em plena revivescência de seu complexo de Édipo infantil, enquanto desejava ter um filho, homem, de seu pai, é desapontada quando ele dá este filho, não a ela, mas à sua mãe, que era inconscientemente odiada. Nas suas palavras: “Furiosamente ressentida e amargurada, afastou-se completamente do pai e dos homens. Passado esse primeiro grande revés, abjurou de sua feminidade e procurou outro objetivo para sua libido” (Freud, 1920/1996, p. 169).

Abandonou assim seu desejo de ter um filho, o objeto masculino e a posição feminina, se identificando com o pai, assumindo uma posição masculina diante de um objeto feminino, presentificada na forte atração por mulheres mais velhas. Para Freud (1920/1996), a dama pela qual a jovem estava apaixonada representava um substituto de sua mãe.

Em uma nota de rodapé, esclarece que não é raro que após o rompimento de uma relação amorosa ocorra a identificação do amante com o objeto amado. Este tipo de identificação representaria uma certa regressão ao narcisismo e corresponderia a uma alteração do sexo do objeto amado.

Freud (1920/1996) ressalta também a forma ambivalente que a jovem tinha de se relacionar com sua mãe, de forma que a revivescência de seu primeiro amor por ela seria uma forma de compensação da hostilidade presentificada pelo nascimento do irmão. A amada, como um substituto materno, permitiria que a jovem deixasse a condição de rivalidade com ela pois, neste caso, a escolha de objeto homossexual seria uma forma de sair do caminho e deixar para a mãe o acesso aos objetos masculinos.

O reconhecimento da desaprovação, por parte de seu pai a fixava ainda mais nesta posição. Era uma escolha amorosa que o desafiava e incomodava e, portanto, servia como uma forma de vingança e punição por tê-la traído, engravidando sua mãe. Por isso, deixava-se ver em companhia da dama.

Era notável, também, que ambos os genitores se comportavam como se entendessem a psicologia secreta da filha. A mãe era tolerante, como se apreciasse a ‘retirada’ da filha como um favor feito a ela; o pai se enfurecia, como se compreendesse a vingança deliberada dirigida contra ele (Freud, 1920/1996, p. 171).

Quanto ao histórico de seus enamoramentos, já suas primeiras paixões haviam sido por mulheres, mas em nenhum dos casos, havia se interessado por mulheres também homossexuais e que poderiam ter respondido às suas investidas. Seu interesse amoroso se dirigia a mulheres que desejavam ser admiradas e que demonstravam prazer em seduzir. Inclusive, Freud (1920/1996) ressalta que a jovem havia, uma vez, negado as investidas de uma amiga francamente homossexual de mesma idade.

Visto que a problemática de nossa pesquisa não é a passagem ao ato, ou seja, a tentativa de suicídio seriamente intencionada, na escuta de Freud (1920/1996), e nem mesmo o que diz respeito a transferência da jovem com seu analista, deixaremos de abordar este aspecto do caso. Entretanto, não podemos deixar de mencionar que este caso é emblemático no que diz respeito a estes aspectos e que a jovem homossexual é tida por muitos analistas pós-freudianos como o grande caso de Freud, quem o ensinou, à custa da interrupção de sua análise, sobre o manejo da transferência e a posição do analista (Allouch, 2005).

No que tange à homossexualidade, no último capítulo deste texto, Freud (1920/1996) faz algumas considerações. Para ele, não todo desapontamento com a figura paterna na puberdade teria o mesmo destino que teve no caso da jovem analisada por ele; há, sim, outras reações possíveis.

Nas pessoas consideradas “normais” – e aqui nos perguntamos se esta normalidade diria respeito aqueles sujeitos não acometidos por sintomas neuróticos ou psicóticos, visto que ao longo de sua obra, é assim que ele se refere aos mesmos ou se ele está se referindo aos sujeitos heterossexuais, ou se as duas interpretações são possíveis – há uma certa demora na definição do sexo do objeto amoroso, há amizades intensas, flertes homossexuais que são bastante comuns na puberdade.

No que diz respeito a jovem, Freud (1920/1996) refere que sua sexualidade fluía, desde muito cedo, em duas correntes, homo e heterossexual, sendo que a primeira seria a “continuação direta e imodificada de uma fixação infantil na mãe” (p. 180), para qual a corrente heterossexual desviou-se.

O complexo de masculinidade era fortemente acentuado na moça. Após a percepção da presença do pênis do irmão mais velho, desenvolvera forte inveja, manifestada através de um, também forte, sentimento de injustiça frente as diferenças sociais entre meninos e meninas; gravidez e parto lhe pareciam indesejáveis devido a desfiguração que produziam no corpo.

Para comentar estas particularidades, Freud (1920/1996) recorre, mais uma vez, como o faz ao longo de sua obra, a uma dupla etiologia para a identificação sexual, tanto inata quanto

adquirida. Como já apontamos anteriormente, Freud nunca havia deixado de lado, por completo, seu raciocínio médico e sempre demonstrou seu apego às ciências naturais. Contudo, seu desenvolvimento teórico vai numa direção oposta, como veremos a seguir, tornando impossível pensar numa etiologia inata.

Feito este comentário, o ponto que ressaltamos neste texto é a **diferenciação** que Freud faz entre **identificação sexual** e a **escolha de objeto sexual**. Sobre a homossexualidade em geral, afirma que nem sempre a escolha objetual corresponde às atitudes e características sexuais do sujeito, no sentido de que uma mulher não necessariamente precisa apresentar-se mais masculinizada em suas atitudes (identificação masculina) para realizar uma escolha de objeto homossexual. Para Freud (1920/1996), há três conjuntos de características sexuais do ponto de vista do sujeito: **físicas**, **mentais** e a **escolha objetual**.

No que diz respeito às **características físicas**, Freud menciona que todos os sujeitos apresentam, em maior ou menor grau, aquilo que nomeia como um **hermafroditismo físico**, onde o corpo do sujeito possui características sexuais de seu sexo e também as do sexo oposto, com menor ou maior intensidade, sem que isso implique necessariamente numa relação preestabelecida de escolha de objeto, quer seja ela homossexual ou heterossexual.

Já quanto às **características mentais**, se refere a um **hermafroditismo mental**, onde também um sujeito pode manifestar toda uma série de características mais propriamente atribuídas (socialmente e imaginariamente) ao seu próprio sexo e também às do sexo oposto. Essas características são encontradas, em maior ou maior grau, em um sujeito sem que isso implique numa relação preestabelecida de escolha objetual, homossexual ou não. Para explicar tais possibilidades menciona que um homem pode apresentar características predominantemente masculinas, mas fazer uma escolha de objeto homossexual e ao contrário, um homem em que predominam características femininas, pode fazer uma escolha de objeto heterossexual. Da mesma forma uma mulher cujas características sejam mais acentuadamente masculinas e sua escolha objetual ser do tipo heterossexual. No caso da jovem homossexual, afirma que ela apresentava atributos intelectuais e objetividade mais masculinizados, mas fundamentalmente sua forma de amar, no entendimento de Freud, era do tipo masculino (devotado à amante, menos narcisista, mais preocupada em amar do que ser amada, conforme já discutimos anteriormente) e coincidia com uma escolha de objeto homossexual.

Por fim, quanto a **escolha objetual**, Freud menciona que, em qualquer sujeito, ao longo de sua vida, a libido oscila normalmente entre objetos masculinos e femininos. Se predomina um tipo de escolha este fato se relaciona ao modo como a satisfação pulsional se fixou no

inconsciente, ou seja, ao modo de ligação privilegiada a objetos (Freud, 1920/1996; Chemama, 1995).

Todas essas características citadas podem variar independentemente umas das outras e se combinarem de maneira múltipla. E, por isso, no final do texto, Freud (1920/1996) faz questão de reiterar que à psicanálise não cabe solucionar os casos de homossexualidade, visto que ela seria apenas um dos modos de variação e combinação entre estas características, tão legítima quanto todas as outras. Quanto à psicanálise, ela seria apenas um instrumento capaz de revelar os mecanismos psíquicos que levaram a determinada formatação.

Assim como fizemos com Dora, escolhemos fazer uma apresentação deste caso seguindo a trilha do texto freudiano e fazendo poucos comentários ao longo da exposição. Entendemos que este é um bom caminho visto que, em se tratando de um caso clínico, uma breve exposição é necessária para compreender a teorização que aflora dele.

Já ressaltamos e, agora, reiteramos que um dos aspectos mais importantes trazidos por Freud, neste texto, é o reconhecimento da participação da mãe na constituição da homossexualidade da filha. Bastante diferente da apresentação do caso Dora, em que a mãe quase não aparece no relato do caso (apesar de estar presente nos sonhos trazidos pela paciente), pois Freud ainda não se dava conta da sua importância para a constituição sexual da menina.

A jovem homossexual foi atendida no ano de 1919 e, um ano após, dá-se a publicação do caso. Este não é qualquer momento dentro da obra freudiana, é bastante importante visto que corresponde a um tempo de virada teórica, da primeira para a segunda tópica. Assim, juntamente com sua nova concepção de aparelho psíquico que, diga-se de passagem, não elide a anterior, reformula também sua concepção acerca da constituição sexual na menina que, da mesma maneira, não exclui a primeira, mas sim, a amplia.

No primeiro capítulo, apresentamos que as homossexualidades masculinas, em comparação com as femininas, sempre foram mais ruidosas e causaram mais alvoroço social. Estas últimas, são pouquíssimas questionadas e tratadas com mais naturalidade. Esta característica se deve, na compreensão de Maurano (2013), ao fato de ser herdeira direta da relação mãe-filha. Como o primeiro objeto de amor de qualquer menina é sua mãe, é como se passassem despercebidas e não causassem espanto. Citando Denise Portinari, autora do livro *O discurso da homossexualidade feminina* afirma que talvez este “silêncio quanto ao lesbianismo é parte de um silêncio muito maior, que participa do universo feminino como um todo” (p. 318).

Pommier (1992), na mesma direção, afirma que a homossexualidade feminina, ao contrário da masculina, não tem nenhuma relação com mitos iniciáticos. Ao longo da história da civilização, não tem relação com as formas de organização social, nem identificações com

temas e mitos. Por isso, a homossexualidade feminina permanece sempre particular, não perturba a ordem social e por isso, é mais bem aceita que a masculina.

Para este autor, o desejo feminino é inicialmente orientado pelo Outro materno<sup>19</sup> e apesar de se deslocar para o pai, mantém uma marca do endividamento para com o primeiro objeto de amor: a mãe. Desta forma, em toda mulher, há sempre um componente homossexual, latente ou manifesto, que em nada questiona sua feminilidade.

Pommier (1992) também faz notar que a homossexualidade feminina sempre foi menos duramente reprimida do que a masculina. Sua explicação para tal fato é que ela se torna um poderoso atrativo erótico para os homens.

O autor, seguindo a trilha freudiana, propõe que no caso das mulheres, a homossexualidade é posterior à heterossexualidade, o que é visualizado através do caso da jovem homossexual que, primeiramente, dirigiu seu amor ao pai. Somente por ter se desapontado com ele, quando este engravida sua mãe, é que declarou sua homossexualidade. Ainda, faz questão de notar que o amor que a jovem homossexual nutria pela dama é do tipo filial. “Foi como se, despeitada, ela se separasse violentamente do pai, o que realizou identificando-se com ele. Passou então a amar as mães, tal como fizera o pai ao decepcioná-la” (Pommier, 1992, p. 109).

Sendo assim, em sua opinião, a ordem dos acontecimentos é de suma importância na constituição da homossexualidade. A rivalidade e o ciúme instalados entre ela e a mãe, devido ao amor dirigido ao pai, se transformou em amor pela mãe. Refere que é pela mesma razão que o ciúme neurótico feminino é sempre muito próximo da ligação homossexual e é um sinal da presença de uma fantasia homossexual.

A grande questão para Pommier (1992), e, neste ponto, há um avanço em relação ao proposto por Freud (1920/1996), é que as mães são amadas não na sua condição maternal e sim por serem mulheres e amarem e desejarem o homem (pai). Neste sentido, para ele, trata-se de um amor pela feminilidade e não um amor pela maternidade. Na posição homossexual, a mulher se identifica com o pai e ama sua mãe como mulher. No caso específico da jovem homossexual, esta modificação de objeto de amor, esse abandono de sua feminilidade, permitiu a ela sair da rivalidade com a mãe, ao mesmo tempo em que se vingava do pai, rivalizando com ele.

---

<sup>19</sup> Podemos entender por Outro materno aquele que representa o tesouro dos significantes, a função materna que pode ser exercida por qualquer sujeito que assuma os cuidados de um bebê, e que faça sua inserção no mundo simbólico (Chemama, 1995).

Lacan (1956-1957/1995), em o *Seminário IV As relações de objeto*, afirma que o suposto desinteresse da homossexual pela feminilidade é, ao contrário, um interesse primordial. Desta forma, quando a homossexual rivaliza com o homem, ela o faz para exaltar a feminilidade. A homossexual localiza a feminilidade do lado da parceira, e só a experimenta a partir da outra, “por procuração” (p.17).

Azevedo (2013) dá destaque a outro aspecto do caso quando ressalta a repulsa ao sexo trazida pela jovem homossexual, tanto no relato de Freud (1920/1996) quanto em sua biografia autorizada (Rieder & Voigt, 2005). Mesmo que tivesse considerado Freud como um “velho imbecil” (Azevedo, 2013, p. 306), confirmava a interpretação freudiana de que a dama cortejada era um substituto de sua mãe. Assim, para esta autora, a homossexualidade feminina em geral, e não apenas no caso da jovem homossexual, tem como característica ser assexual, marcada, muitas vezes, por frigidez e é inscrita no erotismo feminino como um interdito à sexualidade, por ter um caráter de regressão e fixação.

Apesar de já termos mencionado que nosso objetivo na pesquisa é a homossexualidade e não os outros pormenores do caso, achamos bastante interessante a leitura de Allouch (2005) que interpreta os passeios da jovem com a dama, correndo sempre o risco de ser vista pelo pai, como uma mostração, um *acting-out*<sup>20</sup>. O autor retoma Lacan<sup>21</sup> que interpreta esses passeios como uma brincadeira, um “doce flerte com o perigo” (Lacan, 1962-63 como citado em Allouch, 2005, p. 26) e a medida em que se torna real, torna-se insuportável e a passagem ao ato ocorre.

Allouch (2005) tece também um interessante comentário sobre o caso da jovem homossexual e o lesbianismo hoje. Para ele a homossexualidade feminina, na época de Freud, era centrada no pai e acredita que na atualidade não poderia ser pensada da mesma maneira, visto que, nos dias de hoje, ela (a homossexualidade feminina) contesta o “falocentrismo, a família, o Nome-do-pai e *tutti quanti*” (p. 18). Entretanto, o autor faz notar que há de se ter o cuidado para não se fazer generalizações, e que é sempre mais ético e interessante falar da singularidade de cada caso.

Outro ponto considerado de extrema importância neste texto, como já apontamos acima, é a distinção que Freud (1920/1996) faz entre identificação e escolha de objeto sexual. Nos seus *Três Ensaio...*, Freud (1905/1996b) trabalha muito mais a questão da escolha objetal. Segundo Allouch (2005), o caso da jovem homossexual é a oportunidade que Freud teve para teorizar sobre esta diferença e independência entre estes dois aspectos da sexualidade.

---

<sup>20</sup> Conforme nota de rodapé n. 18, demanda que se dirige a um outro.

<sup>21</sup> Lacan, J. (2005). *O seminário: livro 10 – a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário proferido nos anos 1962-63).

Apesar de já termos trabalhado, no primeiro capítulo, o conceito de identificação, o retomaremos brevemente. O conceito de identificação é trabalhado por ele, mais a fundo, um ano após, no capítulo VII de *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (Freud, 1921/1996). Lá ele a define como a mais remota expressão de laço emocional com o outro e que desempenha papel fundamental no complexo de Édipo.

Segundo Freud (1921/1996) a identificação diz respeito a quem queremos ser e a escolha objetal, a quem queremos ter. A primeira é mais precoce que a segunda pois pode acontecer sem que se tenha eleito um objeto sexual.

Assim, no caso que estamos trabalhando, a identificação com a mãe é transformada em escolha objetal e a jovem identifica-se com a pai, cultuando e se devotando à sua amada segundo os moldes do amor cortês, numa posição masculina em relação a um objeto feminino. Não podemos deixar de mencionar novamente, o caráter assexual desta relação. Muito mais do que uma ligação erótica, a jovem homossexual mantinha com a dama uma relação amorosa. O ato sexual era o que menos importava.

Outro ponto interessante acerca do caso da jovem homossexual é o apresentado por Zalcborg (2007) quando ela comenta que uma menina pode reagir muito mal diante da promessa de receber um filho, simbólico, do pai (como substituto do pênis – imaginário, e do falo - simbólico). O pai, ao dar uma criança à mãe na realidade, se desloca do lugar de doador simbólico em potencial.

A jovem entende este deslocamento do pai como um não reconhecimento de seu desejo de mulher e acaba fazendo uma regressão. Ao invés de seguir seu caminho no sentido da passagem do pai (doador simbólico) a um outro homem (de quem poderia receber um bebê na realidade), que chegaria ao final de sua constituição, insiste no amor ao pai.

Sua escolha objetal é interpretada pela autora como uma forma de mostrar ao pai como se deve amar uma mulher – pelo que ela “não tem”. No caso específico da dama, uma boa reputação. Dito de outra forma, é uma maneira de mostrar como ele deveria tê-la amado.

No mesmo sentido, citando o texto lacaniano *Diretrizes para um congresso sobre homossexualidade feminina*, Mariano (2008) afirma que, para Lacan, a homossexualidade feminina aponta em direção à feminilidade e não à masculinidade, visto que a homossexual quer ser amada pelo que não tem, o pênis.

Em termos lacanianos, Mariano (2008) afirma que a homossexual se concentra em ser o gozo da outra, em ser a causa do gozo da parceira e neste sentido, estaria desafiando um homem imaginário, o pai, fantasiado, tentando lhe ensinar o que faz uma mulher gozar. Foi

isto que a jovem fez ao fazer seus passeios tão à vista de seu pai; havia algo de desafiador na sua atitude.

Retomando Freud, a autora menciona que, para ele, no caso da jovem homossexual, a mãe era objeto de amor por parte da jovem, mas não de identificação, na qualidade de um amor cortes, desviado do sexual. Da mesma forma, Laznik (2003) afirma que se trata de um amor platônico, assexual, que teria como objetivo apenas servir a dama. Um amor fora do sexo, portanto.

É por esta razão que Laznik (2003) afirma, amparada em Lacan, que o fato de uma mulher amar outra mulher não garante a pertença delas no grupo das homossexuais femininas, visto que o termo homossexualidade diria respeito a uma sexualidade “agida” (p. 191) entre sujeitos do mesmo sexo.

Sendo assim, parece que podemos concluir que também neste caso, não se trata de uma relação homossexual baseada no erotismo e sim, no amor homossexual, numa espécie de continuidade, regressiva e fixada, do amor à mãe.

#### **4.4 Últimas publicações freudianas**

Estamos afirmando, ao longo deste trabalho, o quanto foi difícil a Freud reconhecer, num primeiro momento, a importância da mãe na constituição sexual da mulher. Como já dissemos anteriormente, foi devido a sua impossibilidade de reconhecer as formulações de suas colegas psicanalistas, devido a uma atitude de proteção a sua filha Anna, que demorou muito a produzir essa virada teórica e a incluir a importância da mãe na constituição sexual da menina. Os dois artigos, que já comentamos e que voltaremos a comentar a partir de agora, enfocando, neste momento, a segunda saída para o complexo de castração na menina, apresentada por Freud, representam a forma que ele encontrou para, de certa forma, reparar o erro teórico que havia sustentado ao longo dos anos.

A sexualidade da menina se divide em dois momentos, o primeiro, que Freud considera masculino, ativo, clitoridiano e o segundo momento, feminino, passivo, vaginal. O que separa ambos é o complexo de castração e sua consequência direta, a inveja do pênis. Nestes dois textos, Freud se dedicará muito ao primeiro momento da constituição sexual da menina em todos os seus pormenores.

Retomaremos brevemente ao que Freud apresenta, visto que já apresentamos detalhadamente estes pontos no capítulo anterior.

O primeiro objeto, tanto sexual quanto amoroso, em ambos os sexos, é a mãe. É com ela que a criança experimenta tanto sua sexualidade passiva quanto a ativa. Durante a fase fálica, a menina tem o clitóris como zona erógena primordial.

Ao se dar conta da diferença anatômica entre os sexos, tanto os meninos quanto as meninas adentram ao que Freud nomeia como complexo de castração. Ao perceber que em seu corpo falta o pênis, ou seja, ao descobrir-se castrada, a menina é tomada pela inveja. Diferentemente do menino, que já vivia imerso na dinâmica edípica e é pela ameaça de castração que renuncia à mãe, para preservar seu pênis.

No caminho mais comum, a menina, ao contrário, a partir do complexo de castração e da inveja do pênis, adentrará ao complexo de Édipo e fará as modificações que Freud julga necessárias para acessar a feminilidade: a mudança de zona erógena, a mudança na modalidade de satisfação pulsional e a mudança de objeto. Assim, o acesso à feminilidade se daria através do caminho da mãe ao pai, em que a menina adentra a forma feminina do Édipo e toma o pai enquanto objeto sexual e amoroso.

Esta é uma das possibilidades, mas há outras duas. Uma delas em que a menina acaba por abandonar sua atividade fálica e ativa, mas juntamente acaba por abandonar sua sexualidade no geral, caindo numa inibição sexual.

A outra saída, é aquela na qual a menina aferra-se à sua masculinidade e à fantasia de um dia, conseguir um pênis, sem deixar-se castrar. É esta a saída que Freud atribui à homossexualidade feminina.

Como já afirmamos, a tônica destes artigos está na fase pré-edípica, de intensa relação da menina com a mãe. As colocações freudianas se dirigem a formular o que promove, de fato, a separação entre a menina e sua mãe.

Uma poderosa tendência à agressividade está sempre presente ao lado de um amor intenso, e quanto mais profundamente uma criança ama seu objeto, mais sensível se torna aos desapontamentos e frustrações provenientes deste objeto; e, no final, o amor deve sucumbir à hostilidade acumulada (Freud, 1933/1996, p. 124).

Uma dessas razões seria a proibição, por parte da mãe, da masturbação clitoridiana. Freud (1933/1996) afirma que sim, esta seria um motivo que geraria uma boa dose de hostilidade, entretanto, não o suficiente para operar esta separação, visto que a mesma proibição ocorre com os meninos e não opera estas modificações.

Outro motivo, mais importante, no caso da menina, seria o fato dela responsabilizar sua mãe pela falta de pênis no seu corpo. Freud (1933/1996) afirma que as meninas não perdoam

suas mães por virem ao mundo em desvantagem e é por esta suposta desvantagem que são tomadas pela inveja do pênis.

Entretanto, a descoberta de que é castrada também não seria suficiente para operar esta separação. Isto porque é entendida, num primeiro momento, como um “infortúnio individual” (p. 126). É apenas a descoberta da castração materna que teria força suficiente para operar esta separação. É somente esta descoberta, de que todas as mulheres são inferiores (pois este é o entendimento infantil diante da diferença anatômica entre os sexos), que coloca fim à sua fantasia infantil de um dia possuir um pênis (Freud 1933/1996).

Zalberg (2007), comentando a diferença anatômica entre os sexos, afirma que não é que ao corpo feminino falte algo, mas sim, que a anatomia feminina favorece a inscrição do corpo da mulher como sendo da ordem de uma falta.

Esta autora faz um interessante comentário sobre o conceito de inveja do pênis em Freud. No primeiro período da obra freudiana ele corresponde àquilo que poderia ser interpretado como um resquício de uma posição misógina de Freud, pois o pênis a que ele se refere é realmente o órgão. Após 1920, ele passa a articular a inveja do pênis com a ameaça da perda de amor por parte da mãe. Assim: “Não é o medo da castração que ameaça a menina; é o medo da perda do amor.... É pela dificuldade de separação com a mãe que Freud chega à associação entre inveja do pênis e ameaça de perda do amor no psiquismo feminino” (Zalberg, 2007, p. 23). Para ela, o amor ocupa no psiquismo feminino, um lugar de suplência, suplência de uma falta, da falta do pênis, tão ressentida pela menina.

Assim, a anatomia torna-se importante na constituição do psiquismo não porque define o sexo de um sujeito ou sua posição sexuada, quer seja do lado masculino ou do lado feminino, mas sim, porque terá influência na forma em que o corpo será subjetivado.

Enquanto a menina estaria “livre” da angústia de castração, porque vem ao mundo castrada, sem pênis, o que Zalberg (2007, p. 25) faz questão de notar é que para ambos os sexos, na verdade, não se trata do órgão em si, mas sim da forma com que o pênis é subjetivado – no caso dos meninos como um “eu tenho” e para as meninas como “não tenho”. Além disso, esta subjetivação tem relação com o Outro materno.

Zalberg (2007) afirma que quando Freud desloca a atenção do pênis para o falo, ele desloca do órgão imaginário para o registro simbólico e faz com que ambos os sexos tenham que lidar com sua falta. O falo tem como suporte o pênis, mas é um elemento simbólico. Simboliza a falta e é, portanto, o significante do desejo; do desejo materno.

É a partir desta diferença, colocada por Freud, mas não trabalhada por ele, que Lacan (1956-57/1996) poderá avançar em sua teoria e propor que nenhum sujeito, qualquer que seja

seu sexo anatômico, escapa à lógica fálica, visto que ninguém o tem. O falo enquanto significante que representa o desejo somente se presentifica porque não há um objeto para ele. Na teoria freudiana, não há objeto porque ele está para sempre perdido. Em Lacan, não há objeto, há a falta de objeto.

A subjetivação do pênis diz respeito ao momento constitutivo em que a criança, de qualquer sexo, vive seu primeiro amor, direcionado à mãe. O que causaria a inveja do pênis na menina, para Zalcberg (2007), não é o seu desejo de possuir um pênis, como os meninos, para gozar sexualmente através dele, mas sim, porque julga que se o tivesse, seria mais amada pela mãe. Invejar o pênis e desejá-lo é, neste sentido, se assegurar do amor materno. O complexo de masculinidade a que a menina pode se aferrar, no caso da saída homossexual, seria uma forma de garantir ser mais amada pela mãe.

Isto porque, para a autora, somente a saída pela via da feminilidade é a que livraria a menina do engodo de dar algo à mãe. As duas outras saídas levam à manutenção da identificação masculina (identificação fálica) e a necessidade de continuar a responder às necessidades fálicas da mãe. É por isso que a saída feminina é a mais complicada, porque após passar pelo pai, é através de um retorno à mãe, à identificação com ela, que a menina poderia se tornar feminina.

Visto que, para Freud (1931/1996; 1933/1996), a mãe é responsabilizada pela menina por sua vinda ao mundo tão em desvantagem, voltar-se ao pai é uma forma de obter dele o pênis (falo) que a mãe lhe recusara.

Desta forma, podemos entender que o pai, neste momento, somente interessa à menina pois é ele quem a colocará em vantagem novamente, diante da mãe. É pela via do pai que a menina pensa poder recuperar toda sua capacidade de ser um objeto de amor para a mãe. É esta a potência que a menina espera conseguir do pai. Por isso, no complexo de masculinidade, é o amor à mãe que está em questão (como vimos no caso da jovem homossexual).

A saída feminina para o complexo de castração se dá quando é possível à menina, por equivalência simbólica, substituir seu desejo de obter um pênis pelo desejo de ter um bebê. E, desta forma, dirigir seu desejo a um homem, colocando-se como faltante diante dele, e, portanto, castrada. Ou seja, suportando encarnar seu objeto de desejo.

Já a saída homossexual é, para Freud (1933/1996) aquela em que a menina, aferrada à sua masculinidade, e ressentida com a mãe, não faz a virada de objeto amoroso para o pai. Por manter-se ligada, de maneira ambivalente à mãe, o pai pode continuar exercendo seu lugar de rival.

Segundo Dias (1998), Freud afirma que algumas mulheres têm o caminho até o homem menos facilitado devido a qualidade de sua relação primária com a mãe. O autor refere que, devido a ambivalência desta relação e pelo fato da mãe encarnar tanto o objeto do amor quanto a figura de identificação para a menina, o momento em que a filha mais odeia a mãe é também o momento que ela deve identificar-se com ela; por essa razão, por esta ambivalência que, muitas vezes, este caminho não é tão simples de percorrer.

Para Freud (1933/1996), a menina apegada à masturbação ativa, clitoridiana, está identifica à mãe fálica ou ao pai. Se assim permanece, acaba, em sua vida adulta, recusando-se a uma posição passiva diante de um homem. O grau máximo da realização do complexo de masculinidade seria manifestação de uma escolha de objeto homossexual.

Freud (1931/1996) faz notar, contudo, que não poderíamos entender a homossexualidade feminina como um desenvolvimento direto deste complexo infantil. Mesmo para as mulheres que fazem uma escolha de objeto homossexual foi necessário que, na infância, tenham tomado o pai como objeto e ingressado na dinâmica edípica. E, justamente, foi necessário um desapontamento com o pai para que houvesse uma regressão à masculinidade inicial, ou seja, um retorno à ligação anterior com a mãe e uma fixação nela. (O que verificamos anteriormente no caso da jovem homossexual, quando ela, a partir do nascimento do irmão mais novo, recua diante de sua feminilidade e engaja-se no desejo amoroso pela dama).

Contudo, Freud (1933/1996) não se convence de que esta seria uma razão suficiente. Para ele, uma menina que se tornou heterossexual não é poupada desta qualidade de desapontamentos para com o pai e nem sempre estes têm o mesmo efeito sobre elas. Pode ser inclusive, que uma mulher possa, na vida adulta, alternar de uma posição à outra (masculina e feminina). Para explicar estas diferenças entre os possíveis efeitos em uma situação ou em outra, Freud recorre à fatores constitucionais, sem responder, contudo, a questão. Citando Heléne Deutsch, acaba por concluir que “as duas fases do desenvolvimento do homossexualismo feminino se espelham bem nas práticas das homossexuais, que desempenham entre si papéis de mãe e de bebê, com tanta frequência e tão claramente como os de marido e mulher” (p. 129).

Zalberg (2007) afirma que cabe à mulher aceitar ou negar ocupar o lugar de objeto do desejo de um homem. A posição de aceitação confere à saída feminina do Édipo, que acabamos de retomar aqui, em que a mulher consente em encontrar, através do homem, os substitutos fálicos. E, justamente por isso, ela tem que consentir em ser “faltante”. As outras duas saídas,

quer seja a pôr inibição sexual ou pela via da masculinização são vias neuróticas<sup>22</sup>, que implicam numa defesa diante da castração.

O que nos leva a conclusão direta de que a saída pela via da feminilidade não existe em estado, digamos, puro em uma mulher, a menos, que estejamos fora do campo da neurose, pois toda neurose, implica num tipo de defesa diante da castração. Isto implica que a saída homossexual, a saída via uma masculinização, a saída fálica, seja compatível à saída histórica. A histeria é uma forma de manter-se não castrado, e, portanto, uma defesa ante à castração.

Para Zalcberg (2007, p. 120) “uma mulher em posição feminina quer gozar e fazer gozar e uma mulher em posição histórica não quer gozar e nem fazer gozar. O que ela quer é ser”. Se podemos interpretar que a saída pela via do complexo de masculinidade é uma via neurótica, histórica, o que querem as mulheres homossexuais? Se podemos transpor esse raciocínio, as mulheres cuja escolha objetual é homossexual querem ser. Mas, ser o que? Ser amadas. Parece que o recuo que muitas fazem é em relação ao desejo. Mais do que desejar e serem desejadas, elas querem amar e ser amadas. Como a jovem homossexual descrita por Freud (1920/1996) que queria mostrar ao pai como se ama uma mulher, como gostaria de ter sido amada por ele. Uma mulher histórica, porém, heterossexual, muito provavelmente, também estaria numa posição semelhante.

De qualquer forma, em qualquer uma das saídas, a relação com a mãe tem influência decisiva, é ela que poderia causar um atrapalho no direcionamento da menina da mãe para o pai e também, nela que se localizam, para Freud, o verdadeiro núcleo das neuroses na menina (Zalcberg, 2003).

Devido a complicações nesta relação primordial com a mãe, Freud afirma que muitas mulheres não conseguem fazer uma virada, feminina, em direção ao pai. Zalcberg (2003) retomando a obra de Joan Rivière, contemporânea de Freud, afirma que esta autora reconhecia, em todas as mulheres, a capacidade para a feminilidade, mas que, se acontecem conflitos, esta mulher não tomará esta via como a linha mestra de seu desenvolvimento. Zalcberg (2003) também colhe em Serge André que uma grande parcela das meninas jamais tonam-se mulheres, pois se mantêm, psiquicamente, homens, o que, a partir da teoria freudiana, pode ser lido como ligadas à mãe.

---

<sup>22</sup> Entendendo aqui as vias neuróticas dentro do conceito de estruturas clínicas em Lacan, que não diz respeito à uma patologia, mas sim, as maneiras possíveis de um sujeito se estruturar: neurose, perversão e psicose. Dentro do campo da neurose, haveria dois subtipos, a saber, a histeria e a neurose obsessiva, o que não implica que um sujeito desta forma estruturado apresente, necessariamente sintomas.

Esse complexo de masculinidade, mesmo que recalcado, produz efeitos perturbadores da sexualidade da mulher. Zalcborg (2003) relembra que este complexo de masculinidade em Freud pode ser lido como o momento em que a menina/menino se identificam com o objeto de desejo da mãe – o falo. Então, neste momento de sua constituição a menina procura, tanto quanto o menino, encarnar o falo que satisfaria a mãe. É o que a autora recorta do texto freudiano, *Análise terminável e interminável* de 1937, denominado por Freud como um empuxo à virilidade. Se, no menino, esse empuxo leva-o a sair da posição feminina diante do pai, no caso da menina, ela se virará na direção do pai para receber dele um símbolo de sua identificação feminina.

Se a menina não consegue sair desta condição, ela não conseguirá desejar outra coisa que não ser o menino (fálico) para a mãe. A autora afirma que a grande perturbação que a menina pode sofrer diante do não recalcado desta masculinidade, é muito mais do que não aceder a uma posição feminina, e sim manter-se nesta ligação profunda e exclusiva com a mãe, da qual não consegue se libertar, e da qual ela pode não conseguir se desvencilhar a menos que se produza uma ruptura.

Para que um ser humano assuma uma posição verdadeiramente sexuada, seria necessário que ele tenha passado pela castração; uma posição sexuada, qualquer que ela seja, traz em si marcas da castração. Nas palavras de Barbero (2005): “todas as possíveis identidades sexuadas e escolhas de objeto, ou seja, todas as formas de erotismo e de identificação seriam o resultado de uma ou outra forma de solução do *complexo de Édipo* e de uma posição perante a *castração e a lei*” (p. 108).

Retomando os conceitos que fomos trabalhando até aqui e o que acabamos de concluir, verificamos que, deste ponto de vista, a diferença uma mulher heterossexual e a homossexual se daria em nível da escolha objetal, visto que, nos dois casos, se trataria de uma estrutura neurótica.

Visto que o objeto é aquilo que é o de mais variável no campo da pulsão e que para ser objeto para o desejo, um objeto teve que ser, antes, objeto para a pulsão e, que é através do trajeto singular de cada sujeito, da vivência edípica de cada um que se dará esta escolha, a diferença entre ambas estaria neste campo, ou seja, na forma em que atravessaram seu percurso edípico.

O que poderá sim fazer uma diferença entre a mulher homossexual e a heterossexual é o quão mais distante esta estaria da posição feminina, que pode ser entendida como aquela que mais suportaria a castração. Mas, como dissemos há pouco, não haveria, no campo da neurose

“A mulher”, visto que toda neurose é uma forma defensiva de lidar com a falta e, portanto, com a castração.

é importante observar que é impossível, a um sujeito, posicionar-se exclusivamente do lado feminino. É isso que faz com que Lacan diga que ‘Não há A mulher’, no sentido de que é impossível a um sujeito posicionar-se completamente desse lado, sem referência alguma à linguagem ou qualquer sentido viril (Maurano, 2013, p. 322).

Sem querer tomar como uma verdade absoluta, visto que não há uma única homossexualidade feminina e sim diversas homossexualidades femininas, singulares, constituídas a partir do trajeto percorrido por cada mulher, as leituras tanto de Freud quanto de outros psicanalistas, nos faz arriscar a conclusão de que muitas relações homossexuais entre mulheres se pautam apenas sobre o amor, um amor que, em muitos casos, acaba tendo a tendência de elidir a dimensão do desejo sexual. E, neste ponto, não se trata de uma diferenciação entre as mulheres homo e heterossexuais pois, como qualquer outro amor neurótico, e o heterossexual é uma dessas possibilidades, este pode ser vivido na condição de escamotear a falta, e, portanto, na tentativa de tamponar a falta, numa tentativa de elidir a castração.

Como afirma Zalcberg (2007), esta parece ser uma característica que se apresenta diferente em não entre as mulheres, hetero ou homossexuais, mas sim, entre os homens e as mulheres. Nas suas palavras:

Embora a cultura igualitária avance resoluta e irreversivelmente no mundo, ela não tornou similares as exigências amorosas dos dois sexos. Todas as conquistas dos movimentos de emancipação feminina não fizeram desaparecer a forma privilegiada com a qual as mulheres, mais do que os homens, investem no fenômeno amoroso, mesmo em nossos tempos (Zalcberg, 2007, p. XIII).

## 5 Considerações finais

Iniciamos esta pesquisa com a intenção acompanhar o raciocínio e elaboração de Freud, ao longo de sua produção teórica, a respeito do tema proposto: a homossexualidade feminina. Por não ser possível abordar toda a obra freudiana, optamos por selecionar alguns textos, capitais para a nossa temática, em três diferentes momentos cronológicos de sua produção.

Assim, escolhemos seguir seu raciocínio e acompanhar suas elaborações, colhendo os principais pontos e dificuldades teóricas, propondo-nos, também, a relativizá-las a partir da leitura de outros autores, demonstrando, por um lado, algumas limitações e, por outro, as possibilidades de avanço que se produziram a partir do legado freudiano.

Sobre a escolha dos textos, do primeiro momento da obra freudiana selecionamos os dois mais importantes textos dessa temática: os *Três Ensaios...* e o *Caso Dora*, ambos publicados em 1905. A seguir, demos um salto temporal e abordamos alguns textos metapsicológicos, publicados entre 1914-15, e também alguns textos publicados na década de 1920 que demonstram a virada teórica, tanto no que diz respeito a passagem da primeira para a segunda tópica como também, no que diz respeito ao entendimento acerca da sexualidade feminina. Por fim, abordamos dois dos mais importantes textos acerca da sexualidade feminina, já da década de 1930.

Por ter seguido de perto e mergulhado no pensamento freudiano, entendemos que correlacionar a homossexualidade feminina com a feminilidade era fundamental para compreender suas formulações. E assim fizemos.

Antes de nos dedicar a escrever sobre a obra freudiana propriamente dita, fizemos uma breve contextualização histórica sobre qual mulher teorizada por Freud e o que se pensava e teorizava sobre as homossexualidades no período em que o autor começou sua clínica e fundou esta nova forma de entendimento dos fenômenos humanos, cuja foco inicial foi a histeria, na época, entendida como uma doença feminina.

Tomando como fonte principal os textos de Kehl (2016), Molina (2011) e Klipan (2015) buscamos nestas referências entender que mulher era essa e o que caracterizava o universo feminino neste momento histórico. Conhecemos um pouco sobre a mulher burguesa, vitoriana, moderna, do final do século XIX e início do século XX, na Europa pós-revolução francesa e industrial.

A passagem para a modernidade trouxe consigo uma nova forma de organização social, que teve forte influência e modificou intensamente a forma com que as famílias eram formadas. Com a dissolução do sistema de castas, a sociedade tornou-se muito mais maleável e sujeita a

modificações. Surgem então as classes sociais, juntamente com o modelo de família nuclear, fundada na instituição do casamento, realizados, em sua grande maioria, com o intuito de manter o poder financeiro das famílias, sujeito ao risco de perdas. O surgimento do ideal do amor romântico, curiosamente, é contemporâneo a essa nova configuração social (Kehl, 2016).

Homens e mulheres passam a ter funções diferentes dentro do casamento. Coube à mulher, peça fundamental na organização familiar, zelar e cuidar da família, sob a supervisão e controle do marido. Ao homem, cabia cuidar do provimento da família e, desta forma, somente ele tinha acesso ao mundo público; a mulher ficava restrita ao âmbito privado (Kehl, 2016).

Considerada, desde a Idade Média, como perigosa, a sexualidade da mulher continuou a ser um risco para si, para os homens, para as famílias e para a sociedade. Às mulheres era ensinado o recato, o pudor e a vergonha, assim como a submissão aos homens, na intenção de garantir intacta sua vida conjugal, sustentando, ao mesmo tempo, a virilidade do marido (Kehl, 2016).

Outra característica marcante deste momento histórico é o atrelamento da sexualidade feminina com a maternidade. Como afirma Kehl (2016), se até o século XVIII os filhos não tinham muito valor para suas mães, após o surgimento desta nova configuração familiar passaram a ter um lugar de suma importância para as famílias: tornaram-se os depositários dos ideais de seus pais. E assim, a maternidade além de ser um recurso para manter a sexualidade da mulher restrita, protegendo, desta forma, a instituição do casamento, ser mãe também passou a ser interessante para as mulheres, visto que os filhos passam a ter um valor narcísico e, portanto, uma possibilidade de experimentar gozo e satisfação através deles.

Kehl (2016) ressalta que não é propriamente seu lugar dentro do casamento, a vida privada ou a maternidade que seriam problemáticos para as mulheres, mas podem se tornar, quando à mulher não é autorizado seu acesso a outros campos, outros lugares sociais e outras modalidades de expressão sexual.

É por isso que Klipan (2015) se refere ao alto preço que pagaram e ainda pagam muitas mulheres que se arriscaram a sair desta condição. Ainda hoje são impostas muitas restrições às mulheres: na mobilidade, sexualidade, carreira profissional e renda.

Molina (2011) afirma que mesmo que muitas restrições sejam impostas, as mulheres nunca foram tão dóceis e submissas quanto os homens gostariam que elas fossem. Já na época de Freud, as histéricas, com seus sintomas e atuações, ensaiavam outros lugares. A resposta histórica era um grito de liberdade que perturbava o pátrio poder.

Esse grito, este pedido de ajuda expresso no sofrimento histórico não foi ouvido pela medicina da época. Freud foi pioneiro e ofertou sua escuta, retirando estas mulheres do campo da loucura, da degenerescência, reconhecendo nelas um saber – saber este que permitiu com que ele construísse sua teoria e fundamentasse sua nova forma de clinicar.

A partir do reconhecimento da sexualidade enquanto etiologia da histeria, Freud construiu sua teoria do inconsciente, das pulsões e da constituição do psiquismo. Dono de uma sensibilidade e sagacidade ímpares, Freud inaugurou não somente uma nova teoria e clínica, mas uma nova forma de pensar a subjetividade humana, rompendo com a lógica cartesiana, propondo que o eu não é o senhor de sua casa, e que, na realidade, é habitado e governado por desejos sexuais inconscientes.

Sempre vanguardista, Freud vai, cada vez mais rompendo com o saber médico instituído. É fato que algo dos primórdios de sua formação médica restou e encontramos, em toda sua produção, resquícios desta forma de pensar, contudo, se apresentando sempre em oposição, destoando de suas formulações, como é o caso das contradições entre seu posicionamento diante das homossexualidades.

Justamente por estar na vanguarda, se posicionou contrário às ideias da sexologia da época. A partir de sua, recém-inaugurada, teoria das pulsões pôde contrapor dois posicionamentos distintos acerca das homossexualidades. Primeiro, aquele em que as pensava como uma degenerescência, que levava a uma criminalização das ditas inversões sexuais e também, de qualquer outra prática sexual que se desviasse no fim reprodutivo (Freud, 1905b/1996; Ceccarelli e Franco, 2010, Vieira, 2009).

Baseada no entendimento de que a sexualidade humana seria regulada por instintos sexuais, cuja finalidade é a reprodução da espécie, qualquer forma que divergisse deste fim era considerada patológica e perversa, acarretando, muitas vezes, na sua criminalização.

Outra forma de pensar as homossexualidades era aquela que as entendiam como uma disposição inata. Já constituía um avanço em relação à primeira, visto que naturalizava estas manifestações, mas, apesar de ter como intenção descriminalizar as homossexualidades, acabava, ainda assim, por propor um entendimento patologizante, justamente porque, se pensava que estas manifestações sexuais compareciam nos sujeitos juntamente com outras afecções mentais (Paoliello, 2013; Roudinesco, 2013, Vieira, 2009).

Freud (1905b/1996) apresenta a sexualidade infantil polimorfa-perversa, cuja origem não reside no instinto e sim do encontro com o Outro materno que, ao prestar os cuidados necessários à sobrevivência do pequeno infante, erogeniza e funda um corpo pulsional. Assim, o corpo de que se trata em psicanálise não é um corpo no seu sentido orgânico, anatômico, é o

corpo erogenizado, banhado pela linguagem, que o desnaturaliza – a pulsão sexual é referida a linguagem (Garcia-Roza, 1997, 2000).

A partir deste entendimento, qualquer parte do corpo pode se tornar uma zona erógena. Ao contrário do instinto que possui um objeto atrelado a sua satisfação, no campo pulsional há uma infinidade de objetos que podem servir à satisfação sexual, o que impede, de saída, qualquer entendimento que pudesse haver algum tipo de objeto que garantiria uma satisfação sexual “normal”, ou seja, não há nenhum parâmetro para que se considere uma modalidade de satisfação como ideal e que fundasse, a partir disso, uma norma. A grande contribuição de Freud, neste sentido, é a de que, a partir da teoria das pulsões, não seria mais possível normatizar a sexualidade humana.

Entretanto, aqui reside um dos pontos de conflito dentro da obra freudiana. Mesmo que tenha cunhado o conceito de pulsão sexual, com toda a complexidade que ele guarda, Freud ao longo de sua obra, não deixou de demonstrar um certo apego a um posicionamento desenvolvimentista, através da ideia de que pudesse haver, ao final da constituição humana, um primado genital heterossexual. É por isso que muitos autores, como Prates (2001), afirmam que esta é uma marca de seu tempo histórico e de seu apego às ciências naturais, mas que sua teoria, justamente, vai em outra direção, pois é muito mais complexa e vai muito além de um pensamento desenvolvimentista.

Com relação às homossexualidades, desde 1905 se posicionou contra sua patologização. Apesar desta contribuição, como tomou emprestada e utilizou as mesmas categorias da sexologia da época para pensar a homossexualidade, seus escritos deram margem a leituras equivocadas e acabou contribuindo, de certa forma, para a propagação de um ideal de heterossexualidade (Maurano, 2013; Vieira, 2009).

Vieira (2009) não deixa de notar que Freud sempre ressaltou os aspectos normais e naturais da homossexualidade, sem recorrer à patologização. Apesar de nunca ter sido um militante em favor da causa dos homossexuais, acabou, inclusive, atuando em favor da mudança das leis que criminalizavam a homossexualidade na Alemanha e na Áustria.

Quanto a especificidade da homossexualidade feminina, contudo, passou muitos anos sem se dedicar ao seu estudo. Reconheceu e responsabilizou-se por essa falta. A publicação de *A psicogênese de um caso de homossexualismo em uma mulher* (Freud, 1920/1996) é um marco na obra freudiana, não apenas neste sentido, mas também, como afirmou James Strachey, editor das obras completas de Freud, um marco na mudança na sua leitura da constituição sexual das meninas.

Até 1920, Freud pensava que a constituição sexual dos meninos e das meninas eram equivalentes. Apesar de, desde 1905, reconhecer a importância da mãe para a constituição sexual de crianças de ambos os sexos, enquanto agente que erogeniza o corpo da criança, e saber que a mãe representava, assim, o primeiro objeto para qualquer criança, não conseguia incluir este primeiro momento da constituição no Édipo da menina. Para Freud (1905/1996b), num primeiro momento, o primeiro objeto amoroso da menina era o pai. O caso dos meninos era mais simples.

Nos *Três ensaios...* (Freud, 1905/1996b) afirma que num primeiro momento, a criança, de maneira autoerótica, busca satisfação a partir da estimulação de alguma parte de seu corpo. Neste momento, do narcisismo primário, o mundo externo ainda não é catexizado (Freud 1915/1996).

Quando essa fase do narcisismo primordial cede lugar para a fase objetal, o prazer e o desprazer passam a depender das relações do pequeno ser com os objetos. A mãe, além de agenciadora dos cuidados necessários à sua sobrevivência, cuja função é pulsionalizar o corpo do bebê, consiste no primeiro objeto amoroso para ela. As crianças, de ambos os sexos anatômicos, assim permanecem, até a fase fálica, em que se dão conta da diferença anatômica entre os sexos. A partir deste momento, a constituição sexual toma cursos diferentes.

Após este primeiro momento, passivo, já na primeira infância, a sexualidade das crianças é masturbatória, ativa e dirigida à mãe. No caso dos meninos, se mantém assim ao longo de seu trajeto edípico. Partindo da suposição de que todos os seres possuem um pênis, o menino, ao descobrir a diferença anatômica entre os sexos, resiste em reconhecê-la pensando que o órgão (clitóris) da menina é pequeno e que, portanto, crescerá.

O menino manipula seu pênis por prazer. Freud (1924/1996) afirma que rapidamente vai se dando conta de que os adultos a sua volta não aprovam seu comportamento masturbatório e o ameaçam, direta ou indiretamente, que esta parte de seu corpo lhe será amputada. O menino não acredita prontamente nessa ameaça, mas, a partir da observação e da constatação de que no corpo feminino falta um pênis, a perda de seu pênis se torna imaginável e a ameaça da castração ganha seu efeito.

Na forma clássica e mais simples do Édipo masculino, por medo de perder, pela ameaça da castração o menino sai do Édipo, abandona a mãe enquanto objeto amoroso e erótico, identificando-se ao pai, para num futuro, encontrar um outro objeto amoroso e sexual feminino.

No caso da menina, Freud (1905/1996b), não sabendo como formular as diferenças, pensava que o Édipo da menina se dirigia, desde o início, ao pai e a mãe ocupava o lugar de rival. Por essa razão chegou a afirmar que o Édipo da menina era muito mais fácil e simples do

que o do menino, bastando, para a sua resolução, que a menina adotasse uma atitude feminina e passiva em direção ao pai, identificando-se com a mãe (Freud, 1924/1996).

A partir da década de 1920, Freud começa a reconhecer diferenças na constituição dos meninos e das meninas, entendendo que no caso das últimas há uma complexidade que havia lhe escapado até então. O complexo de Édipo, no caso delas, é secundário e sua resolução depende da maneira como a menina atravessa a fase pré-edípiana e sua entrada na fase fálica (Freud, 1925/1996).

Assim, ao contrário do que pensava, a tarefa da menina é muito mais complicada; ao contrário dos meninos, não é o complexo de castração que coloca fim à sua relação objetal primária com a mãe.

Como mencionamos há pouco, a menina, para Freud (1905/1996b), da mesma maneira que o menino, apresenta, inicialmente uma sexualidade ativa e masculina, cuja zona erógena privilegiada é o clitóris. Ao se dar conta da diferença anatômica entre os sexos, se vê privada do pênis (Freud, 1923/1996a). Ao contrário do menino, que tenta se enganar a respeito do que viu, a menina vê e conclui, de imediato, sua privação e, por isso, é tomada de inveja. O resultado dessa constatação é a instalação do desejo de também possui um pênis, desejo de ser um menino.

Freud (1923/1996a) afirma que durante a fase fálica, a antítese é entre possuir um pênis e ser castrado. A vagina não é considerada como um órgão sexual para as meninas. Portanto, na fase fálica, não se trata de uma primazia dos órgãos sexuais e sim da primazia do *falo*.

Levando em consideração a articulação de Laplanche (1988) acerca do falo, que apresentamos no terceiro capítulo, e também a leitura lacaniana deste conceito, não podemos ler Freud ingenuamente e pensar que a menina inveja o órgão do menino – a menina não deseja o pênis para com ele gozar sexualmente (Zalberg, 2003). A inveja da menina se relaciona à sua interpretação, ao que significa para ela possuir um pênis. Se nas primeiras formulações de Freud (1905/1996a), como afirma Zalberg (2007), ele realmente está se referindo ao órgão masculino, após 1920, como sua formulação da fase fálica, não é possível manter esta mesma leitura. A grande sacada de Freud, quando inclui a importância da fase pré-edípiana na constituição da menina, é justamente o deslocamento e distanciamento entre falo e pênis.

Laplanche (1988) afirma que podemos entender o falo como uma insígnia, que cria uma distinção e que simboliza e marca uma diferença que não existia a princípio, e, portanto, implica numa classificação.

Nasio (1997), no mesmo sentido, afirma que a vida sexual infantil se ordena pelo falo, esse pênis imaginário que está presente ou ausente em alguns seres humanos. Pênis imaginário

porque não se trata do órgão em si, mas sim de sua representação psíquica, que pode ser imaginária ou simbólica.

O pênis, na sua realidade anatômica, por estar investido libidinalmente, existe enquanto falo imaginário. O autor explica que este falo imaginário é aquele do qual a menina nasce desprovida; isto porque, ao corpo da menina não falta nenhum órgão. Já o falo simbólico é este que pode ser inscrito numa série de equivalentes (falo-bebê, por exemplo). É ele que permite e torna possível que o desejo humano deslize de objeto a objeto.

A castração de que se trata, a partir desta leitura, é aquela que incide sobre a relação entre a mãe e seu filho, de qualquer sexo anatômico. Nasio (1997) afirma que, na leitura de Lacan, a castração é o corte que se opera sobre o vínculo narcísico, imaginário, entre a mãe e o filho. O filho, colocado pela mãe no lugar de falo imaginário, identifica-se com ele e com a possibilidade de preencher o desejo materno. É esse o falo que tanto interessa aos meninos e meninas, e é esse que desejam encarnar para suas mães.

Acontece que o desejo materno é insaciável e, portanto, devastador. Zalcberg (2007), retomando Lacan afirma que a mãe pode ser figurada como um grande crocodilo com a boca aberta, preste a engolir a criança. Seria preciso, para não haver seu aniquilamento subjetivo, para que ela não desapareça psiquicamente, nesta relação dual, que algo intervenha a fim de fazer um corte. O agente deste corte, operado entre esta que deseja ter um falo imaginário e este, que deseja sê-lo é, em geral, o pai<sup>23</sup>, que relembra a mãe que o bebê não é seu falo. Assim, ele priva a mãe de seu falo e frustra a criança, a afastando de qualquer pretensão de ser o falo materno.

Em qualquer das duas operações, quer seja na ameaça da castração, quer seja na inveja fálica, trata-se de um corte que incide no vínculo entre mãe e filho e não na criança propriamente dita (Nasio, 1997).

O ato da castração, conforme Nasio (1997), apesar de ser assumido pelo pai, não é realizado por este ser de carne e osso, mas sim, se deve a uma função, a que o próprio pai está também submetido.

Por essa razão que o autor, retoma uma formulação lacaniana de que a castração seria, sempre, simbólica e seu objeto, imaginário (falo). Nas suas palavras: “Isso quer dizer que ela é a lei que rompe a ilusão de cada ser humano se acreditar possuidor ou identificado com uma onipotência imaginária” (Nasio, 1997, p. 38), e assim, a castração é o que funda o desejo sexual,

---

<sup>23</sup> É importante ressaltar que o pai responsável por operar o corte entre a mãe e seu pequeno falo imaginário não é o pai da realidade, na sua existência concreta, mas sim o pai imaginário (Chemama, 1995).

para sempre insatisfeito, pois separa, definitivamente, o sujeito da possibilidade de um gozo absoluto.

Assim, podemos ler a inveja do pênis como inveja fálica, onde a menina supõe que o menino, por possuir um pênis, teria um lugar privilegiado diante da mãe. Segundo Zalcberg (2007), Freud chega à conclusão de que a menina interpreta que sua vinda ao mundo sem o pênis poderia ser a causa de não ter sido suficientemente amada por sua mãe. No imaginário da menina, caso ela possuísse um pênis, não seria castrada e, portanto, seria o falo materno. Nas suas palavras:

O que ficará cada vez mais caro na evolução do pensamento psicanalítico é que na subjetividade feminina a falta de pênis é vivida como possibilidade de falta de amor. A associação entre a falta de pênis e a falta de amor aponta para uma questão que se revela crucial para toda filha: saber qual o lugar que ocupa no desejo da mãe (Zalcberg, 2007, p. 32).

Como afirma Prates (2001), com o deslocamento do pênis para o significante fálico, mantem-se a estrutura da teoria, amplia-se sua significação e resolve o impasse freudiano no que diz respeito a inveja do pênis.

Grant (2002) aborda em seu artigo *Considerações sobre a homossexualidade feminina* a construção que Morel<sup>24</sup> faz acerca dos três tempos da sexualização. O primeiro tempo é dado pela diferença sexual anatômica. Este primeiro será significado a partir do segundo tempo, que é aquele em que essa diferença anatômica será significada pelos outros ao redor da criança. O terceiro tempo implicaria numa escolha subjetiva, em que o sujeito aceitaria ou não o discurso social acerca de seu sexo, do modo como vai gozar do falo.

A autora afirma que: “Ser homem ou mulher é o resultado final de uma interconjugação de fatores em que o próprio sujeito assume parte da responsabilidade por sua posição predominante de gozo e, conseqüentemente, pela escolha da parceria sexual” (Grant, 2002, p. 139).

Kehl (2016), no mesmo sentido, afirma que a primeira inscrição que recebemos ao nascer é se pertencemos ao grande grupo dos homens ou das mulheres. Este é o único ponto, na opinião da autora, em que se pode tomar como verdadeira a afirmação freudiana de que a anatomia é o destino. Ao nascer, a criança é menina ou menino e, ao ser nomeada assim, passa a pertencer a um dos grupos. Pertencer a um deles é carregar consigo uma série de significações de gênero.

---

<sup>24</sup> Morel, G. Anatomia analítica. In: Forbes, J. *Psicanálise: problemas ao feminino*. Campinas: Papirus, 1996. p. 119-170.

Entretanto, estas significações, por mais que existam, não dão conta de definir o que é ser um homem ou uma mulher. Tornar-se homem ou mulher, e, portanto, tornar-se sujeito do próprio desejo, é um trabalho árduo – não basta que tenha um sexo anatômico ou que tenha recebido uma nomeação e significação social. Esta constituição é subjetiva e singular, e se dá no percurso edípico (Kehl, 2016).

Apesar de não termos nos dedicado ao tema ao longo de nossa exposição, podemos comentar que talvez resida neste ponto alguns dos problemas e fragilidades de algumas das teorias do gênero na atualidade, pois estas criticam e pretendem elidir a realidade anatômica (Kehl, 2016).

Todavia, se não podemos desconsiderar o corpo anatômico como parte da constituição sexual de um sujeito isto não implica que estejamos afirmando que a sexualidade humana seja de ordem biológica. A partir da psicanálise, o corpo que está em jogo na constituição subjetiva é este corpo construído a partir das marcas deixadas pelo Outro.

No decurso desta subjetivação do sexo, percebe-se que, embora a anatomia tenha seu peso e a referência ao corpo seja inevitável, ela, por si só não é suficiente para determinar a constituição do ser sexuado do sujeito, homem ou mulher. Há um hiato entre o fato da observação da anatomia e as consequências da forma com que o sujeito elabora esta (Zalberg, 2007, p. 24).

Se Freud (1923/1996a, 1924/1996, 1925/1996) propõe a constituição psíquica a partir da diferença sexual, isso não quer dizer que a sexualidade seja garantida a partir desta diferença. Por essa razão, a leitura lacaniana da teoria freudiana nos é tão cara, pois é uma atualização deste ponto teórico conflituoso na obra de Freud.

Zalberg (2007) afirma que, no decurso da subjetivação do sexo, a anatomia tem o seu peso, mesmo que ela não tenha um caráter de definição da sexuação de um sujeito. Enquanto o menino tem o órgão e também a angústia de castração, a menina estaria livre da angústia de castração, mas, em contrapartida, não tem o órgão. A autora ressalta que, em termos simbólicos, como não se trata do órgão em si, mas do falo, na verdade, nenhum dos dois (menino ou menina) o possuem.

Entretanto, o órgão viril é subjetivado pelo menino como um **eu tenho** e pela menina como um **não tenho**. Essa diferença na subjetivação terá consequências para a forma com que se vivenciará a feminilidade ou a masculinidade. Enquanto os homens estão sempre sobre a ameaça de sua perda, as mulheres, reivindicarão sua presença (Zalberg, 2007).

Nesse processo de subjetivação do sexo, como o falo tem o pênis como suporte imaginário, ele tem uma consistência para o homem. O homem tem um representante

(significante) de seu sexo no inconsciente. Já à mulher falta um símbolo da especificidade feminina. A vagina não tem o mesmo valor enquanto suporte imaginário para representar o sexo feminino no inconsciente. Assim, não havendo um representante de seu sexo no inconsciente no qual a menina pode se ancorar, ela estará sempre tendo que lidar com esta falta. O que faz Zalcberg (2003) concluir que não é a anatomia que importa à menina, mas sim, a forma com que ela é subjetivada.

Como trabalhamos no terceiro capítulo, esta autora propõe que a menina não deseja um pênis para gozar através dele, enquanto órgão, e sim, porque julga que se o tivesse, seria mais amada. Gostaria de tê-lo para se assegurar do amor do Outro.

É por não ter a segurança de um significante que defina seu sexo que Zalcberg (2007) afirma que a mulher é mais dada ao amor. É pela via do amor que a mulher tenta suprir esta falta de consistência de seu corpo. Voltaremos a este ponto.

Retomando o conceito de inveja do pênis em Freud, ele notou que a mágoa da menina em relação à mãe por tê-la colocado no mundo desprovida de pênis não seria suficiente para operar a separação entre ambas, para assim proporcionar a virada de objeto da mãe para o pai. Segundo Zalcberg (2003), foi esta a pergunta que Freud passou a tentar responder na década de 1920 e a partir dela que formulou seus últimos textos na década de 1930. A conclusão a que ele chega é que o único fator capaz de operar esta separação é a descoberta da castração materna, que põe fim a sua intenção da menina de obter um pênis (falo). Assim, só restaria e ela, virar-se para o pai.

Ao contrário dos meninos em que o complexo de castração e a conseguinte angústia que ele provoca põe fim à vivência edípica, Freud (1925/1996) afirma que nas meninas o complexo de castração é o que as insere nesta problemática.

Neste ponto se situa uma complicação extra que a menina tem que enfrentar. Freud considera o complexo de Édipo no menino como um primeiro estágio de sua constituição sexual sobre o qual o complexo de castração coloca um fim, através do recalçamento. O superego é a instância que viria a substituí-lo. André (1987) ressalta que esta seria a forma ideal do fim do Édipo no menino, caso a neurose e os sintomas não viessem acompanhando este processo.

Na menina, o Édipo é secundário à fase pré-edípica e se inicia com o abandono da mãe enquanto objeto amoroso e nesta virada para o pai que acabamos de mencionar. É pela via do complexo de castração e da sua consequência, a inveja do pênis, que se abre o caminho para o complexo de masculinidade na menina. André (1987) afirma que a forma com que ela trilhará este caminho deixará consequências tanto na forma com que a menina considerará seu primeiro objeto de amor (a mãe), como também seu próprio corpo.

Freud (1931/1996;1933/1996) nota que, na problemática feminina, a virada ao pai não deixa de ser, sempre, uma forma de retorno à relação primária com a mãe. Da mesma maneira, a menina não renuncia completamente ao pênis, pois ao se virar em direção ao pai, o que busca é um equivalente fálico. Na passagem do pênis ao filho não há uma alteração de significado, não há surgimento de uma nova significação.

Na impossibilidade de ser o falo materno, a menina passa a querer tê-lo, e por isso deseja receber um filho, simbólico, do pai. Para Zalcberg (2007), a menina só começa a amar o pai por causa do falo. Assim, para a mulher, a busca do falo se enlaça na busca do amor – da mãe para o pai, do pai para o homem. E nessa busca, acaba por se voltar à mãe. É dela que a filha pode colher sua identificação feminina. Desta forma, o medo de perder o amor é, para a menina, tão importante quanto a angústia da castração para os meninos.

A partir dessas considerações pode-se relativizar a proposição de Freud (1914/1996) acerca da escolha amorosa nas mulheres, como apresentamos no segundo capítulo. Para ele, as mulheres seriam mais dadas a serem amadas do que a amar, privilegiando sempre o tipo de escolha narcísica. Levando em consideração o deslocamento realizado do pênis ao significante fálico, e toda a dimensão fálica descrita por Zalcberg (2007), a teoria acerca do tipo de escolha amorosa da mulher ganha fundamentação teórica e se despe do possível caráter pejorativo que poderia ter na obra freudiana. O amor torna-se, desta forma, uma forma da mulher garantir uma identidade.

Tendo em vista todo o resgate teórico que fizemos até aqui, apresenta-se muito pertinente o comentário de Zalcberg (2007) quando afirma que, para Freud, a mulher feminina é uma mulher fálica, que ama e goza a partir da lógica fálica. No entendimento da autora, Lacan é o autor que irá pensar num mais além do falo como uma condição da feminilidade (Zalcberg, 2003).

Zalcberg (2007) afirma que a identificação ao pai, ou seja, a identificação viril, tem como função separar o filho (tanto menino quanto menina) da mãe. É essa identificação, com as insígnias paternas, que permite à criança deixar o lugar de objeto do desejo da mãe para construir seu próprio desejo, adentrando ao campo da neurose.

Se, para o menino, esta passagem é definitiva, a menina fica sujeita a restos dessa primeira ligação com a mãe, que continuam a ter efeito sobre sua subjetividade. Se o menino sai do Édipo com uma identificação viril, a menina pode manter-se nesta identificação ou ir em busca de uma identificação feminina.

Assim, Freud (1931/1996) afirma que o núcleo das neuroses, ao menos nas mulheres, estaria na fase pré-edípica. A dificuldade extra que a menina possui na constituição de sua

feminilidade se deve a um conflito pois, o momento em que a menina precisaria se identificar à mãe é o mesmo em que ela mais a hostiliza. Para Freud (1931/1996; 1933/1996), como sua relação com a mãe é ambivalente, permeada de muito amor, mas também de muito ódio, esta ambivalência pode impedir a menina de assumir uma posição feminina e passiva diante do pai.

Acompanhando o raciocínio freudiano, a partir da entrada na problemática edípica, a menina poderá sair por uma das três vias propostas por Freud (1933/1996): a feminina, a masculina ou a inibição.

Não nos dedicamos, ao longo de nossa exposição, à saída pela via de uma inibição, apenas apontamos que esta seria aquela em que, a partir da comparação do seu corpo com o do menino, a menina, humilhada, acabaria por abandonar sua sexualidade fálica e sua masculinidade infantil e, com isso, abandonaria sua sexualidade como um todo (Freud, 1933/1996).

Quanto a saída pela via da feminilidade, a qual muito nos dedicamos, é aquela na qual a menina, magoada e ressentida com a mãe, se dirige amorosamente ao pai, de maneira a conseguir dele o falo que a mãe lhe recusara. Por equivalência simbólica, a menina substituirá, caso elabore minimamente seu complexo de masculinidade e a inveja do pênis, o desejo de ter um pênis pelo desejo de ter um bebê. Esse deslocamento é, para Freud (1933/1996), um avanço: de um desejo masculino para um desejo feminino.

André (1987) afirma que neste ponto reside uma fragilidade do raciocínio freudiano, quando ele atrela a feminilidade com a maternidade. Na opinião do autor, para Freud, o filho seria o significante da identidade feminina e a clínica psicanalítica não sustenta este raciocínio.

Como afirmamos anteriormente, no mesmo sentido, Zalcberg (2007) afirma que a mulher na teoria freudiana é, mesmo aquela que escolhe a via feminina, uma mulher fálica, isto porque, no deslizamento simbólico pênis-bebê-homem, ela se satisfaz, deseja e ama a partir e em função do falo.

Segundo a autora, apesar de ser uma característica marcante do momento sócio-cultural no qual Freud estava inscrito, e que, portanto, esta teoria seria fruto de um preconceito, é por não conseguir se desatrelar da mulher fálica que Freud não via outra possibilidade para a feminilidade que não a maternidade, e, neste sentido, se deve a uma limitação teórica e não apenas a um preconceito.

Para Zalcberg (2007), se a saída pelo **ter** realmente solucionasse a questão feminina, as mulheres na atualidade estariam muito mais próximas de uma resolução, pelo menos aquelas que alcançam sucesso profissional, influência, dinheiro e todos esses substitutos imbuídos de

valor fálico na nossa sociedade. Na opinião desta autora, a grande questão feminina não reside no ter e sim no **ser**, e neste sentido, o caminho a percorrer nesta busca é singular.

Assim, Zalcberg (2007) nos faz notar que apesar de Freud apresentar a saída pela maternidade como a via feminina, ele não deixou de apresentar que o amor em si é fálico para a mulher e que, por isso, ela teme perdê-lo. Mesmo sem desenvolver este ponto da sua teoria acerca da feminilidade, ele deixou pistas que os pós-freudianos puderam percorrer, entre eles, Lacan. Este autor consegue, baseado na teoria freudiana, separar o que Freud havia unido – a feminilidade e a maternidade.

Voltando a Freud (1933/1996), a partir desta saída seria possível a menina fazer três mudanças: a mudança de zona erógena, do clitóris para a vagina, a fim de que o primeiro transfira a excitabilidade para a última; a mudança de objeto amoroso da mãe ao pai e, futuramente, após findar o drama edípico, o pai, dessexualizado, seria substituído por um outro homem; e, também, uma mudança na modalidade de satisfação pulsional, da atividade, entendida por Freud (1933/1996) como masculina, recorrendo majoritariamente a fins passivos.

Como afirma André (1987), nesta passagem pelo Édipo, esta troca de sexo a que Freud se refere não significa uma mudança da identificação sexuada (como ele relata no caso da jovem homossexual), mas sim ao abandono da exclusividade do gozo clitoridiano, privilegiando o gozo vaginal. O autor afirma que Freud (1933/1996) não ignorou que, assim como a mãe continua a ter função na constituição da menina, o clitóris também mantém a sua função. Da mesma forma que o pai não substitui completamente a mãe, a vagina e o gozo vaginal não substituem o gozo clitoridiano, mas acrescenta-se a ele.

Nesse processo, todas essas modificações, não tem nada de natural. Pelo Édipo da menina não ser resolvido pelo complexo de castração como no caso do menino, sua saída do complexo de Édipo é gradual e demanda um árduo trabalho. André (1987), seguindo Freud na *Conferência* de 1933, afirma que a menina, no início, é um menino, e por essa razão que, para Freud, a feminilidade é um vir-a-ser. Uma mulher seria fabricada após um longo trabalho psíquico; e, por isso, muitas mulheres permanecem, no plano psíquico, como homens.

É justamente isto que encontramos em nossa leitura quando Freud (1923/1996a) afirma que a forma simples do complexo de Édipo não é a mais comum e que a passagem pelo Édipo é muito mais complexa e complicada, devido à disposição bissexual na criança, que repercute diretamente na relação, ambivalente, da criança com seus objetos amorosos e dificulta, mais ou menos, dependendo da forma como for experimentada, a construção de suas identificações.

André (1987) salienta que, para a menina, a mãe se apresenta como um objeto de amor e, portanto, um Outro e também como um polo de identificação, ou seja, um outro (semelhante).

Ele explica que se, para o menino, esta dupla da natureza da mãe se cinde pela entrada do pai, quando a identificação passa para o lado paterno e a mãe se mantém apenas como objeto amoroso, no caso da menina, a identificação com a mãe seria a condição pela qual seria possível não mais tomá-la como objeto amoroso.

Entre a mãe e a filha incide a dialética da atividade/passividade. Desde o primeiro momento da vida de um pequeno ser, em sua relação com a mãe, a criança experimenta satisfação pulsional passivamente. André (1987) nomeia como *reação à passividade*, a busca ativa da criança, ou seja, por si própria, do que experimentou anteriormente de forma passiva. Esta revolta contra a passividade representa, para André (1987), um desejo de separação. No contexto em que Freud propõe no texto de 1933, esta oscilação entre atividade e passividade equivaleria, para o autor, a uma oscilação entre ser objeto da mãe e tomar a mãe enquanto objeto, ou seja, entre ser objeto do desejo e sujeito de seu desejo.

Nas palavras do autor: “é só ao retirar-se da posição de objeto do Outro, de objeto da mãe, que a menina pode assegurar sua posição de sujeito, a partir da qual é o próprio Outro que se torna seu objeto” (André, 1987, p. 186).

Assim, segundo André (1987), saindo da posição de objeto da mãe, tornando-se sujeito, a menina se afastaria de sua feminilidade, visto que para Freud, atividade e masculinidade se equivalem. Desta forma, para se tornar um sujeito, a menina precisa tornar-se masculina.

Aqui aparece um novo impasse. Como acabamos de mencionar, para sair da condição de objeto da mãe a menina precisa tornar-se ativa e, portanto, masculina, entretanto, para ser feminina, precisa conservar uma boa dose de passividade em direção ao pai. É por isso que: “os caracteres da relação pré-edipiana jamais são verdadeiramente eliminados, e estão sempre prontos a voltar à tona” (André, 1987, p. 187).

André (1987), seguindo Freud, nos faz pensar que sua pergunta deveria ter sido – “Como uma menina deixaria de ser homossexual? ” e não: “Como uma menina torna-se feminina? ”. Isto porque a marca deixada pelo Édipo, pela separação entre corpos operada pela castração, conduz a uma posição masculina e lhe apontando a via homossexual.

Se a saída via feminilidade é aquela que abdica de uma busca direta do falo, a saída homossexual é aquela que permanece ligada, pelo complexo de masculinidade, à esta busca direta. A saída homossexual é aquela em que a menina se agarra à atividade masturbatória e se refugia numa identificação com a mãe fálica ou com o pai (Freud, 1931/1996; 1933/1996).

Esta saída consistiria numa manutenção da esperança de que ela poderia sim receber um “pênis” ou um falo. Desta forma, a menina mantém sua masculinidade e a fantasia de que

poderia sim ser um homem. Esta é a escolha que pode levar uma mulher a uma escolha de objeto homossexual (Freud, 1931/1996; Zalcberg 2003).

Freud (1920/1996) faz questão de notar, contudo, que a homossexualidade feminina não decorre de um prolongamento direto da masculinidade infantil, mas sim, que é posterior e implica numa **regressão**, a partir de uma decepção com o pai. Contudo, essa decepção com o pai não seria, para ele, uma exclusividade da menina que se torna homossexual; o mesmo pode acontecer com aquelas que se tornam heterossexuais. Neste ponto, Freud não deixa claro as razões que levariam a cada uma dessas diferentes escolhas objetais.

Já nos referimos anteriormente ao fato de que Freud (1920/1996) assumiu que a homossexualidade feminina estava sendo negligenciada pela psicanálise. Foi apenas com a publicação de seu celebre caso da jovem homossexual que ele pôde apresentar este tema.

O fato da homossexualidade feminina ter sido deixada de fora da teorização psicanalítica por tanto tempo não seria uma exclusividade ou algo restrito a uma impossibilidade ou uma resistência própria de Freud. Dunker e Barbero (2010) nos informam que esta característica, de certa invisibilidade, é muito própria da homossexualidade feminina. Maurano (2013) sustenta que tal característica se deve à sua gênese, por se derivar diretamente da relação mãe-filha, guarda em si um aspecto de maior naturalidade. Para esta autora, se houve e ainda há um silêncio em relação a ela, este se deve a um silêncio maior, que diz respeito ao universo feminino em geral.

A homossexualidade, a partir de 1920 passa a ser não apenas uma possibilidade inscrita no Édipo da menina, mas, também, um elemento que faz parte do complexo – a atitude masculina diante da mãe. Esta constatação faz André (1987) afirmar que a homossexualidade feminina é uma questão estrutural nas mulheres, um elemento presente em sua constituição que impede qualquer possibilidade de pensá-la como uma perversão.

Ao longo de nossa exposição, trabalhamos dois dos mais importantes casos de Freud, em que aparece a questão da homossexualidade feminina. O primeiro deles, o caso Dora de 1905 e o segundo, o da jovem homossexual de 1920. Pudemos concluir que apesar de Freud mencionar a homossexualidade em ambos os casos, não se trata da mesma questão para essas duas jovens.

Qual seria a diferença entre Dora e a jovem homossexual para Freud? Será que ele conseguiu esclarecer as diferenças e possíveis aproximações da homossexualidade descrita nos dois casos?

Em 1905, Freud já havia se dado conta do amor homossexual que Dora nutria pela Sra. K, mas ele não tinha elementos teóricos para pensá-lo fora do campo de uma inversão (termo

utilizado por ele na época) de objeto sexual. Por essa razão pensou, realmente, que Dora fosse uma moça homossexual (Freud, 1905/1996a; Zalcberg, 2007).

O caso da jovem homossexual apresentado 15 anos após, como afirmamos anteriormente, propiciou os elementos necessários para que ele repensasse toda sua teoria acerca da constituição sexual na menina, dando a devida importância à fase pré-edipiana de intensa relação com a mãe, e assim, esclarecesse muito sobre esse aspecto homossexual que pode estar presente em qualquer mulher, homossexual ou não.

Já articulamos que se a Freud foi impossível reconhecer a real importância da ligação de Dora com a Sra. K, foi Lacan quem pôde, relendo sua obra, entender que o amor homossexual dessa jovem histérica por ela representava apenas um caminho para tentar responder ao enigma da feminilidade.

André (1987) afirma que a histérica, por manter-se fálica, aborda a sexualidade à maneira do homem. Ela fica privada de uma identificação feminina, o que tem por consequência que colocar-se como objeto da fantasia de um homem torna-se impossível a ela; ela “só pode se ver reduzida ao estatuto abjeto de objeto de consumo entregue à perversão do macho” (p. 112-113). Essa é a razão de sua recusa ao encontro sexual com um homem.

O autor deixa claro, porém, que a histeria a que se refere não é aquela coleção de sintomas neuróticos e sim, uma maneira de se colocar diante da problemática da sexualidade feminina. Fala, portanto, de uma estrutura histérica.

Zalcberg (2003) afirma que a primeira vez que Freud se deu conta do jogo de trocas simbólicas a que uma mulher pode se submeter foi no caso Dora. A jovem encobriu o caso amoroso de seu pai com a Sra. K por acreditar que ocupava um lugar nas trocas simbólicas entre o casal. Por essa única razão que aceitava as investidas do Sr. K, na intenção de obter algum acesso ao mistério da feminilidade, fato não reconhecido por Freud e que causou o fim prematuro da análise de Dora. Quando o Sr. K confessa que a Sra. K não representa nada a ele, Dora dá-se conta de que estava sendo oferecida, por seu pai, como um objeto e que, portanto, não representa nada para ele. Não fazendo mais parte deste sistema de trocas entre o casal, Dora se rebela e deixa de sustentar o caso amoroso do pai.

Zalcberg (2007) nos dirá que essa tendência, entendida como homossexual por Freud, presente na histeria, é uma busca, através da outra mulher, do encontro com sua própria feminilidade. Era por ser objeto do desejo de seu pai que a Sra. K interessava tanto à Dora. E neste sentido, esta tendência na histeria não é o mesmo que a homossexualidade. Diferente de uma mulher homossexual, o desejo de Dora era dirigido a um homem e a mulher (Sra. K), era apenas um desvio, mas que a levava na mesma direção.

André (1987) afirma que a histérica tenta, na sua devoção ao pai, identificar-se com uma imagem feminina e, nesta tentativa, pode ser que se esbarre em sua própria impotência ou que se apaixone por uma outra mulher, que lhe serviria como imagem da feminilidade que lhe é inacessível. “A tal ponto que quando a histérica consegue capturar, a nível imaginário, pelo menos, o que lhe parece ser um signo da feminilidade, é ao preço de perder seu uso frente aos homens e engajar-se numa irremediável homossexualização de sua vida amorosa” (André, 1987, p. 113).

A posição de Dora em relação à Sra. K. é muito diferente daquela apresentada pela jovem homossexual. Para Freud (1920/1996), Sidonie tinha perante sua amada uma atitude masculina, de supervalorização do objeto sexual feminino e dirigia a ela um amor do tipo cortês.

A relação com o pai também é um aspecto fundamental no caso da jovem homossexual. A identificação viril, que tanto o menino quanto a menina recebem do pai, nomeada por Freud como complexo de masculinidade, teve forte influência na jovem. Isto porque, ela fez um retorno em seu Édipo, em direção contrária à feminilidade.

André (1987) afirma, apoiado em Freud, que a homossexualidade não é, simplesmente, derivada do complexo de masculinidade; ela se apoia fundamentalmente numa fixação na mãe, esta que já apresentamos como primária em relação à paterna, e cujo amor ao pai é uma derivação.

O autor salienta que, no caso da jovem homossexual, a dama à qual Sidonie dirigia sua devoção não era o primeiro objeto de interesse da jovem. Seu desejo, inicialmente, estava dirigido ao pai, naquilo que Freud (1920/1996) nomeava de atitude normal edípica – a menina havia deslocado sua inveja do pênis para o desejo de ter um bebê – depois disso é que passou a se interessar por mulheres maduras, justamente após a gravidez de sua mãe e da chegada de seu mais novo irmão.

“A libido da jovem voltou-se então, primeiramente para a maternidade e a partir da gravidez de sua mãe ela se tornou homossexual” (André, 1987, p.162). A dama adorada correspondia tanto a um ideal feminino quanto a um ideal masculino (devido sua semelhança com o irmão mais velho). Assim, como já afirmamos anteriormente, havia duas direções em seu desejo: uma homo e uma heterossexual.

André (1987) afirma que é deste ponto que deriva a separação elaborada por Freud entre a identificação sexual do sujeito, seja ela masculina ou feminina e a escolha de objeto. No caso da jovem, as duas vertentes são dirigidas à mãe. “Ela é ao mesmo tempo o que dirige a identificação sexuada da moça e o que encarna o objeto de sua escolha amorosa. (...) Quanto ao

pai, ele parece antes afastado para o papel de personagem secundária, da testemunha diante dos olhos se ata a relação entre duas mulheres” (André, 1987, p. 163).

Quando o pai dá o bebê, na realidade, à mãe, a jovem se afasta dele e assim, rejeita, numa só tacada, o amor pelo homem, o desejo de ter um filho e o papel feminino, devotando seu amor para um substituto materno. Para Freud (1920/1996) a jovem trocou sua identificação sexuada, tornando-se um homem e o objeto de amor – do pai à mãe.

Segundo André (1987), Freud toca discretamente na razão para esta virada, tanto no que diz respeito a identificação quanto em relação ao objeto, relacionando-a com a ambivalência existente, desde o início da vida da menina, em relação à mãe. No caso da jovem, a revivescência do amor materno tem a função de supercompensar a hostilidade que a jovem lhe dirigia no momento (gravidez da mãe).

Sobre este amor primário à mãe, André (1987), baseado em Freud, afirma que é tão mais sólido quanto mais se alimenta do narcisismo, podendo inclusive, a mulher identificar-se com seu objeto amado e assim, nivelar e restringir a separação entre a identificação e a escolha de objeto sexual.

No caso da jovem homossexual, esse amor à mãe retorna transformado, se antes ela estava identificada à mãe e amava o pai, no segundo momento, identifica-se com o pai para amar a mãe. Há uma inversão dos papéis de amado e amante. Ela torna-se homossexual para desafiar o pai.

Além disso, há uma outra modificação, do tipo de amor dirigido à dama – aparece o amor cortês, que intencionava salvar a dama de sua má reputação. “Assim, a jovem passa do papel de amada ao de amante, que mantém o mesmo enunciado: “a mãe é amada pelo pai” (André, 1987, p.166).

Para André (1987): “Deve-se, pois, concluir que a gravidez da mãe, se pode ser considerada como o *fator desencadeante* da homossexualidade manifesta da jovem, não pode, porém, ser considerada como uma *causa*” (André, 1987, p. 168).

Em sua argumentação, Freud (1920/1996) retoma o fato da homossexualidade da jovem ter iniciado antes da adolescência. Na sua infância, ao mesmo tempo em que se colocava na posição clássica do Édipo, a menina apresentava indicadores de uma posição homossexual (apaixonada pela professora). Para além do pai, Freud conclui que a homossexualidade da jovem tinha como causalidade uma continuidade direta e não modificada da relação primária com a mãe (Zalberg, 2003). André (1987) salienta que a menina tinha, desde a infância, escolhido a via do complexo de masculinidade.

Assim, no caso da jovem homossexual há uma mudança de posição depois da gravidez da mãe. Ao invés de ser aquela que esperava um filho simbólico do pai, ela passa a ocupar o lugar daquela que oferece – o que ela oferece é o seu amor à dama, a ama, segundo os moldes do amor cortês, ou seja, pelo que ela não tem.

Recolhemos no texto de Zalberg (2007) um comentário acerca do amor cortês que converge com a descrição do amor da jovem homossexual à dama de má reputação. Nas palavras da autora:

Há um estratagema presente no amor cortês que, pondo o objeto entre parênteses através da experiência de abstinência, aviva o desejo e canta loas do objeto artificialmente posto à distância. O amor cortês, a alquimia que metamorfoseia a mulher em Dama exaltada, é a do amor como sublimação do desejo (Zalberg, 2007, p.XII).

Assim, a jovem homossexual abandona a forma feminina de amar e passa a amar à maneira masculina, amando a dama pelo que ela não tem – o falo. A jovem mantém sua identificação viril e dirige seu amor a um objeto feminino.

André (1987) faz comentários no mesmo sentido quando afirma que a histórica quer ter o falo, aquele do qual ela se descobriu privada, não apenas no sentido de uma compensação, mas sim, por aquilo que ele não pode lhe dar, uma identidade feminina. Numa tentativa de se defender do enigma do que é ser uma mulher, de se defender deste furo que carece de um significante que o determine.

É por esta razão que o autor menciona que mais do que buscar satisfazer o desejo, a histórica busca reconhecimento e, é justamente por isso, que se orienta mais em direção ao amor do que ao gozo sexual, mantendo o parceiro, e aqui podemos incluir também a parceira, num nível idealizado. “Fazendo isso, a histórica é transportada em direção a um modo de desejar análogo ao amor cortês, do lado do homem, tendo por ganho que o sexo do objeto do qual ela se apossa pode bem ser indeterminado” (p. 120). Desta forma, mantém seu desejo insatisfeito.

Assim, torna-se muito interessante o comentário de Zalberg (2003) sobre o caso da jovem homossexual, quando esta afirma que a mãe interessava a jovem porque ela consistia no objeto de desejo do pai e, mais ainda, esta mãe, jovem e bonita, queria com ele uma relação de exclusividade - a proximidade dos dois, pai e filha, lhe causava ciúmes. Assim, o casal parental tinha uma relação fechada e a jovem ficava de fora da circulação do falo. A escolha da dama como objeto amoroso era a forma com que a jovem elevava e recobria de brilho fálico o objeto-objeto (seu lugar no drama edípico).

André (1987) afirma que a menina pode se identificar ao pai sem que com isto ela eleja um objeto amoroso homossexual e que, portanto, torne-se uma mulher homossexual. Neste

ponto, pensamos que confluem tanto Dora quanto Sidonie, na identificação viril com o pai, entretanto, elas fazem escolhas objetivas diferentes.

André (1987) afirma que Freud não consegue explicar o que poderia retirar a menina do seu complexo de masculinidade e, por isso, afirma que a feminilidade fica sempre exposta a uma possível retomada da masculinidade primitiva da menina.

Freud (1931/1996, 1933/1996) não resolve o impasse acerca da feminilidade no final de sua obra. Como atrela a feminilidade à maternidade, diz muito pouco sobre o desejo e o gozo nas mulheres. Da mesma forma, podemos entender que, por não conseguir resolver este impasse, também não responde ao que faz de uma mulher homossexual.

Nos seus dois últimos artigos, retoma o par de opostos atividade-passividade, mas também não consegue esclarecer, apesar da libido ser única, tanto a serviço da masculinidade quanto da feminilidade, o porquê de haver uma prevalência na satisfação por meios passivos na posição feminina (André, 1987).

Um outro problema teórico é, para André (1987), a mudança de sexo. O autor se pergunta porque razão, para Freud, seria necessário que a mulher abdicasse sua sexualidade clitoridiana, ou pelo menos, favorecer em muito a vagina enquanto órgão sexual de maior importância. A resposta que o autor formula é a de que, para Freud, a feminilidade seria uma feminilidade toda, ou seja, que para ser feminina uma mulher teria que abrir mão de toda sua sexualidade fálica. Aqui André (1987) reconhece um ideal freudiano, o ideal de decifração do enigma da sexualidade feminina.

Para Prates (2001), a teoria freudiana acerca da sexualidade feminina esbarra e fica impedida de avançar justamente porque Freud não conseguiu abrir mão, totalmente, do aspecto natural da sexualidade – a anatomia, o primado da genitalidade. Ele deixou-se esquecer de que, no sujeito humano, “a natureza está para sempre perdida” (p. 46).

Assim, desta problemática, deste recorte que fizemos na nossa pesquisa, que já sabemos ser permeado de lacunas e pontos em aberto dentro da produção freudiana, se abrem muitas outras possibilidades de continuidade deste estudo. Uma delas seria fazer este mesmo recorte na teoria lacaniana, ou uma comparação entre escolas psicanalíticas sobre o tema da homossexualidade feminina, pois sabemos que, a partir de Freud, muitos posicionamentos diferentes formam tomados. Outra possibilidade seria um comparativo entre a proposta psicanalítica acerca do tema e o que propõem as teorias do gênero na atualidade.

Enfim, há uma infinidade de desdobramentos possíveis a partir deste ponto, muitas leituras são possíveis a partir do legado freudiano. Como já afirmamos no início deste trabalho, a psicanálise não é um campo de saber fechado e acabado, ela está em constante produção e

transformação. Por isso, conhecer a fundo as bases conceituais de uma teoria é tão importante para compreender as elaborações e transformações que ocorrem ao longo dos anos ou dos séculos.

Além disso, é importante e cabe aos psicanalistas acompanhar as modificações socioculturais. Os sujeitos são diferentes em diferentes momentos históricos. A clínica psicanalítica depende e deve dar atenção à essas modificações e transformações sociais. Como afirma Lebrun (2004) “o que o psicanalista ouve nessa defrontação com a clínica individual é igualmente ouvido por ele como operando no social; o que ouve dos avatares do sujeito é do mesmo tipo que o que ouve dos avatares do social” (p. 18).

Como afirmamos no início deste trabalho, os sujeitos homossexuais além de sofrerem de suas inibições, sintomas e angústia, padecem de conflitos com suas famílias e a sociedade em geral. São alvo de agressões de todos os tipos, ações discriminatórias, abusos...

Nas palavras de Freud (1930/1996):

Quanto ao indivíduo sexualmente maduro, a escolha de um objeto restringe-se ao sexo oposto, estando as satisfações extragenitais, em sua maioria, proibidas como perversão. A exigência, demonstrada nestas proibições, de que haja um tipo único de vida sexual para todos, não leva em consideração as dessemelhanças, inatas ou adquiridas, na constituição sexual dos seres humanos; cerceia, em bom número deles, o gozo sexual, tornando-se assim fonte de grave injustiça (p. 110)

Levando-se em consideração que a situação descrita por Freud em 1930 não está, infelizmente, muito diferente da que vivemos na atualidade, uma das funções da psicanálise seria a de servir de argumento contrário a estigmatização de qualquer forma de viver a sexualidade. Por isso, devemos seguir trabalhando.

## Referências

- Abrão, J. L. F. (2007, Março). Por um modelo metodológico de historiografia da psicanálise. *Pulsional – Revista de Psicanálise*, (189), 5-16.
- Abrão, J. L. F., & Ferreira, J. A. (2012). Estudos histórico-epistemológicos em psicanálise: possibilidades de pesquisa. In: V CIPSI - Congresso Internacional de Psicologia - Psicologia: de onde viemos, para onde vamos?, *Anais eletrônicos* Recuperado de <http://www.eventos.uem.br/index.php/cipsi/2012/paper/viewFile/579/248/>
- Abrão, J. L. F., & Furtado, G. M. F. (2010). Psicanálise e o Tempo – A clínica psicanalítica suas transformações e atualizações. In: ORGANIZA – Federación Psicoanalítica de América Latina, *Anais eletrônico FEPAL 2010*. Recuperado de <http://fepal.org/nuevo/images/stories/Ferreira-Abrao.pdf/>
- Allouch, J. (2005). *A sombra do teu cão: discurso psicanalítico, discurso lésbico*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- André, S. (1987). *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed.
- Azevedo, A. V. de (2013). De amores e flores: o caso da jovem homossexual de Freud. In Quinet, A., & Jorge, M. A. (Orgs.). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma.
- Barbero, G. H. (2005). *Homossexualidade e perversão na psicanálise: uma resposta aos gays and lesbian studies*. São Paulo: Casa do Psicólogo.LO
- Barbosa, J M. S. (2016). A condição de criança, a sexualidade e o saber. *Cadernos ESPUC*. (28). Recuperado de [file:///C:/Users/User/Downloads/13274-47486-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/13274-47486-1-SM%20(1).pdf)
- Birman, Joel. (1999). *Cartografias do feminino*. São Paulo: Ed. 34.
- Birman, Joel. (2002). *Feminilidades*. Rio de Janeiro: Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos.
- Ceccarelli, P. R. (2000, Setembro). Sexualidade e preconceito. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*. 3(3). Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v3n3/1415-4714-rlpf-3-3-0018.pdf>
- Ceccarelli, P. R. (2008). A invenção da homossexualidade. *Revista Bagoas*. 2, 71-93. Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2268/1701>
- Ceccarelli, P. R., & Franco, S. (2010). Homossexualidade: verdades e mitos. *Revista Bagoas*. 5, 119-129. Recuperado de <http://www.ceccarelli.psc.br/texts/homossexualidade-verdades-mitos.pdf>
- Chemama, R. (1995). *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Dias, E. A. (1998). *Relatos imaginários: uma abordagem possível da homossexualidade feminina a partir de uma leitura de Freud a Lacan*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

- Dor, J. (1991). *Estrutura e perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Drescher, J. (2013). A história da homossexualidade e a Psicanálise organizada. In Quinet, A., & Jorge, M. A. (Orgs). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma.
- Dunker, C. I., & Barbero, G. H. (2010). Lesbianismo e visibilidade. *A peste*. 2(1), 21-43. Recuperado de <http://revistas.pucsp.br/apeste/article/view/12073/8746>
- Ferreira, N. P. (2004). *A teoria do amor*. (Coleção Psicanálise Passo a passo). Rio de Janeiro: Zahar.
- Freud, S. (1996). *Projeto para uma psicologia científica*. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Edição Standard Brasileira, Vol. I). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1895]).
- Freud, S. (1996). *A interpretação dos sonhos*. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Edição Standard Brasileira, Vol. V). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1996a). *Fragmentos da análise de um caso de histeria*. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Edição Standard Brasileira, Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1996b). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Edição Standard Brasileira, Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1996). *Fantasia histéricas e suas relações com a bissexualidade*. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Edição Standard Brasileira, Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (1996). *Sobre um tipo especial de eleição de objeto no homem*. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Edição Standard Brasileira, Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (1996a). *A História do Movimento Psicanalítico*. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Edição Standard Brasileira, Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1996b). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Edição Standard Brasileira, Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1996). *Os instintos e suas vicissitudes*. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Edição Standard Brasileira, Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1996). *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Edição Standard Brasileira, Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).

- Freud, S. (1996). *Psicologia de grupo e análise do ego*. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Edição Standard Brasileira, Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (1996a). *Organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade*. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Edição Standard Brasileira, Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1996b). *O ego e o id*. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Edição Standard Brasileira, Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1996). *A Dissolução do Complexo de Édipo*. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Edição Standard Brasileira, Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1996). *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Edição Standard Brasileira, Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (1996). *O mal-estar na civilização*. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Edição Standard Brasileira, Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (1996). *Sexualidade Feminina*. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Edição Standard Brasileira, Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1931).
- Freud, S. (1996). *Conferência XXXIII Feminilidade*. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Edição Standard Brasileira, Vol. XXII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933[1932]).
- Freud, S. (1996). *Esboço de Psicanálise*. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Edição Standard Brasileira, Vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940[1938]).
- Garcia-Roza, L. A. (1997). *Freud e o Inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Garcia-Roza, L. A. (1990). *O Mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Garcia-Roza, L. A. (2000). *Introdução à metapsicologia freudiana 3*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Grant, W. H. (2002). Considerações sobre a homossexualidade feminina. In: *Psychê*. 6(9), 137-150. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa=30700911>
- Jerusalinsky, A. (2010). *Psicanálise e Desenvolvimento infantil: um enfoque transdisciplinar*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Jones, E. (1989). *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

- Jorge, M. A. C. (2013a). 12 pontuações sobre a bissexualidade. In Quinet, A., & Jorge, M. A. (Orgs.). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma.
- Jorge, M. A. C. (2013b). O real e o sexual: do inominável ao pré-conceito. In Quinet, A., & Jorge, M. A. (Orgs.). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma.
- Jorge, M. A. C., & Ferreira, N. P. (2010) *Freud – Criador da Psicanálise*. (Coleção Psicanálise Passo a passo). Rio de Janeiro: Zahar.
- Kehl, M. R. (2016). *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. São Paulo: Boitempo.
- Klipan, M. (2015). *Noção de feminilidade em Melanie Klein: subjetivações para além de um registro fálico*. (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de São Paulo, Assis, SP, Brasil.
- Lacan, J. (1995). *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. (Seminário proferido em 1956-1957).
- Lacan, J. (1998). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. (Seminário proferido em 1964).
- Laplanche, J. (1988). *Problemáticas II: castração – simbolizações*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.B. (1998). *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 3. Ed.
- Laznik, M. C. (2003). *O complexo de Jocasta: a feminilidade e a sexualidade sob o prisma da menopausa*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Lopes, M. M. F. (1997). *Conceito de amor em psicanálise*. São Paulo: Hacker/Cesp/Fapesp.
- Mariano, L. R. P. G. (2008). A histórica e a Outra: homossexualismo? *Interbio*. 2(1). Recuperado de [https://www.unigran.br/interbio/paginas/ed\\_anteriores/vol2\\_num1/arquivos/artigo5.pdf](https://www.unigran.br/interbio/paginas/ed_anteriores/vol2_num1/arquivos/artigo5.pdf)
- Marques, L. (2013). Sexualidade e ética psicanalítica. In Quinet, A., & Jorge, M. A. (Orgs.). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma.
- Maurano, D. (2013). Nos meandros do continente negro: questões sobre a homossexualidade feminina. In Quinet, A., & Jorge, M. A. (Orgs.). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma.
- Maya, A. (2001). Homossexualidade: o preconceito do discurso. In Escola Lacaniana de Psicanálise. *Gostar de mulheres*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

- Mezan, R. (2001). Psicanálise e pós-graduação: notas, exemplos e reflexões. In: *Psicanálise e Universidade*, 14, Porto Alegre: UFRGS.
- Miranda, E. R. (2013). A mais célebre epistolária da homossexualidade feminina. In Quinet, A., & Jorge, M. A. (Orgs.). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma.
- Molina, J. A. (2011). *O que Freud dizia das mulheres*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Nasio, J.-D. (1997). *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Ed.
- Nasio, J.-D. (2007a). *A fantasia: o prazer de ler Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Nasio, J.-D. (2007b). *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Oliveira, M. L. (2009). Pesquisa, Psicanálise e Pós-Graduação. In Oliveira, M. L. (Org.). *(Im)pertinências da educação: o trabalho educativo em pesquisa*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica. Recuperado de <http://books.scielo.org/id/vtzmp/pdf/oliveira-9788579830228-09.pdf>
- Paoliello, G. (2013). A despatologização da homossexualidade. In Quinet, A., & Jorge, M. A. (Orgs.). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma.
- Pereira, M. E. C. (2007, dezembro). Griesinger e as bases da “Primeira psiquiatria biológica”. *Revista latino-americana de Psicopatologia fundamental*, 10(4). Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142007000400010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142007000400010)
- Pollo, V. (2013). Desdobramentos freudianos da noção de bissexualidade. In Quinet, A., & Jorge, M. A. (Orgs.). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma.
- Pommier, G. (1992). Sobre a disposição das homossexualidades. In Pommier, G. *A ordem sexual: perversão, desejo e gozo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Prates, A. L. (2001). *Feminilidade e Experiência Psicanalítica*. São Paulo: Hacker Editores-FAPESP.
- Quinet, A. (2013). Homossexualidades em Freud. In Quinet, A., & Jorge, M. A. (Orgs.). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma.
- Quinet, A., & Jorge, M. A. (2013). Apresentação. In Quinet, A., & Jorge, M. A. (Orgs.). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma.
- Rabinovich, D. (2004). *Clínica da pulsão: as impulsões*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Ramos, G. A. (2008). *Histeria e psicanálise depois de Freud*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

- Ravanello, T., & Martinez, M. C. (2013). Sobre o campo amoroso: um estudo do amor na teoria freudiana. *Caderno de Psicanálise*. 35(29), 159-183. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v35n29/a10.pdf>.
- Rieder, I., & Voigt, D. (2008). *Desejos secretos: a história de Sidonie C., a paciente homossexual de Freud*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Roudinesco, E. (2008). *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Roudinesco, E. (2013). A psicanálise à prova da homossexualidade. In Quinet, A., & Jorge, M. A. (Orgs.). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Sasse, C. (2016). Homossexualidade feminina e visibilidade. *Psico.usp*. (2/3). Recuperado de <http://www.ip.usp.br/revistapsico.usp/index.php/25-sociedade-2/55-homossexualidade-feminina-e-e-visibilidade.html>.
- Vieira, L. (2009, junho). As múltiplas faces da homossexualidade. *Rev. Mal-estar subj.* .9(2). Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482009000200006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000200006).
- Zalcborg, M. (2003). *A relação mãe & filha*. Rio de Janeiro: Campus.
- Zalcborg, M. (2007). *Amor, paixão feminina*. Rio de Janeiro: Campus.